

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

MIKI TAKAO SATO

**VIDA CULTURAL, ECONÔMICA E COTIDIANO DE
MULHERES AFRICANAS EM SÃO PAULO:
CONTRIBUIÇÕES PARA A TERAPIA OCUPACIONAL**

São Carlos
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

MIKI TAKAO SATO

**VIDA CULTURAL, ECONÔMICA E COTIDIANO DE
MULHERES AFRICANAS EM SÃO PAULO:
CONTRIBUIÇÕES PARA A TERAPIA OCUPACIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Terapia Ocupacional,
para obtenção do título de mestre em
Terapia Ocupacional.

Linha de Pesquisa: *Redes Sociais e Vulnerabilidade.*

Orientação: Profa. Dra. Denise Dias Barros

São Carlos
2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Miki Takao Sato, realizada em 20/02/2017:

Profa. Dra. Denise Dias Barros
USP

Profa. Dra. Carla Regina Silva
UFSCar

Profa. Dra. Débora Galvani
UNIFESP

À minha família.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho percorreu um longo caminho até sua finalização. Dúvidas, incertezas, momentos especiais, inquietações, insegurança, conquistas. Embora parecesse solitário em muitos momentos, contou com o incentivo, cuidado e contribuições de pessoas muito especiais. Meus agradecimentos mais sinceros são para todos que desde então caminharam junto comigo nesta trajetória, e que me deram a possibilidade de assim, chegar até aqui!

Agradeço imensamente à Denise, que me inspira há muito tempo, e desde então acompanha-me, incentiva-me a criar novos mundos e a enxergar horizontes criativos. Obrigada, sempre!

Ao Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional e aos seus professores, obrigada pelo apoio, discussões e reflexões que nos fazem querer sempre buscar desafios.

À Carla Regina Silva, Debora Galvani, Ana Paula Malfitano, Fatima Oliver e Marta Almeida, pela disponibilidade, pelas contribuições fundamentais nas bancas, e também pelo cuidado e carinho com que me acompanharam até o final.

Aos meus pais, que sempre estão por perto e que me incentivam a buscar novos caminhos. Obrigada pelo apoio em todos os momentos!

À minha irmã Yuri, que sempre cuida tão bem de mim!

Aos Takaos e aos Satos: tios e tias, primos e primas. Sem vocês a vida não tem graça!

Ao Metuia, que ainda na época da graduação recebeu-me de braços abertos. E desde então tem me mostrado uma Terapia Ocupacional inspiradora, da qual tenho muita alegria de construir junto.

À minha turma de Mestrado do PPGTO/2015: Belle, Bruna, Carol, Isa, Jac, Lays, Luma, Mari, Natasha, Paula, Sofia, Stephany. Não estive perto sempre, mas ainda assim sempre me senti acolhida por vocês. Obrigada por tudo, meninas!

À Casa das Áfricas e seus Amanares. Obrigado pelo apoio, incentivo e parceria!

Ao grupo de orientação: Marina, Amabile, Mahfouz, Valdir, Edson, Eric, Ligia, Carol, Debora, pelas trocas, aprendizados e também por acolherem minhas angústias acadêmicas.

À Gabriela Marques, pela transcrição cuidadosa das entrevistas.

Ao Frank Ferreira, pela revisão atenta do texto.

À Berenice Young, Cleide Vitorino, Ester Vargem, Lúcia Udemezue, pela generosidade com que compartilharam suas experiências.

À Guataí e sua família, que me hospedaram tão bem em São Carlos.

À Papelaria Risk&Rabisk, pelo apoio técnico fundamental de sempre.

À Regiane, que me apresentou à Mariama, e ainda por cima, é uma amiga querida.

Ao Mahfouz, obrigada pelas contribuições e pelo incentivo em momentos essenciais do percurso da pesquisa.

Ao Adama, pela disponibilidade de sempre receber no seu espaço, conversar e trocar reflexões.

Ao Assane e ao Victor, pela disponibilidade com que também me acolheram e dividiram suas histórias.

À Amabile, que se tornou uma amiga especial.

À Debora e Marina, obrigada pela cumplicidade, cuidado, apoio e pelas parcerias, no trabalho e na vida.

À Mafê, que faz tanta falta por aqui!

À Mari e Tânia, por compartilharmos tantas coisas. Quero vocês sempre por perto!

Aos meus amigos, que sempre me acompanharam, entenderam minhas ausências, incentivaram-me, e com quem vivo a vida de forma mais leve e divertida.

E por fim, meu agradecimento especial à Apoliana, Lenna, Mariama, Melanito, Fanta, Nádia e Soda. Obrigada por compartilharem suas vidas, abrirem seus espaços, contarem suas histórias e por dividirem tantos momentos juntas. Pela generosidade, confiança e disponibilidade que tiveram comigo. Mulheres que tive a sorte de conhecer e que desde então me inspiram a ousar, criar e refletir em novos caminhos.

Contudo, uma viagem vale não só por aquilo que nos dá e se pode prender entre as mãos ou conservar guardado nos cofres da memória, mas também por aquilo cuja falta nos faz sentir, convidando-nos a voltar ao cais e sair de novo ao largo, em busca do que nos fez entrever como promessa. E é sobre essa promessa que convém, finalmente, refletir. Relembremos, pois, o que nos ensinava Kavafis, ao rememorar em um poema célebre o retorno à Ítaca, recomendando ao viajante gastar seu tempo e atardar-se, ao considerar a qualidade dos perfumes, a textura das sedas, o gosto acre dos vinhos, o desenho das joias, a cor da pele das mulheres estrangeiras, tudo o que, encontrado nas terras longínquas, sendo efêmero e passageiro, no entanto, graças à alquimia da memória, se integraria depois para sempre à experiência, impregnando-a com a própria substância da vida.

Maria Lúcia Montes

RESUMO

A proposta do trabalho é discutir a vida econômica e a dinâmica das trocas cotidianas das mulheres africanas que residem na cidade de São Paulo, propondo uma discussão desses aspectos enquanto produção de sentido, emancipação, diálogo intercultural e agenciamentos coletivos. O panorama histórico da migração no mundo, no Brasil e em São Paulo sempre foi marcado por problemáticas e características diversas. No Brasil, ainda rege uma legislação autoritária e restritiva que não responde às demandas contemporâneas dos fenômenos migratórios. Em São Paulo, uma Política Municipal para População Migrante tem sido construída por atores da sociedade civil, do poder público, de movimentos sociais e pela própria comunidade migrante, onde estabeleceram novos diálogos para essas demandas. Apesar das dificuldades e desafios, presencia-se outros olhares e novas possibilidades que buscam um maior diálogo com os pressupostos de direitos humanos e cidadania. São apresentadas algumas dessas ações e também um panorama das instituições e serviços, formais e informais, para a população migrante. São Paulo vivencia uma importante presença da migração africana e também da mulher africana, sobretudo exercendo alguma atividade econômica. Essa mobilidade tem ocorrido em várias dimensões: estudo, trabalho, refúgio, novas oportunidades e a temática da África assumida na perspectiva deste trabalho é de um olhar de contribuição cultural, artística e intelectual. Há na cidade, também, um movimento crescente de valorização da cultura afro-brasileira e do protagonismo de gênero. Ao estabelecerem-se na cidade, as mulheres africanas deparam-se com esse contexto e vão buscar uma interlocução através das suas atividades gastronômicas, culturais, políticas e estéticas. A contextualização teórica traz reflexões da antropologia, etnografia, terapia ocupacional social, antropologia urbana e discussão sobre vida econômica. O presente trabalho desenvolveu-se por meio de pesquisa de campo etnográfica, tendo como base observação, entrevistas e convívio em situações cotidianas e de trabalho das interlocutoras. Os registros em cadernos de campo resultaram na descrição de quatro narrativas principais e também compuseram o trabalho histórias de outras mulheres africanas que têm tido presença marcante na luta pelos direitos humanos, protagonismo de gênero e valorização das contribuições artísticas para a cidade. As experiências foram apresentadas através de uma análise e discussões transversais, perpassando reflexões com conceitos de cotidiano, vida econômica, atividade e cultura. A temática da migração tem encontrado ressonância em trabalhos na terapia ocupacional internacional e do Brasil há anos, sendo diálogos necessários para os novos desafios da profissão. O terapeuta ocupacional, que também dialoga com questões da contemporaneidade, com processos de ruptura de redes de suporte, e que também propõe novas possibilidades de projetos de vida, é um dos profissionais chamados para se inserir nesse cenário. Um dos principais desafios do trabalho foi produzir uma reflexão do papel do profissional e de pesquisadora e suas interlocuções entre campo e pesquisa. A reflexão dos direitos humanos, gênero e vida econômica na migração poderão alicerçar tecnologias sociais em terapia ocupacional para trabalhar questões que emergem de conflitos sociais e, também, dos problemas de uma sociedade marcada pelas desigualdades em constante movimento.

Palavras-chave: Migração. África. Terapia ocupacional social. Trabalho. Mulher.

ABSTRACT

The purpose of this study is to discuss the economic life and daily exchange dynamic of African women living in the city of São Paulo, proposing a discussion of these aspects as meaning production, emancipation, intercultural dialogue and collective actions. The historical overview of migration in the world, in Brazil and São Paulo has always been marked by problems and various challenges. In Brazil, it still rules an authoritarian and restrictive legislation, which does not answer the contemporary demands of migratory phenomena. In São Paulo, a Municipal Politics for Migrant Population has been built by actors from civil society, government and social movements and the migrant community, where they have established new dialogues for these demands. Despite the difficulties and challenges, there are other perspectives and new possibilities that seek a greater dialogue with human rights and citizenship presuppositions. Some of these actions are introduced, as well as an overview of formal and informal institutions and services for the migrant population. São Paulo experiences an important presence of African migration, as well as of African women, especially with some economic activity. This mobility has occurred in several dimensions: study, work, refuge, new opportunities and the African theme assumed in the perspective of this work is a cultural, artistic and intellectual contribution. There is also a growing movement in the city for the appreciation of Afro-Brazilian culture and gender protagonism. When they stay in the city, African women are confronted with this context and seek a dialogue through their gastronomic, cultural, political and esthetics activities. The theoretical contextualization brings reflections of anthropology, ethnography, social occupational therapy, urban anthropology and discussion on economic life. The present work was developed through the ethnographic field research based on observation, interviews and living in everyday situations and work of the interlocutors. The data of the field notebooks resulted in the description of four main narratives and stories of others African women also composed the work, whose women has been a significant presence in the struggle for human rights, gender protagonism and appreciation of artistic contributions to the city. The experiences were presented through an analysis and transversal discussions, permeating reflections with concepts of daily, economic life, activity and culture. The theme of migration has found repercussion in productions in international occupational therapy and in Brazil for years, these are necessary dialogues for the new challenges of the career. The occupational therapist who also dialogues with contemporary issues, with processes of rupture of support networks, and who also proposes new possibilities for life projects, it is one of the professionals called to enter this scenery. One of the main challenges of the work was to produce a reflection on the professional's role and researcher and their interlocutions between field and research. The reflection on human rights, gender and economic life in migration could built social technologies in occupational therapy to address issues that emerge from social conflicts and from the problems of a society marked by ever-changing inequalities.

Keywords: Migration. Africa. Social occupational therapy. Work. Woman.

LISTA DE ABREVIATURAS

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
ADUS	Instituto de Reintegração do Refugiado
CAMI	Centro de Apoio e Pastoral do Migrante
CATe	Centro de Apoio ao Trabalho e Empreendedorismo
CDHIC	Centro de Direitos Humanos e Cidadania do Imigrante
CMDH	Comissão Municipal de Direitos Humanos
CNIg	Conselho Nacional de Imigração
Comigrar	Conferência Nacional sobre Migrações e Refúgio
CONARE	Comitê Nacional para os Refugiados
CPF	Cadastro de Pessoa Física
CPMig	Coordenação de Políticas para Migrantes
CRAI	Centro de Referência e Acolhida para Imigrantes
CROPH	Coordenação Regional de Obras de Promoção Humana
EMESP	Escola de Música do Estado de São Paulo
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDDAB	Instituto do Desenvolvimento da Diáspora Africana no Brasil
MASP	Museu de Arte Assis Chateaubriand
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PEC-G	Programa de Estudantes-Convênio de Graduação
PEC-PG	Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação
RNE	Registro Nacional do Estrangeiro
SEFRAS	Serviço Franciscano de Solidariedade
SERMIG	Servizio Missionario Giovani
SESC	Serviço Social do Comércio
SMDHC	Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania
SUAS	Sistema Único da Assistência Social
TO	Terapia Ocupacional
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFP	Universidade Federal do Pará
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
UNILAB	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: MOTIVAÇÕES E PERCURSOS	11
1.1 O trabalho de campo	17
1.2 Metodologia, análise e cuidados éticos.....	22
2. SITUANDO A TEMÁTICA DA PESQUISA	31
2.1 A migração feminina no cenário da mobilidade humana e a dimensão de gênero.....	34
2.2 O panorama histórico da imigração no Brasil e na cidade de São Paulo.....	40
2.3 O imigrante no Brasil: marcos legais.....	42
2.4 A sociedade civil e a construção da Política Municipal para População Migrante na cidade de São Paulo	46
2.5 O cenário da imigração recente na cidade de São Paulo: serviços, iniciativas, coletivos	52
3. MIGRAÇÃO AFRICANA CONTEMPORÂNEA PARA O BRASIL	61
3.1 Panorama da migração africana contemporânea no Brasil e na cidade de São Paulo	61
3.2 O cenário da cidade de São Paulo e a presença da mulher africana	63
4. NARRATIVAS: ATIVIDADES EM HORIZONTES DIVERSOS DE MULHERES AFRICANAS EM SÃO PAULO	68
4.1 Melanito: persistência e empreendimentos.....	69
4.2 Mariama: interfaces culturais e artísticas.....	79
4.3 Lenna: buscas e interculturalidade.....	85
4.4 Apoliana: dimensões estéticas e religiosas	91
4.5 Mulheres africanas na cena pública em São Paulo: outras experiências em performances, artes e cultura	97
4.6 Economia de vida como eixo temático para apreensão da mobilidade humana: discussão transversal sobre as narrativas	104
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
5.1 Atividade humana, cotidiano e cultura em processos migratórios como contribuições para a Terapia Ocupacional Social	110
5.2 Desafios contemporâneos para a Terapia Ocupacional	118
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	121
APÊNDICE — Narrativas em imagens: momentos do trabalho de campo	136
ANEXO A — Matérias sobre o restaurante Biyou'z	147
ANEXO B — Matérias sobre Lenna.....	150
ANEXO C — Matéria sobre Mama Nossa Cultura	153
ANEXO D — Matéria sobre a cena gastronômica e cultural trazida pelos imigrantes	155

1. INTRODUÇÃO: MOTIVAÇÕES E PERCURSOS

A temática da migração tem encontrado ressonância em trabalhos e reflexões na terapia ocupacional há vários anos, sendo construções e diálogos importantes que abrem novas possibilidades e desafios para a profissão. Há pesquisadores dedicando-se às questões circundadas à mobilidade humana, no âmbito das migrações, situações de refúgio ou de descolamentos devido às catástrofes naturais.

Na literatura internacional da terapia ocupacional, os estudos têm se voltado principalmente para educação e saúde, saúde mental e saúde da mulher (DYCK, 1992; KINÉBANIAN; STOMPH, 1992; POOREMAMALI; PERSSON; EKLUND, 2011; SANTOS-TAVARES; THORÉN-JÖNSSON, 2013; WERGE-OLSEN; VIK, 2012). Soma-se a estes o trabalho de Pizzi (2015) sobre o modelo de intervenção em comunidades atingidas pelo furacão Sandy em 2012, nos Estados Unidos. No Canadá, a migração na interface com saúde e trabalho tem sido preocupação nas pesquisas de Davy et al. (2014), onde discutiram a aplicação da metodologia dos Mapas Corporais com refugiados.

É importante ressaltar que o artigo 5º da Resolução nº 406 do Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (CONSELHO FEDERAL DE FISIOTERIA E TERAPIA OCUPACIONAL, 2011) prevê a ação da terapia ocupacional nos contextos sociais nas áreas de migração e deslocamento. Além disso, a Federação Mundial de Terapia Ocupacional (WORLD FEDERATION OF OCCUPATIONAL THERAPISTS, 2014) também coloca a mobilidade humana como uma das declarações, juntamente com diversidade e cultura, direitos humanos, dentre outras. A WFOT enfatiza como desafio a atuação nesse contexto e propõe estratégias para o trabalho nos papéis da vida diária, desempenho ocupacional e atividades na comunidade (WORLD FEDERATION OF OCCUPATIONAL THERAPISTS, 2014).

Aqui no Brasil existem, igualmente, publicações apontando para uma demanda social crescente. Sato, Barros e Almeida (2007) assinalavam há quase dez anos a presença crescente de africanos em albergues na cidade de São Paulo, vindos de diferentes lugares e de contextos de violação de direitos humanos, sobretudo de países com conflitos armados. A mobilidade humana foi, igualmente, abordada em trabalhos de Barros (2010, 2015), Barros e Galvani (2016), Pierote-Silva (2014) e Savadogo (2014), em diferentes vertentes de pesquisa, tematizando a interlocução com mobilidade estudantil, religiosidade e busca de

conhecimento, e a reflexão sobre mobilidade e direitos humanos. Nestes estudos, a cultura — enquanto modo de vida, formas relacionais, ética, estética e de expressões do sagrado que criam sentidos, pertencimentos e identidades — é um dos eixos organizadores das reflexões e das metodologias de ação e construção de conhecimento em terapia ocupacional.

Desde 2011, a parceria da Casa das Áfricas — Núcleo Amanar¹ com o Projeto Metuia/Terapia Ocupacional (TO) — Universidade de São Paulo (USP)² tem conduzido, no campo da cultura, da educação e dos direitos humanos, diferentes iniciativas de estudos, extensão universitária, formação e debates sobre mobilidade humana, diversidade cultural, artes e migração africana em São Paulo. Os trabalhos têm pautado a necessidade de discussão e projetos de enfrentamento da questão da diferença, da diversidade, do combate ao racismo e da afirmação dos direitos humanos, com base no reconhecimento dos pertencimentos e valores multiculturais. Além disso, têm buscado fortalecer ações de valorização de conhecimento acadêmico, cultural e social dos imigrantes africanos residentes no Brasil, através de projetos de extensão, mapeamento de artistas africanos e promoção de discussões com pesquisadores acadêmicos africanos no Brasil. (GALVANI et al., 2015; TANGERINO et al., 2015).

Assim, esta pesquisa integra a construção teórico-prática neste campo, com apoio da Casa das Áfricas — Núcleo Amanar. Nesse espaço formativo, fomentam-se discussões sobre migração e mobilidade africana e, ao mesmo tempo, empreendem-se ações práticas de suporte social, educacional e cultural a imigrantes africanos/as (PIEROTE-SILVA et al., 2014). A Casa das Áfricas, junto com o Projeto Metuia/USP, participou na formulação de propostas e articulação com os movimentos sociais ligados aos direitos dos imigrantes na cidade de São Paulo, através da presença ativa nas audiências públicas, conferências (municipais, estaduais e federais) e debates sobre a temática. Uma frente assumida pela parceria foi a reivindicação e mobilização dos estudantes migrantes e de seus direitos nas pautas dos encontros. A Casa também contribuiu, junto com os demais atores, para a inserção da presença de africanos nesse debate, até então marcada principalmente pela mobilização dos latino-americanos. A participação dos estudantes e dos bolsistas dos projetos de extensão vinculados ao curso de

¹ Instituto cultural, de formação e de estudos sobre sociedades africanas, localizada em São Paulo. O Núcleo Amanar é um coletivo voltado para pesquisa, de formação e promoção de atividades culturais e artísticas relacionadas ao continente africano.

² Núcleo interinstitucional de estudos, formação e ações pela cidadania de crianças, adolescentes e adultos em processos de ruptura das redes sociais de suporte, atualmente com quatro núcleos: Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

graduação de terapia ocupacional da USP foi importante para a formação profissional e acadêmica, além da inserção social da terapia ocupacional nesses novos contextos.

Já encontramos na literatura acadêmica muitos trabalhos e pesquisas sobre a temática da migração africana para o Brasil, sob múltiplas óticas: processos migratórios enquanto projeto de vida da formação educacional, violação de direitos humanos e questões de xenofobia e preconceito, análise de histórias de vida, processo histórico da migração africana contemporânea, entre tantos outros (FRANCALINO; PETRUS, 2008; KALY, 2001; MUNGOI, 2012; RODRIGUES, 2014; SERRANO, 2011; SUBUHANA, 2009; TELES, 2013).

Em seu trabalho sobre estudantes africanos nas universidades gaúchas, Mungoi (2012) faz um relato etnográfico de sua pesquisa. Os estudantes chegam ao país como angolanos, cabo-verdianos, guineenses, moçambicanos, senegaleses, mas logo imediatamente tornam-se todos estudantes africanos. A autora discute no trabalho que as identidades múltiplas (nacionais, continentais e raciais) desses estudantes são permeadas por ambiguidades, conflitos, fortalecimento das redes e desafios. Por meio de festas, vestimentas, comidas típicas, danças e outras práticas e vivências cotidianas, esses grupos procuram construir, fortalecer e ressignificar novas possibilidades identitárias, individuais e coletivas, nacionais ou continentais, culturais e econômicas, entre tantas outras.

Durante a gestão do governo federal brasileiro, de 2003 a 2010, por exemplo, foram assinados vários acordos de cooperação técnica internacional entre Brasil e alguns países africanos, resultando no fortalecimento e expansão dos Programas de Estudantes-Convênio de Graduação e Pós-Graduação (PEC-G e PEC-PG) e na vinda de estudantes africanos para as universidades brasileiras (BARROS; NOGUEIRA, 2015). Assim, as pessoas têm vindo ao Brasil por motivos diversos, e não apenas para fugir de guerras, fome, violência, como frequentemente os grandes veículos de comunicação apresentam e reforçam essa visão simplista e generalista.

A migração africana no Brasil tem ocorrido em várias dimensões. Como veremos, as pessoas buscam inserções de estudo, trabalho, de novas oportunidades e desafios. A cidade de São Paulo tem como desafio o diálogo com novas perspectivas da mobilidade humana, que interrompem a lógica de uma visão simplista e carregada de estereótipos, e se voltam para uma abordagem que dialogue com a mobilização política, o protagonismo e cidadania.

Assim, a temática da África, na perspectiva deste trabalho assume outra dimensão, saindo do lugar-comum de discussão do subdesenvolvimento, do tradicional e de violência e miséria, para um olhar de valorização, de contribuição cultural, artística e intelectual. Achille Mbembe, pesquisador, historiador e cientista político camaronês, faz uma discussão sobre arte contemporânea e reconhecimento cultural em África, que podemos tomar emprestado para essa reflexão:

Para que a África do Sul atinja plenamente o seu potencial, o país necessita de se imaginar como uma nação “afriopolitana” precursora de uma versão da modernidade africana já visível na maior parte dos modelos artísticos e culturais africanos contemporâneos. Do mesmo modo, o país deve distanciar-se de uma visão da cultura como coisa pertencente ao passado, limitada apenas aos costumes e às tradições, aos monumentos e museus. Precisamos de tomar consciência de que a cultura não é uma outra forma de “serviço de abastecimento”, mas o modo como os seres humanos imaginam e arriscam pelo seu próprio futuro. Sem esta dimensão de futuro e de imaginação, não se pode de modo nenhum inscrever o nosso nome próprio ou articular a nossa própria voz (MBEMBE, 2010, s/p).

A mobilidade não tem sido feita somente por necessidades ou motivos de guerras. O autor chama a atenção para outras buscas e inserções. A dimensão imaginativa dos seres humanos compõe uma das bases da mobilidade, em que sonhos, desejos e intenções são motores da criatividade e das reinvenções das atividades cotidianas e das relações de troca que se estabelecem.

A identidade africana não existe como substância. Ela é constituída, de variantes formas, através de uma série de práticas, notavelmente as *práticas do self*. Tampouco as formas desta identidade e seus idiomas são sempre idênticos. E tais formas e idiomas são móveis, reversíveis e instáveis. Isto posto, elas não podem ser reduzidas a uma ordem puramente biológica baseada no sangue, na raça ou na geografia. Nem podem se reduzir à tradição, na medida em que o significado desta última está constantemente mudando (MBEMBE, 2001, p. 199).

O autor faz importante reflexão crítica sobre a falsa existência de uma única e simplista identidade africana e a necessidade de superação da lógica da igualdade e da neurose pela vitimização, para a possibilidade de formas culturais diversas dentro da mesma humanidade e dentro de uma relação de alteridade (MBEMBE, 2001, p. 183). Assim, africanos e africanas inventam modos singulares, múltiplos e diversos de se inscrever no mundo.

Para falar sobre os motivos da escolha do tema da pesquisa, também busquei na memória alguns pontos da minha trajetória. Nasci em São Paulo e sempre morei aqui.

Entretanto, assim como grande parte dos brasileiros, vim de uma família de imigrantes. Meus avós, que vieram do Japão, fizeram o clássico movimento migratório de virem ao Brasil em busca de melhores condições de vida, no começo dos anos 1930. Aqui, instalaram-se no interior de São Paulo para trabalhar nas plantações agrícolas. Formaram suas famílias e tiveram seus filhos em Catanduva, Peruíbe e Tupã. Meus pais vieram de suas cidades para a capital paulista e aqui se estabeleceram desde então.

Meu interesse profissional na temática africana nasceu ainda na graduação, período em que conclui pesquisa de monografia sobre africanos refugiados na cidade de São Paulo (SATO, 2004). Em 2005, participei de pesquisas acadêmicas na Casa das Áfricas sobre mulheres imigrantes no sistema prisional, nos veículos de comunicação brasileiros e sobre estudantes africanos em convênios educacionais nas universidades brasileiras.

Além disso, na prática profissional, como terapeuta ocupacional de um serviço de saúde no centro da cidade de São Paulo, deparei-me com diversas situações em que a temática da migração perpassava o trabalho. Embora não fosse um serviço específico para os imigrantes, muitos chegavam ao serviço à procura de informação e orientação, para acessar o serviço, ou simplesmente de alguém que pudesse intermediar a comunicação e a tradução em outra língua. Assim, retomei a temática de forma mais direta em 2014, através da formação dos estudantes nas disciplinas teóricas e práticas do curso de Terapia Ocupacional da USP e das atividades da Casa das Áfricas. Foi durante o acompanhamento de atividades de estágios curriculares dos graduandos que entrei em contato com africanas que vivem ou trabalham no centro da cidade de São Paulo.

Um olhar para a migração foi reverberando algumas inquietudes, a partir das minhas vivências com a temática, das percepções sobre suas influências históricas na dinâmica cultural da cidade, minha circulação por vários espaços (culturais, políticos) da cidade, a variedade gastronômica de restaurantes de diversos países, minhas relações pessoais e profissionais estabelecidas com pessoas de vários lugares do mundo, juntamente com as incursões pela temática através das atividades da Casa das Áfricas. Eram aproximações que, ao longo da minha trajetória, instigaram algumas reflexões, questionamentos e curiosidades que foram sendo delimitadas para este estudo.

O panorama da migração africana contemporânea na cidade de São Paulo revela-se em uma pluralidade de configurações. Transitando por esses espaços urbanos, coletivos, movimentos sociais de direitos humanos dos imigrantes e pelos vários cenários econômicos e

culturais, a presença das mulheres migrantes, principalmente as africanas, foi se tornando evidente, cada vez mais instigante. Além disso, São Paulo vivencia atualmente um cenário multicultural, onde a temática da migração concomitante ao fortalecimento dos movimentos de protagonismo feminino ganha destaque nos debates acadêmicos e no cenário social, cultural e econômico.

Durante um desses percursos pela cidade, por exemplo, em atividade de formação de graduandos de terapia ocupacional, fizemos contato com Soda Diop Diamou Fallou, conhecida também como “Grande Mama”,³ esposa de importante líder religioso senegalês que vive em São Paulo. Ela possui um ponto de venda de artigos de confecção e artesanatos na praça da República, na região central da cidade, onde há grande concentração de africanos. Lá vende tecidos, roupas, turbantes e outros produtos africanos. Tem sido destaque na comunidade africana por seu empreendedorismo e pela divulgação da estética afro. Trabalho, portanto, não se reduz a emprego ou atividade econômica vinculada a remuneração, mas a “possibilidade de os sujeitos participarem do mercado de trocas sociais permite gerar e transformar valores” (GHIRARDI et al., 2005, p. 603).

A partir desses elementos, fui delineando possíveis questões e reflexões. Como a cidade de São Paulo tem dialogado com a temática da migração africana contemporânea, na perspectiva dos serviços e das políticas públicas? Como se configura a vida das mulheres provenientes do continente africano na cidade de São Paulo? Que tipo de trabalho estabelecem? Como agenciam suas vidas cotidianas, culturais e de trabalho? Como acessam (se o fazem) os diversos tipos de serviços e recursos? Interessava-me ir além de produzir uma reflexão sobre a mobilidade feminina para São Paulo, propondo uma discussão sobre suas dinâmicas culturais ligadas à vida econômica (MAGNANI, 2008), criando novas possibilidades de vida no cenário urbano. Assim, a presente pesquisa surgiu no contexto de uma parceria com a Casa das Áfricas — Núcleo Amanar.

Esta dissertação tem como objetivo central conhecer e discutir a vida econômica e as dinâmicas das trocas cotidianas de mulheres africanas que escolheram São Paulo para residir nos últimos anos. De forma mais detalhada, interessa:

- Descrever o cotidiano, sobretudo vinculado à vida econômica, das mulheres africanas em São Paulo: onde vivem, por onde circulam, onde trabalham, quais são suas redes de suporte, como constroem sentidos para o que fazem;

³ Forma de tratamento que retoma as práticas africanas em que se nomeiam como mães as mulheres de gerações das mães dos jovens migrantes. Por extensão, passou a ser utilizada por grande número de pessoas.

- Conhecer seus espaços de pertencimento construídos, bem como seus modos de apropriação da cidade, seus circuitos culturais e formativos;
- Apreender as formas (demandas) de recorrer às instituições/iniciativas de atenção aos imigrantes na cidade de São Paulo no apoio aos processos de organização da vida econômica;
- Analisar sua percepção sobre o lugar da mulher em processos de migração, sobretudo em São Paulo.

1.1 O trabalho de campo

Das grandes descobertas que fazemos ao longo de uma pesquisa de campo, uma das mais recorrentes refere-se à opacidade que parece caracterizar toda a comunicação humana.

No campo, é frequentemente através da experiência que aprendemos, muito mais do que pela troca verbal com os nossos informantes. A experiência de algum modo nos afeta (NOVAES, S. 2008, p. 467-468).

O presente trabalho desenvolveu-se por meio de pesquisa de campo em percursos etnográficos com mulheres que conheci em diversas situações. A pesquisa de campo também contemplou visitas institucionais, entrevistas e conversas com pessoas referenciais nos campos estudados, leituras de artigos de jornais e revistas, pesquisas em websites, participação em eventos culturais e políticos, entre outros. Como ressalta Magnani (2002, p. 17):

O método etnográfico não se confunde nem se reduz a uma técnica; pode usar ou servir-se de várias, conforme as circunstâncias de cada pesquisa; ele é antes um modo de cercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos.

A temática da pesquisa foi sendo mais bem definida a partir do trabalho inicial de estudo do território, neste caso a região central da cidade de São Paulo, por visitas em instituições de assistência, em diversos debates sobre a temática da migração africana em São Paulo. No primeiro momento, realizei algumas visitas institucionais a serviços e instituições que acolhem de maneira direta ou indireta a demanda dos imigrantes na cidade. Como veremos adiante, centros de acolhida e de atenção à população migrante, serviços e iniciativas da sociedade civil compõem o cenário. Além disso, participei de seminários, simpósios,

reuniões e articulações de movimentos sociais e das secretarias municipais relacionados à temática.

Para Vagner Silva (2006), o campo não é linear, pode também ser permeado através das leituras, de relatos de outras pessoas, não somente da experiência em si. Concomitantemente, conversei com algumas pessoas que, de alguma maneira, se tornaram referência nos assuntos da migração, dos direitos humanos ou do protagonismo feminino. Encontrei e conheci militantes na questão da mobilização por políticas públicas e efetivação dos direitos humanos, pertencentes a movimentos sociais e coletivos de imigrantes africanos, lideranças de conselhos participativas do município, artistas e pesquisadores envolvidos com a temática africana ou a discussão do gênero.

Essas explorações iniciais mostraram-se valiosas para que os contornos da pesquisa fossem definidos. Entender e situar o contexto político, cultural e social da imigração africana contemporânea na cidade de São Paulo tornou-se fundamental para a chegada até às mulheres. Como veremos ao longo do trabalho, a cidade tem vivenciado uma mobilização política, cultural e social importante na pauta da migração, evidenciando ainda mais a relevância da temática.

A partir desse panorama inicial, o passo seguinte foi encontrar as mulheres do estudo. O desafio era ir ao encontro dessas pessoas, construir um lugar e uma relação dialógica possível. Além dessas vivências e da minha inserção no campo através das atividades da Casa das Áfricas, conheci algumas mulheres. A partir desse panorama e de contatos prévios, configurou-se um recorte inicial de interlocução com quatro africanas que foram convidadas para a pesquisa. Os critérios fundamentais eram que essas mulheres fossem provenientes de países africanos e que estivessem exercendo alguma atividade econômica na cidade de São Paulo. Foram contatadas previamente, expliquei meus objetivos e a pesquisa e então foi feito o convite para que colaborassem com o trabalho.

Entendendo que, numa pesquisa de recorte etnográfico, o campo não se esgota no planejamento prévio e delimitado, mas é estabelecido através de um diálogo processual, através da incursão pelo campo, pela criação de estratégias de apreensão da realidade e pelas possibilidades de trocas. Assim, o estudo teve base na observação, em entrevistas abertas, conversas, acompanhamento e convívio em situações diversas do cotidiano e de trabalho das mulheres.

O trabalho de campo com as mulheres estendeu-se de agosto de 2015 a junho de 2016. A dinâmica estabelecida com cada uma delas foi sendo construída conjuntamente, em processos e momentos diferentes. Conforme estabeleci o contato, acompanhei seus processos de trabalho e de vida cotidiana, conforme as demandas, sugestões e oportunidades que apareceram. Os locais das conversas e dos encontros, assim como os assuntos e temas discutidos com cada uma delas foram sendo negociados e construídos ao longo do processo.

Assim, o que observar, como me aproximar das pessoas, como perguntar, o que acompanhar, como entender as dinâmicas das relações estabelecidas, foram algumas das indagações que atravessaram o trabalho a todo o momento, exigindo sistematização e reflexão contínuas.

A importância que o trabalho de campo assume no desenvolvimento das etnografias faz com que muitas vezes os grupos contatados sejam vistos como o “capital” do antropólogo ou sua “rede de campo”, isto é, um conjunto de relações sociais que o antropólogo estabelece com as pessoas pesquisadas e que permite a realização do trabalho etnográfico. A construção dessa rede geral geralmente leva muito tempo e exige paciência: é preciso ter acesso ao grupo, familiarizar-se com ele, enfrentar conflitos, aprender regras a duras penas, até que se estabeleça um clima de confiança mútua e colaboração (SILVA, V. 2006, p. 32).

Como observou Vagner Silva (2006), enfrentei conflitos, levei tempo, aprendi regras, para então entender a dinâmica do trabalho etnográfico e os desafios de estar em campo e estabelecer uma inserção nos espaços, onde fui conhecendo as mulheres e situando meu lugar nesse cenário e nessa relação dialógica. O campo sempre foi e é permeado de muitos desafios, dificuldades, surpresas. Caminhar debaixo de chuva, fazer compras sob calor intenso, ficar horas em pé acompanhando o movimento do comércio foram algumas situações colocadas em questão no fazer etnográfico. Para o autor, o trabalho de campo é o próprio da alteridade, onde “as culturas só se encontram através dos encontros dos homens” (SILVA, V., 2006, p. 25).

Os registros, anotações, percepções, dúvidas, inquietudes, relatos das experiências, configurados nos cadernos de campo tornaram-se processos fundamentais na pesquisa. O caderno de campo tornou-se elemento fundamental do trabalho, pois foi a partir dele que o campo foi rememorado e, portanto, elaborado e ressignificado:

Ao redigir o diário de campo e lê-lo depois, o antropólogo, além de “esboçar” o outro, “esboça-se” também como personagem de seu empreendimento etnográfico, pois a forma pela qual a sua sensibilidade foi afetada pelo processo de imersão no conjunto de significados que investiga possui, ela mesma, múltiplos sentidos, dos quais o antropólogo escolhe alguns e os privilegia na escrita. A presença do antropólogo em campo já é um “dado” em si mesmo que aparece “misturado” aos

“fatos observados”, ou seja: intuições, lembranças, comparações fazem do diário uma primeira “confissão” escrita sobre a natureza experimentada da alteridade vivida pelo antropólogo (SILVA, V., 2006, p. 64).

Assim, para apreender a dinâmica das mulheres africanas, acompanhei seus cotidianos, fui às compras, vi ensaios de apresentações musicais, presenciei aulas e conversei com diversas pessoas, escutei músicas, li reportagens, transitei por locais diferentes. Dispondo-se de várias técnicas (MAGNANI, 2002), é importante ressaltar que o trabalho de campo não se esgota nas entrevistas, observações e relações com os interlocutores. É necessário criar múltiplas estratégias para a construção e a apreensão da realidade a que direcionamos o olhar. O campo torna-se amplo e em constante movimento.

Para alguns contatos iniciais, utilizei-me de um gravador de áudio para maior conforto e facilitação na comunicação. Foram entrevistas mais detalhadas, formais e com grande quantidade de dados e fatos das histórias das mulheres. A maior parte do trabalho de campo foi documentada a partir dos registros em caderno de campo, feitos sempre após os momentos compartilhados com as mulheres ou outras experiências diversas. Além disso, foram feitos alguns registros visuais, que compõem o Apêndice deste trabalho, entendendo-se que as imagens podem também complementar e enriquecer a discussão das narrativas.

Imagens favorecem, mais do que o texto, a introspecção, a memória, a identificação, uma mistura de pensamento e emoção. Imagens, como o próprio termo diz, envolvem, mais do que o texto descritivo, a imaginação de quem as contempla. Elementos visuais têm a capacidade de metáfora e sinestesia — relação subjetiva espontânea entre uma percepção e outra que pertença ao domínio de um sentido diferente. Podemos associar algumas formas ou objetos a pessoas ou seres específicos, certos cheiros evocam a infância etc. Esta capacidade de metáfora e sinestesia é muito mais acentuada nas imagens quando comparadas ao texto verbal (NOVAES, S., 2008, p. 465-466).

Conforme relatarei adiante, já conhecia algumas das mulheres, por conta de atividades da Casa das Áfricas e pelos desdobramentos do trabalho de campo. O trabalho vai se concentrar na descrição de quatro narrativas principais, e outros relatos de experiências importantes vivenciados no campo deverão compor as discussões transversais.

Melanito, camaronesa, reside no Brasil desde 2003. É *chef* de cozinha e proprietária de restaurante na região central da cidade de São Paulo. Tem realizado trabalho importante de divulgação da culinária e da cultura africanas através dos veículos de comunicação e de participação em feiras culturais.

Mariama é da Guiné, está desde 2008 no país. Trabalha com dança, percussão e canto, atividades culturais e educacionais. Reside com o marido e recentemente trouxe sua filha da Guiné para o Brasil. Tem apresentado um trabalho de interlocução cultural da dança e da música africanas com a brasileira.

Lenna, moçambicana, reside há cerca de quatro anos em São Paulo. É cantora lírica, desenvolve trabalhos de música vocal, percussão e jazz. Também oferece oficinas de vivências e brincadeiras moçambicanas. Recentemente, gravou um CD no Brasil e tem ganhado destaque no cenário musical contemporâneo em São Paulo.

Apoliana, congoleza, mora no Brasil há cerca de seis anos. É proprietária de um salão de beleza na Galeria Presidente. Veio para cursar uma graduação, não se adaptou ao curso e desde então permaneceu no Brasil por conta do trabalho do marido. Ambos têm papel importante no trabalho da igreja da qual fazem parte.

Além das interlocutoras, também deverão compor o trabalho histórias e relatos de outras africanas. Embora não tenham participado da pesquisa de maneira formal (com convite e acompanhamento sistemático do cotidiano), como foram as quatro interlocutoras já apontadas, serão incluídas por fazerem parte do campo de pesquisa e da temática. São mulheres que estão na cena pública da cidade de São Paulo pelo trabalho em que vêm se destacando. Assim, Soda Diop, Nádia Ferreira e Fanta Konatê serão citadas e contextualizadas nas narrativas. Como veremos adiante, o trabalho etnográfico comporta e exige instrumentos, ferramentas e fontes variados para o tema explorado.

Tabela 1 — Interlocutoras e outras narrativas

Nome	País	Atividade econômica
Melanito	Camarões	Culinária
Mariama	Guiné	Dança
Lenna	Moçambique	Música
Apoliana	Congo	Cabelo
Soda	Senegal	Moda
Nádia	Guiné-Bissau	Mobilização política
Fanta	Guiné	Dança e música

1.2 Metodologia, análise e cuidados éticos

Este trabalho apoia-se em reflexões elaboradas no contexto da antropologia e da etnografia, na escuta culturalmente sensível e na experiência da terapia ocupacional social (BARROS, 2004; GONÇALVES; MARQUES; CARDOSO, 2012; OLIVEIRA, 2000). A pesquisa em campo é carregada de tensões e incertezas, exigindo, então, grande atenção a esses tensionamentos, desafios e contradições. Portanto, faz-se necessário que a perspectiva e os processos estejam colocados e explicitados, pois, uma das tarefas principais é superar a ideia de que a metodologia de pesquisa resume-se a procedimentos de análise dos dados. O desafio amplia-se na complexidade da vivência do campo e na necessidade de ir além dessa racionalidade imposta pelo pensamento redutor, mostrando a riqueza e a potencialidade da pesquisa etnográfica.

Trata-se da dupla tarefa de, por um lado, lutar contra a dissolução da identidade do pesquisador imerso na solidão e no caráter multivocal do trabalho de campo e, por outro lado, da construção crível de uma imagem do mundo do outro. É preciso, ao mesmo tempo, preservar a coerência pessoal e articular coerentemente os achados incompletos e contraditórios do trabalho de campo (SCHMIDT, 2006, p. 19).

José Guilherme Magnani, docente do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, aborda — em várias dimensões, dentre as quais a etnografia — as questões dos estudos de antropologia. Para este autor, o estranhamento, o olhar descentrado e a saída inesperada são inerentes ao trabalho etnográfico:

Trata-se de um empreendimento que supõe um determinado tipo de investimento, um trabalho paciente e contínuo ao cabo do qual e em algum momento, como mostrou Lévi-Strauss, os fragmentos se ordenam, perfazendo um significado até mesmo inesperado (MAGNANI, 2009, p. 135).

A prática e a experiência etnográfica são processos fundamentais do trabalho de campo (MAGNANI, 2009). Planejar, ordenar e coordenar as etapas do campo, mas também o imprevisto, o problema, a surpresa, são ações inerentes à etnografia. O campo constitui-se de experiências e vivências múltiplas, em etapas sobrepostas de maneira espiral, descontínua e em processos constantes (SILVA, V., 2006). Fundamenta-se a partir da sensibilidade do pesquisador para suas indagações, transcendendo práticas simplistas de entrevistas e observações, numa construção relacional com a temática e as pessoas e no diálogo com pressupostos teóricos.

George Marcus (2004), também na perspectiva da etnografia, propõe uma reflexão sobre a superação crítica através da colaboração das artes, humanidades e das ciências sociais, e sugere que esse intercâmbio pode produzir formas diferentes de produções que ultrapassem o olhar reducionista do trabalho. Este autor propõe a reinvenção e a reflexividade crítica, colocando a aproximação com a cenografia como exemplo e possibilidade de um dos modos de se fazer pesquisa de campo:

Assim, a antropologia, em meio a essa transição, quanto ao que a pesquisa de campo deva fazer e do que ser capaz, está carente de práticas que lhe sirvam de exemplo, que façam avançar e produzam formas de conhecimento nesses espaços de investigação reconfigurados. Nessa conjuntura, é isso que algumas práticas artísticas, como a cenografia, que tem uma afinidade com a modalidade clássica de pesquisa de campo, podem devolver à antropologia, e, ao fazê-lo, posteriormente desenvolver também o intercâmbio entre arte e antropologia, regulado pelo interesse mútuo na pesquisa de campo (MARCUS, 2004, p. 152).

O que o autor propõe é descentrar o olhar convencional que direcionamos aos modos de fazer pesquisa. E nos convida a criar estratégias para deslocar as concepções tradicionais e pensar em modos múltiplos de fazer e estar em campo: acompanhar, olhar, ouvir, relatar, conversar, esperar. A ordenação e a coordenação das etapas e fases na pesquisa etnográfica não funcionam de maneira linear e ascendente, e muitas vezes não são passíveis de categorização ou explicação. Embora assim as separemos para melhor compreensão e sistematização dos dados coletados, essas dimensões estão em constante diálogo, em que a temporalidade do campo nunca é linear. Silva (2006) fala em etapas que se comunicam de forma circular e espiral. Assim, é preciso assumir múltiplas temporalidades e dimensões do campo: o tempo verbal empregado na escrita, o tempo vivido no campo, a escrita do tempo. Eram desafios iniciais que foram sendo vivenciados, discutidos e dialogados com os processos de trabalho da pesquisa.

O trabalho de campo em contextos urbanos é outra dimensão metodológica que merece ser destacada, pois se propõe uma leitura reflexiva sobre os arranjos singulares das interlocutoras em sua dinâmica cotidiana que dialogam com o cenário da cidade de São Paulo. Magnani (2002) discorre sobre a etnografia no contexto urbano contemporâneo, propondo outra possibilidade de pensar a cidade: identificá-la e a refletir a partir do que chama de olhar *de perto e de dentro*, em contraposição ao olhar *de fora e de longe*, que desconsidera e fragmenta os atores sociais dentro da complexidade das metrópoles contemporâneas. Essa

outra proposição pressupõe a existência de arranjos, redes, trocas e pontos de encontros no contexto do cotidiano da cidade.

O autor propõe acompanhar esses atores na sua vida cotidiana em diálogo com as configurações do cenário urbano em constante mudança (como no caso da migração, das minorias excluídas e dos diferentes grupos étnicos e religiosos, por exemplo), para, a partir daí, apreender os diferentes arranjos reconfigurados nessa relação a partir das esferas múltiplas da vida: trabalho, religião, cultura, participação política (MAGNANI, 2002). A partir disso, cria categorias para entender e possibilitar uma análise reflexiva de como se dá essa dinâmica a partir das categorias — *pedaço, mancha, trajeto, circuito* — como os atores sociais relacionam-se, dialogam e apropriam-se dos espaços coletivos. É fundamental pensar em como o cenário urbano da cidade de São Paulo dialoga com os processos individuais e coletivos das interlocutoras. Cada uma constrói uma relação e uma dinâmica a partir da percepção e sentido que dá aos seus pedaços, trajetos e circuitos, ligados seja ao trabalho, seja ao lazer e à religiosidade, seja ainda a outras dimensões.

O que caracteriza o fazer etnográfico no contexto da cidade é o duplo movimento de mergulhar no particular para depois emergir e estabelecer comparações com outras experiências e estilos de vida — semelhantes, diferentes, complementares, conflitantes — no âmbito das instituições urbanas, marcadas por processos que transcendem os níveis local e nacional (MAGNANI, 2008, p. 48).

Para a dimensão da análise, propõe-se uma interlocução com as reflexões da antropologia para a reflexão sobre a construção do campo, para as ambiguidades dos processos de comunicação envolvidos. Foram levados em consideração, particularmente, os debates da antropologia interpretativa a partir de Geertz (1989) e o lugar do conceito de descrição densa também exposto por Geertz (1989), para o qual a compreensão dos fenômenos sociais deve partir de situações definidas para trabalhar a própria condição da/do pesquisador/pesquisadora e, via interpretação, elaborar a compreensão do fenômeno em estudo por meio das interpretações que as pessoas constroem de suas experiências. Para ele as descrições etnográficas são “construções de construções”, pois somente o “nativo” faz interpretação da experiência. Por isto, este conhecimento assume-se como construído e modelado (GEERTZ, 1989, p. 25-26).

Desta maneira, há no presente estudo uma forma de análise que interpreta o fluxo do discurso social. Ou seja, das narrativas das mulheres interlocutoras e aquelas que, em primeira mão, conferem sentido às suas experiências. Neste caminho, esta pesquisa incorpora a

reflexão e a natureza da presença da pesquisadora/autora ao próprio método, assume a importância dos detalhes para a qualidade da interlocução dos fatos sociais a partir da observação e da elaboração do trabalho de campo (OLIVEIRA, 2000). Sobre o trabalho etnográfico, Galvani (2008, p. 18) explicita que:

(...) o pesquisador depara-se com a necessidade de produzir interpretações sobre grupos sociais ou sobre trajetórias pessoais. Mas tais grupos e pessoas produzem igualmente interpretações sobre quem são e o que necessitam. Há, portanto, uma pluralidade de interpretações que precisam ser consideradas, tanto durante a coleta de dados, como no processo de análise. Cabe lembrar que o confronto das interpretações é dificultado pelas distâncias que separam pesquisador e pesquisado: diferenças de classe, gênero, idade, cultura e valores, entre outras.

Interlocutoras, entrevistadas, colaboradoras, informantes: como nomear as mulheres que foram convidadas para participar do trabalho? É importante situar que esse debate na pesquisa antropológica tem sido feito por diversos pesquisadores (GALVANI, 2015; OLIVEIRA, 2000; SCHIMDT, 2008). Para além da nomeação, pareceu-me mais interessante problematizar o lugar do pesquisador na relação com o seu chamado objeto de estudo. Como se coloca o pesquisador nessa relação para dar voz às pessoas ou aos grupos sociais estudados, numa relação de parceria e alteridade? Assim, para que os percursos etnográficos percorridos junto às mulheres pudessem ser percursos compartilhados, recorreremos às reflexões de Oliveira (2000), que aponta a necessidade de superar a lógica entrevistador/entrevistado, provida de poder e de falsa interação. O autor propõe uma relação dialógica com o interlocutor, que “faz com que os horizontes semânticos em confronto — o do pesquisador e o do nativo — abram-se um ao outro, de maneira a transformar um tal confronto em um verdadeiro ‘encontro etnográfico’” (OLIVEIRA, 2000, p. 24).

Assim, esse tal encontro implica um processo de trocas, negociações e uma escuta sensível, estar em campo também deve permitir uma relação de alteridade e de ética, acima de tudo. Esses encontros ganham então significados, sentidos e provocações que precisam ser decifrados, decodificados e reelaborados pelo pesquisador.

Fiz a escolha do termo “interlocutor” a partir da perspectiva do debate contemporâneo da pesquisa etnográfica:

Nesta visão, o interlocutor, representante do “polo pesquisado”, é portador e portavoz da experiência e o pesquisador pode estar na posição de recolhedor da experiência, mediador, tradutor ou intérprete. No diálogo, contudo, o interlocutor transmite sua experiência, interpretando-a, de tal forma que também funciona como tradutor e mediador de sua posição social, cultural e subjetiva para o pesquisador. O jogo de identidades e alteridades que se dão a conhecer mutuamente, afirmando-se,

mas, ainda, deslocando-se e transformando-se, participa da mobilidade destes lugares ou funções de tradução e mediação. A combinação de interpretações e a composição de saberes nada mais é do que a articulação de pontos de vista, vozes e diferenças tendo em vista a atribuição de sentido àquilo que se investiga, àquilo que justifica a investigação e ao encontro que encarna e realiza suas possibilidades e seus desdobramentos (SCHMIDT, 2006, p. 36).

Outra referência teórica organizadora da dissertação é Hannah Arendt (2014), sobretudo para definir os sentidos dos processos econômico-sociais adotados que retoma o conceito de “economia de vida”, para trabalhar a vida econômica das mulheres africanas em São Paulo. No contexto deste trabalho, a proposta é discutir a vida econômica dessas mulheres africanas enquanto produção de sentido, protagonismo e emancipação, em que a organização de suas atividades gera outras dimensões e potencialidades, e novas inscrições de vida, onde “um ambiente de trabalho polifônico cria valor social” (GHIRARDI, 2012, p. 19).

A vida econômica das mulheres africanas forma importante elemento articulador das redes de relações, pois em torno do trabalho e das trocas econômicas também se constroem e se fortalecem relações de pertencimento, agenciamentos coletivos, trocas sociais e de suporte. A premissa inicial da pesquisa é que os processos econômico-sociais devem ser inseridos numa dimensão social, articulada à dimensão cultural sensível à diferença (de gênero, raça, geração, etc.) no bojo da compreensão e do fazer cotidiano, constituindo como que um universo de desafios da terapia ocupacional social.

Assim, Ghirardi (2012, p. 18-19) ressalta:

Em síntese, trata-se de propor uma terapia ocupacional interessada em descrever formas de intensificar a polifonia, a participação em situações comuns, nos fazeres que compõem o cotidiano da esfera social da vida, numa abordagem menos personalista e mais sistêmica do fazer... Há o reconhecimento de que as pessoas organizam formas de fazer e, contemporaneamente, se organizam em torno de fazeres necessários à vida daquela coletividade.

Para a discussão teórica sobre vida econômica e trabalho, mote central da pesquisa, utilizaremos algumas contribuições de Hannah Arendt (1906-1975) e seu trabalho *A condição humana* (ARENDR, 2014). Filósofa política alemã de origem judaica, ela fugiu da perseguição nazista na Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial, foi para a França e depois viveu e lecionou numa universidade nos Estados Unidos até sua morte. Na referida obra, faz uma reflexão histórica, dialogando com diversos autores clássicos, sobre as atividades humanas — “trata-se apenas de pensar o que estamos fazendo” (ARENDR, 2014, p. 6) —, e relaciona a condição humana com a *vita activa*. Assim, faz um ensaio sobre o

conceito, partindo de três atividades humanas fundamentais (trabalho, obra e ação), que constituiriam as condições básicas da vida.

Para a autora, o trabalho tem um estatuto natural e se refere aos processos biológicos da vida humana — portanto, ao ciclo vital da natureza. Ela afirma que o trabalho é atividade, não função, uma vez que os produtos do trabalho são apenas produtos do metabolismo humano, dotados apenas das necessidades vitais à vida humana. Já a obra (ou fabricação) corresponde àquilo que dá sentido de existência humana, o processo artificial de fabricação de objetos, dotados de temporalidade.

Por fim, a ação corresponde à condição humana da pluralidade, já que os homens são únicos. Para a autora, a ação consiste em um ato político, uma vez que é realizada entre os homens. A ação e o discurso possibilitam a pluralidade humana, pois distinguem os homens uns dos outros, mas também conferem unicidade, possibilitando a comunicação de algo a si próprio e a alguém: “é com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano [...] ela (a inserção) pode ser estimulada pela presença de outros a cuja companhia possamos desejar nos juntar” (ARENDDT, 2014, p. 219).

Ao tratar do conceito de *vita activa*, a autora afirma:

A *vita activa*, a vida humana na medida em que está ativamente empenhada em fazer algo, está sempre enraizada em um mundo de homens ou de coisas feitas pelos homens, um mundo que ela jamais abandona ou chega a transcender completamente. As coisas e os homens constituem o ambiente de cada uma das atividades humanas, que não teriam sentido sem tal localização. E, no entanto, esse ambiente, o mundo no qual nascemos, não existiria sem a atividade humana que o produziu, como no caso de coisas fabricadas; que dele cuida, como no caso das terras de cultivo; ou que o estabeleceu por meio de organização, como no caso do corpo político (ARENDDT, 2014, p. 27).

A autora conclui a partir de um diálogo com diversos autores, com uma crítica à afirmação moderna de que a contemplação e o pensamento são eixos centrais da vida. Sua ideia, a partir de uma reflexão filosófica, é que apenas a ação e o trabalho, inseridos nas esferas das relações, são essenciais à vida humana:

Seja como for, a experiência fundamental por trás da inversão entre contemplação e ação foi precisamente que a sede humana de conhecimento só pôde ser mitigada depois que o homem depositou sua confiança no engenho das próprias mãos. Não que o conhecimento e a verdade já não fossem importantes, mas só podiam ser atingidos mediante a “ação”, e não pela contemplação (ARENDDT, 2014, p. 359).

Assim, cabe refletir, no contexto da pesquisa, que a discussão do trabalho e da vida econômica das mulheres africanas está balizada pela dimensão das atividades humanas, inseridas na cotidianidade da vida de cada uma delas.

É preciso ressaltar, ainda, que este estudo está fortemente alicerçado em formulações de parte da Terapia Ocupacional Social, cujas proposições têm intensa interlocução com a antropologia, tanto para a dimensão metodológica como para a revisão do conceito de atividades culturalmente fundamentadas, e está sensível às diferenças religiosa, racial, de gênero, etc. Para essa Terapia Ocupacional Social, o pensamento do educador Paulo Freire tem sido, igualmente, fonte constante de reflexão e de reformulação teórico-prática. Tal é o caso dos conceitos de processo, problematização e dialogia discutidos tanto no contexto de processo de ensino-aprendizagem quanto de pesquisa (BARROS, 2004).

Freire (2003, p. 78) contribui para a reflexão do conceito de diálogo, que consiste nas práxis e na maneira como o homem transforma o mundo, onde “existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modifica-lo”. Assim, para este autor, na perspectiva da educação, não é possível que o educador imponha sua pronúncia ou negue aos demais o direito a essa ação. Só na relação dialógica a prática da liberdade é concretizada. Esses conceitos são fundamentais para a interlocução com a Terapia Ocupacional Social. Como observou Barros (2004, p, 95), “na ação é preciso que o técnico saiba redimensionar o próprio saber, saiba transitar em reações de alteridades sociais e culturais”. E, no contexto da pesquisa, estabelecer um olhar de descentramento do saber técnico, de alteridade e de abertura para novas formas de estar em campo foram processos fundamentais no percurso.

Outro elemento central dessa dissertação é a problematização desenvolvida pela Terapia Ocupacional Social sobre o conceito e as práticas das atividades. Estas correspondem ao fazer humano definido historicamente, constituindo-se em balizadoras do estudo por serem mediadoras da emancipação das mulheres africanas que hoje vivem na capital paulista (BARROS; LOPES; GALHEIGO, 2007). Ao longo dos próximos capítulos, esta discussão será retomada e aprofundada.

Para finalizar, há entre as preocupações ético-metodológicas uma perspectiva de leitura adotada a partir da noção de direitos humanos, tanto para a compreensão da mobilidade humana, como para o trabalho do terapeuta ocupacional, e da sua responsabilidade enquanto técnico do social. Ao se trabalhar sobre o intrincado conceito de cultura, é preciso, ainda, não desconsiderar o fato de ter sido declarada como direito humano fundamental e princípio

garantido pela Organização das Nações Unidas (ONU). A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) estabelece que a diversidade cultural é direito, na perspectiva do patrimônio comum da humanidade e do pluralismo cultural, sendo ainda fator de desenvolvimento (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2002).

Sobre a ótica dos direitos humanos, Boaventura Souza Santos (1997) assinala que só com o diálogo histórico e intercultural é possível pensar novas possibilidades para as exigências emancipatórias: “no caso de um diálogo intercultural, a troca não é apenas entre diferentes saberes, mas também entre diferentes culturas, ou seja, entre universos de sentido diferentes e, em grande medida, incomensuráveis” (SANTOS, 1997, p. 23). Assim, a pluralidade cultural está imbricada na revisão e na crítica das relações de alteridade e na importância de se pensar a coabitação da diferença. Só assim é possível conceber políticas e ações igualitárias que respeitem a diversidade e a multiplicidade em sua complexidade inerente.

Quanto à dimensão ética, fundamental na construção do conhecimento científico, a proposta foi trabalhar a partir de uma ética processual e presente em todas as etapas de realização e de publicação desta pesquisa. As interlocutoras foram convidadas a participar, sendo esclarecidas em relação ao projeto, de acordo com as orientações da Comissão de Ética da Associação Brasileira de Antropologia (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 2015). A Comissão preconiza que os colaboradores sejam informados sobre todas as etapas de pesquisa, sem omissão de dados — assegurando-se a possibilidade de participação ou recusa, a preservação da identidade e disponibilização do acesso aos resultados e à discussão final. Além disso, a pesquisa etnográfica implica também respeito aos códigos culturais e o não prejuízo aos grupos e indivíduos estudados (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 2015).

Faz-se necessário pensar no respeito à diversidade cultural como um imperativo ético na pesquisa, o respeito às experiências dos sujeitos implicados com o tema, atentar ao cuidado de convidar as pessoas não somente como objeto de estudo, mas a serem interlocutoras da pesquisa, em constante processo de troca e negociação: “Na perspectiva etnográfica os cuidados éticos se dão, sobretudo, em relação de negociação no sentido de produzir diálogos entre as diferenças culturais de pesquisadores e interlocutores” (BARROS; GALVANI, 2016, p. 107). O termo de consentimento livre e esclarecido foi apresentado pela pesquisadora a cada uma das interlocutoras, ressaltando a liberdade de escolha de participar ou não da

pesquisa. A permissão para a utilização de registro em áudio e/ou audiovisual e de realização e uso relativo a todas as imagens foram discutidas e negociadas, assim como todo o material registrado está oportunamente disponibilizado para as interlocutoras.

Entendendo que a pesquisa ocorre de maneira processual e, sobretudo, relacional, o campo foi sendo construído por meio de negociações, diálogos, trocas. A ética, nesse contexto, não pode ser reduzida aos procedimentos e protocolos. Como escolher os locais dos encontros, acompanhamentos e registros, como participar da vida cotidiana das pessoas sem invadir, escutar sem julgamentos, acompanhar a dinâmica de trabalho sem interferir nas dinâmicas já estabelecidas? Conhecer não apenas as mulheres, mas suas redes de relações, familiares, territórios por onde circulam (espaços religiosos, culturais ou de trabalho) também foram compondo o campo, sendo necessário um olhar atento e sensível.

2. SITUANDO A TEMÁTICA DA PESQUISA

A mobilidade é parte da história da humanidade. Abarca uma complexidade de questões, por motivos muito diversificados: econômicos, sociais, políticos, educacionais, entre outros (SERRANO, 2011). Homens e mulheres migram por melhores condições de vida e de trabalho, são obrigados a fugir dos seus países por perseguição política e religiosa, buscam novas possibilidades de qualificação educacional e de novos projetos de vida, entre outros motivos.

Abdelmalek Sayad (1998), sociólogo argelino e um dos mais importantes estudiosos sobre a imigração, afirma que por muito tempo a imigração foi considerada um problema social no campo das pesquisas científicas (habitação, formação profissional, desemprego, direito ao voto e integração social são alguns exemplos). E que a questão também sempre foi colocada em conformidade com a percepção social que se tem do fenômeno migratório em determinado contexto histórico político (SAYAD, 1998). Ou seja, o imigrante é sempre uma força de trabalho provisória e temporária e, como tal, serve apenas para necessidades, tempo e espaço definidos por esses interesses.

Sayad (1998) afirma também que os processos de imigração e emigração são duas faces da mesma realidade, pois sempre há uma sociedade em que as pessoas emigram e outra em que as pessoas chegam. Além disso, a imigração não é só um deslocamento no espaço físico, geográfico, mas também “um espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente” (SAYAD, 2000, p. 15).

Principalmente a partir do século XX, com a complexidade dos processos de globalização mundial e transformações sociais, políticas, culturais e econômicas nas últimas décadas, além do aprimoramento tecnológico das ferramentas de comunicação e transporte, o fenômeno da migração tem ganhado destaque e contornos complexos, culminando com processos mundiais de mobilidade humana (MAZZA, 2015). Há, assim, intensa mobilização devido à geopolítica e a interesses das grandes potências e corporações, em grande parte responsáveis, direta ou indiretamente, por guerras, crises econômicas, conflitos políticos e religiosos, catástrofes naturais (TELES, 2013), além de recrudescimento de conflitos armados com grande impacto sobre a população civil.

Durante a Primeira Guerra Mundial, os deslocamentos populacionais compunham-se na maioria de movimentos internos, dentro das próprias fronteiras dos países, e de caráter

temporário, embora houvesse também grandes deslocamentos de sérvios e belgas para a Albânia e a França, por exemplo (ANDRADE, 2001). No período entre guerras, mais de 5 milhões de pessoas foram deslocadas pela Europa, em sua maioria russos, gregos, turcos, armênios e judeus (ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS, 2000). Apesar disso, a questão migratória começou a ganhar destaque como problemática internacional somente após a Segunda Guerra Mundial, com o agravamento dos conflitos e das crises econômicas, sociais e políticas, e o conseqüente deslocamento de milhares de pessoas pelo continente europeu. Além do aumento significativo do número de refugiados, o alcance dos efeitos das grandes guerras trouxe a complexidade da questão para o cenário global, não apenas restrita aos países europeus. Isso fez emergir a necessidade de regulamentação da situação dos refugiados e asilados e de criação de instrumentos jurídicos internacionais que contemplassem essa nova realidade, através do reconhecimento dos direitos humanos fundamentais e de ações e programas para a problemática.

É nesse contexto que surge a institucionalização do Direito Internacional Humanitário e do Direito Internacional dos Direitos Humanos e a consolidação do Comitê Internacional da Cruz Vermelha (KRIEGER, 2002). A Declaração Universal dos Direitos do Homem da ONU, de 1948, gestada a partir dos desdobramentos das duas grandes guerras mundiais, foi importante passo para a internacionalização dos direitos humanos, que até então eram gerenciados como questões inerentes a cada país e sua respectiva legislação nacional. Um dos seus princípios é o direito à liberdade, locomoção e asilo para qualquer pessoa (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1948). Embora a livre circulação de pessoas seja princípio garantido, permanece um dos grandes desafios contemporâneos em consequência das próprias contradições dos processos de reestruturação produtiva do capitalismo (COHEN, 1999; SAYAD, 1998).

Em 28 de julho de 1951, a Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados foi aprovada pela Conferência da Organização das Nações Unidas. Era um instrumento inédito, que definia o estatuto jurídico dos refugiados em uma escala mundial. Naquele mesmo ano, foi criado o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR)⁴, responsável pela proteção internacional dos refugiados. Em 1956, sua primeira intervenção foi com os

⁴ O ACNUR foi criado com a função de garantir a proteção internacional dos refugiados através de implementação e supervisão das medidas adotadas na Convenção de 1951 pelos países signatários, assistência e busca de soluções permanentes para a problemática. Cabe aos governos adotar procedimentos de determinação do estatuto jurídico dos refugiados (ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS, 1992).

refugiados da Hungria, através de sua reinstalação em vários outros países (EUA, Canadá, Reino Unido, Austrália) e o repatriamento de alguns para o próprio país (ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS, 2000).

Segundo dados do ACNUR, em maio de 1945 havia mais de 40 milhões de pessoas deslocadas pela Europa, além dos alemães expulsos dos países comunistas, e das pessoas que fugiam dos regimes comunistas da Rússia e dos países do Leste Europeu. Dados da ONU indicam que, em 2014, havia 244 milhões de migrantes internacionais no mundo, e dentro desse universo, 20 milhões eram refugiados (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2016). Diante esse cenário, órgãos internacionais viram-se implicados no enfrentamento da questão (ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS, 2000).

O Protocolo Relativo ao Estatuto dos Refugiados foi elaborado em 1967 pela Assembleia Geral da ONU para dar conta das novas necessidades de definir o próprio estatuto, já que a Convenção de 1951 reconhecia apenas como refugiado aquele que estava fora do seu país antes dos acontecimentos de 1º de janeiro de 1951. A complexidade do panorama geopolítico mundial foi mostrando que as soluções não seriam resolvidas antes da referida data. O Protocolo poderia então aplicar as mesmas disposições da Convenção, mas desconsiderando a data limite desta. Assim, de acordo com o artigo 1º da Convenção de 1951, é considerado refugiado aquele que:

Em consequência de acontecimentos ocorridos antes de 1 de Janeiro de 1951, e receando com razão ser perseguido em virtude da sua raça, religião, nacionalidade, filiação em certo grupo social ou das suas opiniões políticas, se encontra fora do país de que tem a nacionalidade e não possa ou, em virtude daquele receio, não queira pedir a proteção daquele país; ou que, se não tiver nacionalidade e estiver fora do país no qual tinha a sua residência habitual após aqueles acontecimentos, não possa ou, em virtude do dito receio, a ele não queira voltar (ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS, 1992, p. 19).

Embora garantidos por órgãos internacionais, os processos migratórios foram e continuam sendo tratados a partir da ótica de segurança nacional, como causadores de crises econômicas e criminalidade nos países receptores e como ameaças de ataques terroristas. Portanto, fazia-se necessária a criação de barreiras geográficas e legais, políticas restritivas e endurecimento das fronteiras (MAZZA, 2015), dificultando ainda mais a mobilidade dessas pessoas e aumentando o estigma, o preconceito e a xenofobia. Os grandes veículos de comunicação reforçam ainda mais essa concepção do imigrante como problema, ainda que

sejam notórias a importância e a contribuição econômica e cultural da imigração, e seja consenso que a história da humanidade sempre foi regida pela mobilidade humana.

É visível, principalmente dos países do Hemisfério Norte, o aumento de tentativas e impedimentos legais para dificultar o trânsito e a entrada de imigrantes em seus países, e de esforços para a não consolidação dos direitos e princípios previstos pelos órgãos internacionais. Como exemplo, foi aprovada pelo Parlamento Europeu e pelo Conselho da União Europeia a Diretiva 2008/115/CE (UNIÃO EUROPEIA, 2006). Em artigo sobre direito à mobilidade, Mazza (2015) explica que se trata de um conjunto de procedimentos e estratégias para o retorno dos imigrantes em situação irregular aos seus países de origem. Consistem em uma política comum dos países membros de normas de entrada, detenção, deportação e penalização dos imigrantes. São exemplos de medidas comuns na contramão dos princípios universais de direitos humanos propostos pelos órgãos internacionais dos quais aqueles países também são signatários. Concomitantemente, diretrizes internacionais, políticas públicas, iniciativas locais e mobilização de grupos internacionais ligados aos direitos humanos têm reunido esforços para promover a garantia de direitos à mobilidade dessas pessoas e combater ações e políticas discriminatórias e restritivas.

2.1 A migração feminina no cenário da mobilidade humana e a dimensão de gênero

A partir dos anos 1950, os movimentos migratórios foram adquirindo uma pluralidade étnica, de classe e também de gênero, ganhando novas identidades e configurações. Diversos órgãos internacionais apontam para um processo de feminização da migração. Segundo dados da Organização Internacional do Trabalho (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO, 2008), as mulheres correspondem a 51% das migrações internacionais, podendo percorrer a viagem com cônjuges, sozinhas, em busca de oportunidades, ou para se reunir à sua família. Dados de 2005 apontavam que, dos 191 milhões de migrantes internacionais do mundo, 49,6% eram do sexo feminino, totalizando cerca de 94,5 milhões de mulheres. Em alguns países, as mulheres representavam a maioria da população imigrante: América do Norte, alguns países europeus, Oriente Médio e Oceania, por exemplo. Se antes as mulheres migravam para se juntar às suas famílias, atualmente há grande parcela que migra por motivos econômicos e compõe as grandes forças motrizes e

pioneiras do processo de migração familiar (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO, 2008).

Embora a migração feminina tenha grande importância em termos quantitativos e também devido à remessa de fundos financeiros aos países de origem e à movimentação econômica que gera, percebe-se ainda a desvalorização da mulher migrante, principalmente em desqualificação profissional e de gênero, baixa remuneração salarial, condições precárias de trabalho e invisibilidade do fenômeno no âmbito dos direitos humanos e no cenário mundial. É sabido que as mulheres migrantes são constantemente expostas ao tráfico de pessoas,⁵ à exploração sexual e ao aliciamento para o tráfico de drogas internacional (BAILEY, 2013; DUTRA, 2013).

Também ainda é bastante recorrente a desqualificação profissional e salarial das mulheres, que são muitas vezes alocadas em postos de trabalhos irregulares, sem respaldo de legislação trabalhista e com salários incompatíveis com a função e a carga horária correspondentes. Quando se encontram em situação migratória irregular, acabam ficando ainda mais expostas às violações de direitos e exploração. Há ainda uma associação entre o trabalho das mulheres imigrantes e profissões ligadas ao gênero, como trabalhadoras domésticas, de cuidados e de limpeza. Como muitos destes postos de trabalho pertencem ainda ao mercado informal, as mulheres ficam mais vulneráveis e são privadas de direitos básicos.

Ainda sobre a desqualificação profissional, dado que muitas mulheres ainda migram em situação irregular, acabam ocupando cargos desqualificados e não condizentes com sua formação educacional e profissional (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO, 2008). A chamada “fuga de cérebros” é uma questão importante nos processos migratórios, onde há perda de oportunidade de desenvolvimento tanto para o país de origem quanto do país de destino. Os fenômenos contemporâneos da globalização desencadeiam necessidades econômicas e sociais de mobilidade humana e impossibilitam o desenvolvimento econômico e social também nos países de origem.

⁵ A expressão “tráfico de pessoas” significa o recrutamento, o transporte, a transferência, o alojamento ou o acolhimento de pessoas, recorrendo à ameaça ou uso da força ou a outras formas de coação, ao rapto, à fraude, ao engano, ao abuso de autoridade ou à situação de vulnerabilidade ou à entrega ou aceitação de pagamentos ou benefícios para obter o consentimento de uma pessoa que tenha autoridade sobre outra para fins de exploração. A exploração incluirá, no mínimo, a exploração da prostituição de outrem ou outras formas de exploração sexual, o trabalho ou serviços forçados, escravatura ou práticas similares à escravatura, a servidão ou a remoção de órgãos. Cf. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5017.htm.

A migração feminina foi um processo invisível e de pouca repercussão nas ciências sociais, sendo inserido na discussão da migração sem qualquer atenção para questões específicas de gênero, embora em alguns países, como os Estados Unidos, a população já era composta em sua maioria de mulheres imigrantes de 1930 a 1979, por exemplo (ASSIS, 2007). A migração sempre foi tratada sob o ponto de vista masculino e foi somente a partir dos anos 1960 e 1970, principalmente com o advento do movimento feminista, que os estudos sobre migração começaram a ser inseridos nas pautas específicas de gênero. A partir de então, novos questionamentos e debates foram colocados para se compreender melhor os fluxos migratórios, além da questão específica da mulher migrante (DINIZ, 2009), em que a migração feminina ganha destaque a partir dos estudos e discussões sobre gênero (história da família e suas diferenciações, participação das mulheres nas universidades e movimento de liberação, entre outros).

A migração feminina ganha força expressiva no contexto da migração contemporânea principalmente a partir da segunda metade do século XX. Assis (2007) reforça que as tecnologias de comunicação e de transporte foram fundamentais para a facilitação dessa mobilidade. A autora coloca também que as mulheres da contemporaneidade passam a ter maior qualificação educacional e profissional, contando também com legislações de divórcio mais estabelecidas, além de já encontrarem uma discussão política mais fortalecida sobre emancipação de gênero e direitos das mulheres. Entretanto, essas migrantes ainda encontram muitas resistências e desafios, baixa alocação nos postos de trabalho (trabalhos domésticos e de cuidados), discriminação racial e de gênero (ASSIS, 2007). A autora coloca a importância das redes sociais nesses processos, formadas por relações de parentesco, amizades, ajuda mútua, gênero e nacionalidade, e essas redes mostram-se fundamentais para o sucesso do projeto migratório, individual e familiar.

A partir do início dos anos 1990, a feminização dos fluxos migratórios acentuou-se de forma significativa. Se durante muito tempo a migração das mulheres efetuou-se no quadro do reagrupamento familiar, atualmente tem como objetivo o trabalho, na sua maioria e à semelhança da migração dos homens. Muitos autores atentam à importância do aporte financeiro da geração de renda dessas mulheres às suas famílias e aos seus países de origem e ao fato de que, em muitos casos, são as mulheres que encabeçam e iniciam o movimento migratório familiar.

O aumento percentual da migração feminina em escala mundial tem a ver com a maior participação das mulheres nas esferas públicas (no mercado de trabalho e na necessidade de reforço do orçamento doméstico familiar) e também com o aumento da demanda de trabalho para serviços domésticos e de cuidados (NOVAES, M. 2014). Marina Novaes (2014) reforça que a maior participação das mulheres no mercado de trabalho impulsionou os fenômenos migratórios, já que as mulheres apresentam maior necessidade e responsabilidade no orçamento doméstico e têm mais autonomia no seio familiar.

Assim, nos processos de mobilidade, há um rearranjo da composição familiar, no qual a mulher que migra amplia seu espaço de decisões na família e, portanto, amplia seu poder de decisão e autonomia. A migração implica a socialização de gênero, e as mulheres, ao migrarem e se inserirem no mercado de trabalho, adquirem papel de protagonistas nesse processo, na tomada de decisões da família e no papel de provedoras do sustento familiar. A partir disso, há uma reconfiguração das subjetividades e das relações de poder, novos papéis e emancipação:

Esas nuevas subjetividades — sociales, ante todo — tienen que ver con las dinámicas de reconocimiento que se han producido entre diversos ámbitos de la sociedad y las mujeres migrantes, cuyas expresiones más visibles se ubican en los planos de la autonomía económica y de su posicionamiento como trabajadoras portadoras de saberes que, en la actual división global del trabajo, son muy bien valorados económicamente con relación a lo que sucede en sus lugares de origen (UNDA; ALVARADO, 2012, p. 596).

Un da e Alvarado (2012) observam que os processos migratórios se constituem em três etapas, perpassadas pelas redes migratórias transnacionais, que seriam as condições básicas para o projeto migratório, onde constam informações, percepções, contatos de pessoas, e que essas redes dependem da trajetória individual de cada uma, origem e destino e as expectativas de trabalho. O primeiro momento é a própria decisão de partir, que consiste nas condições concretas da viagem, pesquisas sobre os destinos possíveis, acionamento de redes de suporte, adequação das condições econômicas e afetivas. As autoras falam em uma subjetividade social, em que há um imaginário de que qualquer lugar é melhor do que seu país, a partir das crises socioeconômicas nos países de origem e as expectativas das mulheres em relação às suas necessidades econômicas e sociais. As mulheres têm papel fundamental nesse processo, pois são elas que acionam as redes de apoio, informações e criam motivações e estratégias efetivas. Nessa fase, surge a mulher migrante detentora de poder e protagonista do processo migratório.

O segundo momento é o da própria partida em si, quando a mulher vive a experiência de deixar a família e, ao mesmo tempo, realizar o projeto elaborado e desejado. A mulher encontra-se dividida por ter deixado seus papéis de mãe, esposa, filha, e se depara longe dos seus familiares e da sua terra natal. A última fase seria a chegada ao país de destino, caracterizada pela experiência da ausência, mas, posteriormente, também uma experimentação de reconhecimento social e econômico (UNDA; ALVARADO, 2012). A discussão e a abordagem sobre a dimensão do gênero na migração feminina na literatura acadêmica foi sofrendo mudanças e ganhando novos contornos com a visibilidade do fenômeno. Antes era retratada como migração passiva, na qual a mulher apenas acompanhava a família e era obrigada a migrar por questões financeiras e políticas.

Para além do debate sobre violação de direitos humanos, xenofobia e desvalorização, o que nos interessa é transpor essa discussão e propor uma perspectiva do protagonismo feminino na mobilidade humana. A mulher cria não só projetos de vida pessoais e familiares, novas possibilidades econômicas e sociais, mas também novas configurações com o local de destino. Provoca uma interlocução cultural, dialoga com o cenário em que está inserida, mobiliza outros atores sociais e recria novas identidades e possibilidades.

Sobre identidade, Carole Davies (2010) discute a questão no contexto de migração e diáspora do Caribe, e como essa identidade vai se reconfigurando nos processos migratórios, sejam estes forçados ou voluntários, na literatura caribenha. Assim, as autoras estudadas, ao retratarem a questão migratória, trazem não somente questões de conflitos do não pertencimento e a relação entre migração nos contextos coloniais e pós-coloniais, mas também assumem posturas críticas de resistência ao racismo e de afirmação da identidade.

Sobre a contribuição de uma etnografia feminista para os estudos de migração, Ethel Kosminsky (2007) faz um breve apanhado histórico de como a questão do gênero foi sendo diferenciada nos estudos sobre migração a partir dos anos 1980, nos Estados Unidos, devido à grande porcentagem de mulheres nesse processo, às implicações nas políticas e à importância dos estudos feministas na pesquisa acadêmica (KOSMINSKY, 2007).

No Brasil, só a partir dos anos 2000 o gênero aparece como categoria analítica. Thais França (2012) reforça que essa discussão é feita muitas vezes de forma superficial, e o debate acadêmico deve ir além da comparação dos dados quantitativos ou diferenças entre homens e mulheres na migração. Coloca que é essencial identificar e analisar as diferenças e assimetrias

existentes nas relações entre os gêneros e entre grupos de mulheres e identificar os diferentes mecanismos de dominação nesses processos:

Logo, é preciso rever os motivos que levam as mulheres a migrar, que consequências têm para os países envolvidos, quais as suas implicações nas dinâmicas das relações de gênero atuais, que questões inovadoras podem ser levantadas no meio acadêmico e que novas exigências políticas e sociais provocam (FRANÇA, 2012, p. 83).

A autora também ressalta que ainda são dominantes, nas pesquisas acadêmicas, trabalhos que reforçam estereótipos das migrantes com baixa qualificação profissional, que se dirigem aos países desenvolvidos e em busca de melhores condições econômicas.

Na migração feminina, há um processo constante de ressignificação das identidades, dos valores culturais e das relações sociais. A partir do novo lugar e da nova cultura com que se deparam, acabam reelaborando, também, suas identidades, tecendo novas configurações e novos pertencimentos. Unda e Alvarado (2012) afirmam que o processo migratório feminino ocasiona autonomia econômica e reconhecimento das mulheres enquanto trabalhadoras e portadoras de saberes, constituindo novas configurações e novos papéis sociais. As autoras enfatizam, ainda, que se estabelecem novas dinâmicas no mercado de trabalho quando as migrantes assumem novos papéis e outros tipos de trabalho diferentes dos exercidos em seus países de origem.

Bailey (2013), ao relatar trabalho de pesquisa e de campo sobre a constituição de uma organização não governamental de refugiadas africanas no Reino Unido, refere que as mulheres foram capazes de renegociar suas identidades, criar estratégias para enfrentamento das dificuldades (discriminação, falta de trabalho, regularização migratória, diferenças culturais), fazer interlocução com outros atores sociais e construir um espaço social e comunitário importante de reconhecimento social e de mobilização política.

A migração feminina é entendida por Diniz (2009) como investimento material, cultural, social e de relações de interesse, em que as condições concretas da migração (trabalho, moradia, informações, recursos) são conseguidas através de acionamentos das redes sociais. Mantendo a bagagem cultural e étnica, enriquecem sua cultura original e com a do país de acolhida e se instrumentalizam para obter o reconhecimento e integração necessários para o objetivo migratório. (NOVAES, M. 2014).

O que interessa no presente trabalho é discutir o papel da mulher no seu projeto migratório e como este processo é agenciador de oportunidades econômicas, sociais, de

reconhecimento e protagonismo. As mulheres migrantes constroem lugares de emancipação e destaque, e é a partir dessa perspectiva que este trabalho se propõe ao diálogo. Fazem-se necessários a compreensão crítica das experiências migratórias e um olhar atento a essa multiplicidade.

2.2 O panorama histórico da imigração no Brasil e na cidade de São Paulo

Ao resgatar o processo histórico dos fenômenos migratórios no Brasil, Patarra (2012) mostra que, até as primeiras décadas do século XX, a migração para o Brasil deu-se, em seguida ao fluxo forçado de escravos e a consequente abolição da escravidão, através do povoamento para defesa da terra e suprimento de mão de obra imigrante num país essencialmente movido por uma economia agrícola (principalmente a produção cafeeira paulista) e posteriormente para a produção industrial que se iniciava nesse período.

A partir de 1930, com a crise econômica mundial de 1929 e a subsequente crise cafeeira no Brasil, iniciou-se a política de restrição à entrada de estrangeiros no país, que até então supriam grande parte da demanda e foram substituídos pela força de trabalho interna. Esse cenário manteve-se estabilizado até a década de 1980, prevalecendo o fluxo interno de migração (essencialmente de estados do Nordeste para as regiões Sudeste e Sul). Concomitantemente à grande crise econômica brasileira da década de 1980, intensificou-se um processo inverso de emigração até a década de 2000, com saída expressiva de brasileiros dirigindo-se principalmente aos Estados Unidos, ao Japão, à Europa e, em menor escala, ao Paraguai (PATARRA, 2012; SOARES; LOBO; MATOS, 2015).

A partir dos anos 2000, o Brasil (e também outros países em desenvolvimento) intensificou novamente a entrada de estrangeiros vindos de países como Coreia do Sul, China, países africanos e latino-americanos (PATARRA, 2012), resultado até do endurecimento das políticas migratórias internacionais e do fechamento das fronteiras da Europa e dos Estados Unidos. É importante destacar que, a partir das décadas de 1980 e 1990, o Brasil também recebeu grande número de pessoas oriundas de países africanos em decorrência dos processos de lutas de independência e de conflitos pós-coloniais na África (SERRANO, 2011).

Os processos migratórios no Brasil sempre ocorreram de maneira bastante diversa, em função da complexidade da globalização e do cenário geopolítico e econômico

internacional e brasileiro. Serrano (2011) revela que, além da migração motivada por fatores econômicos, presencia-se também a mobilidade para o Brasil de trabalhadores qualificados, estudantes de graduação e pós-graduação através de convênios e cooperação internacional, pessoas vítimas de tráfico humano, solicitantes de refúgio e migrantes econômicos, entre outros.

O final da escravidão no Brasil em 1888 e o aumento da produção cafeeira no estado de São Paulo foram grandes responsáveis pelo incremento da vinda de imigrantes europeus, principalmente italianos, portugueses e espanhóis, tendo essas pessoas recebido inclusive subsídios financeiros do governo paulista (BASSANEZI, 2012). São Paulo presenciou esse movimento até meados dos anos 1930, com declínio do movimento migratório em parte pela crise econômica mundial de 1929, conforme já colocado anteriormente.

Segundo Naime (2006), vários são os motivos que mobilizam a migração: fatores econômicos, busca por melhores condições de vida, conflitos armados, busca de possibilidades para a educação, formação acadêmica e profissional. Também é importante lembrar que o Brasil integra em nossos dias o circuito do tráfico humano mundial (BRASIL, 2013a) e que houve, após a queda do muro de Berlim em 1989, o enrijecimento das fronteiras europeias e norte-americanas, reconfigurando as rotas migratórias globais.

A cidade de São Paulo também acompanhou esses processos migratórios nacionais e internacionais, e foi a partir dos anos 1970 que houve significativa entrada de estrangeiros, notadamente de países da América do Sul, principalmente bolivianos, peruanos e paraguaios (PAIVA, 2012), que se intensificou a partir dos anos 2000 de maneira expressiva. Recentemente, desde 2010, o Brasil e mais especificamente a cidade de São Paulo têm presenciado aumento do número de pessoas provenientes dos países africanos, de haitianos e de sírios. Em relação à escala mundial, o Brasil recebe pequena parcela dos cerca de 244 milhões de migrantes mundiais.

Há atualmente cerca de 1,8 milhões de imigrantes em situação regular no país (0,9% da população do país), vindos principalmente de Portugal e, secundariamente, do Japão, da Itália, da Espanha e dos latino-americanos (Bolívia e Argentina) (ARANTES, 2015; NÚMEROS EXATOS E ATUALIZADOS..., NEPDA, 2013). Cerca de 386 mil destes estão na capital paulista. Estima-se ainda aproximadamente 185 mil estrangeiros em situação irregular na cidade de São Paulo (MARANHÃO, 2014). Em alguns países da Europa, América do Norte e Oceania, a porcentagem de migrantes supera 10% da população, contra

menos de 2% nos países da África e América Latina (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2016).

Em relação aos refugiados, em 2015 havia no Brasil cerca de 28 mil solicitantes de refúgio⁶, dentre os quais apenas cerca de 8,8 mil reconhecidos pelo governo brasileiro, de 79 nacionalidades diferentes. Segundo os dados, 28% destes refugiados são mulheres e são provenientes da Síria (2.298), Angola (1.420), Colômbia (1.100), República Democrática do Congo (968) e Palestina (376).⁷ Cerca de 3 mil solicitantes vivem atualmente na cidade de São Paulo (REDE BRASIL..., 2015). Embora a proporção numérica seja pequena em relação à escala mundial, é notório o aumento significativo da presença de novos imigrantes na capital paulista (NAIME, 2006; PATARRA, 2005). Nesse sentido, tanto o Brasil quanto a cidade de São Paulo têm buscado diferentes formas de dialogar com essa nova dinâmica cultural, econômica e social, já que a cidade se tornou importante destino de fluxos migratórios internacionais.

Para complementação comparativa da análise, em relação aos dados de brasileiros residindo em outros países⁸, os números são discrepantes e incompletos. Dados do censo demográfico de 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indicavam cerca de 490 mil brasileiros no exterior, e o Ministério das Relações Exteriores estima em cerca de 2,5 milhões de pessoas morando em outros países. Os principais destinos são Estados Unidos, Portugal, Espanha, Japão e Itália. A situação irregular dos brasileiros no exterior é um dos desafios de se quantificar essa estimativa.

2.3 O imigrante no Brasil: marcos legais

Sabe-se que grande parcela das pessoas que migram para qualquer país expõe-se a diversas formas e dinâmicas de violação de direitos humanos, deparando-se com a frequente falta de informação e de assistência, além de inúmeras situações de racismo e xenofobia (KALY, 2001). Sato, Barros e Almeida (2007), ao pesquisar a vinda de africanos à cidade de

⁶ O refugiado só é reconhecido legalmente como tal após parecer do Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE) do Ministério da Justiça. Este processo pode demorar meses, e somente após essa decisão é que a pessoa passa a ter o direito ao Registro Nacional do Estrangeiro (SATO, 2004).

⁷ Cf. <http://www.acnur.org/portugues/recursos/estatisticas/dados-sobre-refugio-no-brasil/>.

⁸ Cf. <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/noticias/censo-ibge-estima-brasileiros-no-exterior-em-cerca-de-500-mil>

São Paulo em um centro de acolhida, apontaram que os imigrantes, ao chegar, são inseridos no país em situação de extrema vulnerabilidade, contando muitas vezes com serviços desarticulados e profissionais pouco sensíveis e despreparados para o acolhimento a demandas específicas da migração, aumentando ainda mais o preconceito e dificultando sua inserção social. Essa falta de uma rede de atenção articulada faz com que essas pessoas sejam inseridas muitas vezes em serviços de referência para população em situação de rua, onde “o circuito da população em situação de rua é o da negação das condições mínimas para o exercício da cidadania” (SATO; BARROS; ALMEIDA, 2007, p. 55).

Em termos legais, ainda vigora no Brasil o marco balizado pela Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, conhecida como Estatuto do Estrangeiro (BRASIL, 1980). Tal legislação foi estabelecida no contexto da ditadura militar, com uma concepção de segurança nacional e criminalização da migração, em que o estrangeiro é percebido como uma ameaça à ordem e à segurança brasileira (BONASSI, 1998). Mesmo diante da importância notória dos imigrantes para a economia e para a dinâmica histórica e cultural do Brasil, esta perspectiva jurídica ainda tem dificultado a vida de milhares de pessoas que se veem desprotegidas e vivendo constantes situações de violações de direitos fundamentais (PISCITELLI, 2008).

A Lei nº 6.815/1980 estabelece a criação do Conselho Nacional de Imigração (CNIg), para acompanhar a política de imigração no país. O contato inicial e as demandas solicitadas por qualquer estrangeiro ao ingressar no país são responsabilidade da Polícia Federal, prevalecendo logo de início uma abordagem polícial de segurança, repressão e também de periculosidade. Além disso, muitas vezes essas equipes de atendimento não estão preparadas e capacitadas para lidar com essa demanda, gerando desconhecimento e situações vexatórias, em que as pessoas são privadas do acesso à informação, orientação e, portanto, aos seus direitos mínimos.

O Estatuto do Estrangeiro reconhece poucas possibilidades de concessão de visto permanente, o Registro Nacional do Estrangeiro (RNE): casamento com cônjuge brasileiro, união estável, reunião familiar, prole brasileira e Acordo Mercosul⁹, além de concessão de alguns outros tipos de vistos específicos e transitórios¹⁰, cada um com suas especificidades,

⁹ O Decreto nº 6.975, de 7 de outubro de 2009, prevê o visto temporário de até dois anos, podendo depois solicitar o visto permanente, para estrangeiros de nacionalidade dos seguintes países signatários do acordo: Argentina, Paraguai, Uruguai, Chile, Bolívia, Peru, Colômbia e Equador.

¹⁰ O Estatuto do Estrangeiro prevê a concessão de sete tipos de vistos: trânsito, turista, temporário, permanente, cortesia, oficial e diplomático. Cada um possui tempo de permanência, atividade referente e procedimentos burocráticos e legais específicos (SICILIANO, 2013).

critérios e limites de permanência em território nacional (BRASIL, 1980). Devido às inúmeras restrições do Estatuto e ao descompasso com as demandas contemporâneas da questão migratória no Brasil, o CNIg criou uma série de resoluções normativas para adequar algumas situações referentes a essas novas questões (regularização de trabalhadores estrangeiros, visto de estudante e reunião familiar, entre outras).

Entretanto, ainda há pouca possibilidade de regularização migratória definitiva e mesmo de permanência transitória no país, seja para quem vem para trabalhar, morar ou até mesmo estudar. Os estudantes, por exemplo, podem permanecer no país enquanto durar seus respectivos cursos de graduação ou pós-graduação e prorrogar o visto por até mais seis meses, e não podem exercer atividade laboral durante sua estadia no país, dificultando sua permanência nesse período.

Além disso, mesmo após serem reconhecidos pelo governo brasileiro, são privados de direitos fundamentais. Por exemplo, o imigrante, ainda que em situação regularizada e oficializada, não tem direito a voto, à liberdade de expressão e de associar-se politicamente. Além de dificuldades para validação de diplomas de graduação e entraves para a concessão de vistos, os estudantes estrangeiros não podem exercer atividade laboral regular, dificultando ainda mais sua inserção no país. O imigrante depara-se não só com a dificuldade na legalização do RNE ou na obtenção do estatuto de refugiado, problemáticas de acesso a serviços, burocracias e grandes ônus econômicos com documentação para os trâmites legais (autenticação de documentos, pagamentos de taxas, comprovantes). Além disso, vivenciam constantemente situações de preconceito, barreiras no acesso aos serviços de saúde e de assistência, além do desconhecimento e do despreparo dos profissionais, quando se percebe claramente a reprodução da lógica dos estrangeiros como ameaça e como sujeitos sem direitos na realidade de alguns serviços que atuam direta ou indiretamente com a questão e no cotidiano dessas pessoas, reforçando ainda mais o preconceito e dificultando a inserção social efetiva dos imigrantes no país.

Siciliano (2013), em sua dissertação de mestrado, faz alguns comparativos entre o Brasil e alguns outros países, a partir de diversos aspectos da política migratória: reunião familiar, fronteiras, trabalho, detenção, refúgio, direitos, entre outros. É visível que o Brasil ainda permanece com uma política migratória restritiva, antiquada e sem proposta de atendimento integral, coordenado e coerente aos princípios de direitos humanos.

Em termos da política emigratória, Rossana Reis (2011) destaca que, em 1995, a criação do Programa de Apoio aos Brasileiros no Exterior pelo Ministério das Relações Exteriores foi importante iniciativa do governo federal no atendimento às crescentes demandas dos brasileiros residentes em países estrangeiros. O Programa consistia na criação de consulados itinerantes em países com grande concentração de brasileiros residentes. Além disso, a autora cita que o volume considerável da remessa financeira dos brasileiros e a quantidade expressiva de votantes residindo no exterior impulsionaram um olhar mais atento às suas demandas, com acordos bilaterais, mobilização da própria população emigrante e, em 2006, a criação da Subsecretaria-Geral para as Comunidades Brasileiras no Exterior, dentro do Ministério das Relações Exteriores (REIS, R., 2011; SICILIANO, 2013).

Apesar desse panorama e desses entraves, com o crescimento dos fenômenos migratórios contemporâneos no país, presenciamos também, ainda que de forma discreta e gradativa, outro olhar para lidar com a complexidade da imigração. São iniciativas, alternativas, novas possibilidades que têm surgido e buscam maior diálogo com os pressupostos de direitos humanos e cidadania.

Embora ainda permeada por muitos desafios, a questão dos refugiados no Brasil tem mostrado alguns avanços significativos. O país é signatário das principais convenções internacionais e conta com aparato jurídico da Lei n.º 9.474, de 22 de julho de 1997, que regulamenta a questão dos refugiados no Brasil, de acordo com a Convenção sobre o Estatuto dos Refugiados de 1951, com o Protocolo sobre o Estatuto dos Refugiados de 1967 e com a Declaração Universal dos Direitos do Homem de 1948, todos documentos internacionais de extrema importância no cenário mundial.

Além disso, o sistema jurídico brasileiro permitiu três anistias aos estrangeiros irregulares no país, em 1988, 1998 e recentemente em 2009. Esta última regularizou cerca de 44 mil pessoas (RODRIGUES, 2014), sendo esse processo de regularização migratória duramente criticado por algumas lideranças, instituições e movimentos sociais ligados à questão de direitos humanos. Entraves burocráticos e linguísticos, necessidade de extensa documentação e pagamento de taxas com alto custo financeiro e pouca divulgação da iniciativa para o público-alvo foram impedimentos importantes para maior alcance da ação.

Ainda assim, o panorama atual do fenômeno das migrações internacionais no Brasil cria novas dinâmicas para se lidar com essas questões. Diante da rigidez da legislação, da dificuldade de inserção dos imigrantes e do aumento crescente do número de pessoas que

chegam ao país, o Brasil vem debatendo e revendo tanto sua legislação quanto as políticas voltadas para a questão. Com isso, coletivos de imigrantes, movimentos sociais ligados aos direitos humanos e até mesmo algumas esferas do poder público discutem e lutam pela aprovação do Projeto de Lei da Migração nº 288 de 2013 (BRASIL, 2013b), atualmente aprovado pela Comissão de Relações Exteriores do Senado Federal e em tramitação na Câmara dos Deputados. Este projeto institui uma política migratória nacional, propõe uma redução dos trâmites burocráticos, descriminalização da migração, concessão de vistos humanitários a qualquer nacionalidade, acesso igualitário aos direitos dos brasileiros, combate ao tráfico de pessoas e à xenofobia e a garantia de reunião familiar do imigrante, além de ações pertinentes de desenvolvimento econômico, cultural, social e científico (BRASIL, 2013b).

Com essa nova perspectiva, propõe-se a mudança da concepção do estrangeiro como ameaça nacional e problema para o paradigma de sujeito de direitos e de cidadania plena. Cabe ressaltar que a pauta da migração internacional contemporânea é vivenciada e debatida em diversos aspectos, e é importante compreender como o Brasil e mais especificamente a cidade de São Paulo têm dialogado com a temática no âmbito da assistência, dos direitos humanos e das políticas públicas.

2.4 A sociedade civil e a construção da Política Municipal para População Migrante na cidade de São Paulo

Historicamente, a cidade de São Paulo tem sido destino importante de pessoas oriundas de diversas regiões do país e do mundo. Com o adensamento e a complexidade do fenômeno, já há alguns anos a cidade vem debatendo e repensando novas formas de lidar com a situação. Vários atores da sociedade civil, do poder público e de movimentos e coletivos têm realizado esforços de discutir e construir políticas públicas voltadas para questão da imigração. Sua complexidade e sua amplitude passaram a exigir a construção de política específica, além de revisão e transformação dos marcos legais que regem a imigração no país, já citados anteriormente.

É essencial ressaltar que a política municipal para a questão da imigração foi construída por esforços conjuntos e, em particular, a partir da mobilização da própria

população migrante, que notadamente se deparava com situações de discriminação, xenofobia, acesso precário aos serviços de saúde, educação e moradia, dificuldades nas questões jurídicas e de inserção laboral de pessoas de origens diferentes (sobretudo latino-americanos, asiáticos e africanos de diversas nacionalidades).

Assim, esses grupos foram criando iniciativas de organização e redes de apoio para as mais diversas demandas coletivas (culturais, linguísticas, jurídicas, religiosas), e através desses novos arranjos coletivos foram se inserindo em espaços de interlocução com as secretarias públicas, mobilizando outros atores da sociedade civil, organizações não governamentais, centros de acolhida, universidades. Desse modo, fizeram-se visíveis na cidade e presentes nas suas reivindicações, forçando uma mobilização coletiva na cidade de São Paulo.

Na Conferência das Nações Unidas de Direitos Humanos, realizada em Viena em 1993, o Brasil assumiu o compromisso de constituir um programa de direitos humanos com ações nacionais, regionais e locais. Dessa forma, os municípios passaram a ter obrigação de desenvolver política municipal de direitos humanos. Diante desse imperativo, foi instituída na cidade de São Paulo em 2002 a Comissão Municipal de Direitos Humanos de São Paulo (CMDH-SP), através da Lei Municipal nº 13.292/2002 (SÃO PAULO, 2002). Em seu artigo 2º declara que:

Constituem Direitos Humanos, sob a proteção da Comissão Municipal de Direitos Humanos, os direitos e garantias fundamentais, previstos nas Constituições Federal e Estadual, na Lei Orgânica do Município de São Paulo, na legislação das três esferas e nos tratados e convenções internacionais de que o Brasil for parte, compreendendo os direitos individuais, coletivos e sociais (SÃO PAULO, 2002, p. 1).

O trabalho da Comissão Municipal englobava atendimentos de denúncias de violação de direitos humanos, parcerias e representações em outras instâncias e organizações ligadas à temática, sendo sua equipe composta por assistentes sociais, psicólogos e advogados (PIEROTE-SILVA, 2014). A partir disso, a Comissão iniciou atendimentos e acolhimento das denúncias, encaminhamentos e orientações destas, e com o tempo esse espaço passou a ser chamado de “Balcão de Atendimento” (PIEROTE-SILVA, 2014). O Balcão então priorizava o trabalho em equipe multiprofissional dos núcleos jurídicos e sociais, atenção e orientação individualizada das demandas e dos direitos de cada pessoa atendida (SÃO PAULO, 2005).

Desde então, vem recebendo denúncias de violência contra crianças e jovens, idosos, mulheres, queixas do sistema de saúde, de serviços para população de rua e também

denúncias de xenofobia e violações dos direitos de imigrantes e refugiados (SÃO PAULO, 2007). A partir de 2007, com o trabalho fortalecido, o Balcão acabou se tornando referência para denúncias e solicitações da população em situação de rua e de questões ligadas aos direitos humanos de imigrantes na cidade, integrando-se então às Redes de Discussão de Políticas para Imigrantes e Refugiados, que discute e articula a rede de serviços e movimentos relacionados à temática (PIEROTE-SILVA, 2014).

Nesse processo, a Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania da cidade de São Paulo (SMDHC) foi criada em janeiro de 2013, com o Decreto nº 53.685 (SÃO PAULO, 2013). Essa nova pasta uniu a antiga Secretaria de Participação e Parceria, a Comissão Municipal de Direitos Humanos e o secretário especial de Direitos Humanos. Algumas atribuições foram realocadas em outras secretarias, e a SMDHC instituiu 11 novas coordenações: Políticas para a População em Situação de Rua, Educação em Direitos Humanos, Direito à Memória e à Verdade, Políticas para Migrantes, Políticas para Crianças e Adolescentes, Promoção do Direito à Cidade, Políticas para Juventude, Políticas para LGBT, Políticas para Idoso, Políticas sobre Drogas e Promoção do Trabalho Decente (SÃO PAULO, 2016b). A Comissão então passou a integrar a pasta da SMDHC, mas o Balcão continua até hoje sendo referência importante para denúncias, mobilização política e acompanhamento das políticas públicas das questões dos direitos humanos.

Até, 2016, a gestão municipal da SMDHC colocou a temática da migração como uma de suas pautas principais de trabalho, criando, a partir da Lei nº 15.764, de 27 de maio de 2013 (SÃO PAULO, 2016a), a Coordenação de Políticas para Migrantes (CPMig), em decorrência dos avanços da própria mobilização política de direitos humanos da capital paulista.

A Coordenação tem como objetivo principal a articulação e a efetivação de políticas públicas migratórias de maneira transversa e intersetorial, além de ter papel importante de interlocução com movimentos sociais e outros atores do poder público (SÃO PAULO, 2016a). A CPMig conta com vários projetos e frentes de trabalho, como centros de acolhidas, programa de facilitação de abertura de conta bancária dos imigrantes, capacitação de servidores públicos para atendimento ao migrante, curso de português, ações culturais, mapeamento e articulações com políticas de trabalho e empregabilidade, entre outros (SÃO PAULO, 2016a).

Concomitantemente, através de esforços e mobilização conjunta da SMDHC, da Coordenação, de movimentos sociais e instituições ligadas à temática da migração e dos direitos humanos, a capital paulista vivenciou nesses últimos anos audiências públicas, encontros, debates e pré-conferências sobre a pauta, contando com a participação fundamental da própria população imigrante em todas essas instâncias. A partir dessa mobilização, houve em 2013 a I Conferência Municipal de Políticas para Imigrantes — *Somos todos migrantes*, marco importante para efetivação dos direitos dos migrantes e início gestor da construção de uma política pública efetiva e participativa para a temática. Contou com a participação de 13 secretarias municipais e 14 representantes de entidades da sociedade civil.

As propostas discutidas na Conferência foram reunidas em quatro eixos temáticos, relatadas no Documento Final elaborado a partir do encontro (SÃO PAULO, 2013): o primeiro é *promoção e garantia de acesso a direitos sociais e serviços públicos*, que prevê a cidadania como conceito central, o acesso à educação e à saúde, o combate à violência contra a mulher imigrante, a questão do registro migratório, a liberdade de expressão e de acesso à produção cultural. O segundo eixo refere-se à *promoção do trabalho decente*, que prevê a fiscalização das condições e dos direitos trabalhistas. O terceiro eixo trata da *inclusão social e reconhecimento cultural*, que propõe integração e a não aculturação dos imigrantes, acesso à informação e promoção de ações sobre diversidade cultural nas escolas e também ensino de português. O último eixo é a *legislação federal e política nacional para as migrações e refúgio*, que exige a revisão do Estatuto do Estrangeiro e também a participação política e direito a voto aos imigrantes.

A Conferência Municipal é uma conquista importante dos movimentos sociais de imigrantes e sua construção envolveu o esforço e dedicação de diversas pessoas e entidades do governo e da sociedade civil. Espera-se que ela se constitua como marco histórico da mudança de paradigma — da segurança nacional aos direitos humanos — que se iniciou na cidade de São Paulo e que seja o ponto de partida de uma série de conquistas para efetivar a migração como um direito fundamental de todo ser humano (SÃO PAULO, 2013, p. 59).

A partir da Conferência Municipal, definiu-se a participação de imigrantes no Conselho Participativo Municipal, em março de 2014. As eleições contaram com cerca de 1,7 mil votantes e 49 candidatos. Foram eleitos 20 conselheiros migrantes, distribuídos em 19 subprefeituras¹¹ (a subprefeitura da Sé contou com dois representantes devido ao seu grande

¹¹ Cf. <http://www.capital.sp.gov.br/portal/noticia/2092#ad-image-0>

número de imigrantes residentes na região). O Conselho Participativo foi regulamentado pelo Decreto nº 56.208, de 30 de junho de 2015, a partir da Lei nº 15.764, de 27 de maio de 2013:

É um organismo autônomo da sociedade civil, reconhecido pelo Poder Público Municipal como espaço consultivo e de representação da sociedade no território das 32 subprefeituras da cidade. Sua função é exercer o controle social e assegurar a participação no planejamento e fiscalização das ações e gastos públicos, como também sugerir ações e políticas públicas nos territórios. É formado por representantes da sociedade civil eleitos por todos os cidadãos paulistanos. (RADAR MUNICIPAL, 2016, p. 1).

O mandato de cada conselheiro tem duração de dois anos, e a partir das eleições de 2015, ficou definido que o Conselho deverá obrigatoriamente ser composto por no mínimo 50% de mulheres, além do aumento da participação dos imigrantes nas 32 subprefeituras da cidade, estendendo e totalizando a representação migrante em todo o município (RADAR MUNICIPAL, 2016). Vale destacar o reconhecimento da importância da discussão da questão migratória em uma esfera coletiva e de participação popular.

As pré-conferências, conferências municipais e estaduais culminaram com a realização da I Conferência Nacional sobre Migrações e Refúgio (Comigrar), em 2014, também na cidade de São Paulo. Estes são marcos importantes para a construção de políticas públicas e para a efetivação dos direitos dos imigrantes, que antes eram pensadas sob óticas individualizantes, muitas vezes assistencialistas, e em ações de alguns grupos e serviços desarticulados e sem um plano de trabalho conjunto.

Esse movimento de articulação e reivindicação foi tomando forma e ganhou maior visibilidade a partir de 2013, com a criação da CPMIg, com as audiências públicas, pré-conferências e conferências sobre migração e debates públicos. Além disso, a inserção dos migrantes em várias esferas da sociedade foi impulsionada por esse movimento. Vimos então emergir coletivos de divulgação da cultura imigrante, serviços e iniciativas especializadas na atenção ao migrante, agentes comunitários estrangeiros nas unidades básicas de saúde, mobilização nos conselhos participativos e inserção dos imigrantes nas universidades e debates acadêmicos, entre outros espaços. Importante ressaltar que desde então tem sido um período extremamente rico, intenso e plural que a cidade presencia, pois tem conseguido pela primeira vez debater a questão da migração em uma escala notória, com vários atores sociais implicados.

A partir do Decreto nº 56.353/2015, também foi criado o Comitê Intersetorial da Política Municipal para a População Imigrante, composto por 13 representantes do poder

público e 13 integrantes da sociedade civil, com a missão de criar diretrizes para a elaboração de uma política municipal para imigrantes de forma transversal, participativa e coletiva (SÃO PAULO, 2016a). Essas diretrizes também foram abertas, no início de 2016, para consulta pública da Política Municipal para a População Imigrante, com possibilidade a qualquer pessoa de apresentar propostas e sugestões referentes às balizas e estratégias destinadas ao atendimento e aos serviços para os imigrantes, seguindo depois para futuros encaminhamentos para ser aprovada pela Câmara de Vereadores.

Outra interlocução importante é o Grupo de Trabalho Saúde dos Imigrantes e Refugiados, da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo, que vem realizando encontros com trocas de experiências, oficinas e trabalhos, e sensibilização das unidades de saúde (comunicação, formação de profissionais e ações específicas) de propostas na atenção à saúde, contando com imigrantes no seu quadro de equipe. Outra pasta que também tem incluído a pauta dos migrantes é a Secretaria Municipal de Cultura, que convocou coletivos de imigrantes e representantes para a discussão e consulta pública do Plano Municipal de Cultura de 2016.

Recentemente, em junho de 2016, foi aprovada pela Câmara Municipal de São Paulo o Projeto de Lei nº 142¹², que institui a Política Municipal para a População Imigrante. É um marco importante para a cidade, pois prevê uma política pública efetiva que independa da gestão municipal em vigor.

Em julho de 2016, a cidade sediou o VII Fórum Social Mundial das Migrações, importante evento da temática que foi discutido, planejado e operacionalizado com a participação das várias instituições e movimentos sociais atuantes na cidade. O evento é um desdobramento do Fórum Social Mundial, ocorrido em Porto Alegre em 2001, e se realiza a cada dois anos em diversos países do mundo, com o objetivo de discutir e promover reflexões e trocas sobre a questão da migração internacional. O evento de 2016 contou com eixos temáticos de discussão (crise do sistema capitalista e consequências para as migrações, discussão de gênero e feminização da migração, desdobramentos das crises climáticas, moradia e direito à cidade, direitos humanos e cidadania), além de debates, atividades e oficinas culturais (FÓRUM SOCIAL MUNDIAL DAS MIGRAÇÕES, 2016). O Fórum contou com mais de 3 mil participantes, representados por 57 países, e foi resultado do esforço conjunto de vários atores sociais aqui já mencionados que tem mobilizado a cidade

¹² Cf. [http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/direitos_humanos/PL%20142_2016_Pt\(1\).pdf](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/direitos_humanos/PL%20142_2016_Pt(1).pdf).

para a discussão da migração contemporânea, além de importante espaço de troca de experiências e fortalecimento políticos dessa questão.

Como podemos perceber, a cidade de São Paulo tem vivenciado desde então uma articulação entre vários atores da sociedade civil, movimentos sociais e poder público, que buscam uma convergência e interlocução mais efetiva, democrática e participativa com a temática. Demandas por direitos humanos, trabalho, políticas públicas, combate à xenofobia, valorização cultural, iniciativas diversas e protagonismo dos imigrantes têm proporcionado um panorama da imigração contemporânea na cidade extremamente rico, plural e promissor, ainda que permeado por diversos desafios.

Nos últimos anos, o surgimento de várias lideranças imigrantes em São Paulo reforçou a necessidade de se discutir as ações em educação, saúde, assistência social, além da luta por direitos políticos, incluindo o de voto, por exemplo. A crescente formação de associações reunidas a partir de nacionalidades, especificidades de situação migratória ou afinidades culturais, religiosas e de gênero discutem, reivindicam e pressionam o poder público e a sociedade civil de forma organizada para a conquista, ampliação e consolidação de seus direitos individuais e coletivos.

2.5 O cenário da imigração recente na cidade de São Paulo: serviços, iniciativas, coletivos

A pluralidade do fenômeno migratório em São Paulo abarca diversas nacionalidades, com presença significativa dos latino-americanos, africanos, haitianos e sírios, e múltiplos motivos de vinda à cidade (melhores oportunidades de trabalho e de estudo, redes de apoio já sustentadas, solicitação de refúgio, reunião familiar). Esses novos rearranjos familiares, econômicos, culturais e sociais desdobram-se também em uma diversidade de demandas e necessidades.

Assim, a cidade vem apresentando um panorama plural de serviços, associações, iniciativas individuais e coletivas, movimentos sociais, projeto ligados às universidades e vários outros atores que se integram no âmbito das políticas públicas e da sociedade civil. São esforços conjuntos que buscam uma articulação e efetivação de políticas públicas específicas para a migração, e também tem dialogado e se posicionado frente a essa questão e se

preparando para novos desafios da migração contemporânea. A complexidade das questões inerentes ao fenômeno da migração também vai criando nos serviços necessidades de mudanças, interlocução com novas possibilidades, aprendizados e reconfigurações necessárias que dialoguem com as novas demandas apresentadas.

Até então, a assistência aos imigrantes era pulverizada por vários serviços, caracterizada por ações sociais filantrópicas, muitas vezes assistencialistas e de caridade, ligadas às instituições religiosas, sem diretrizes e orçamentos definidos. Havia também alguns grupos independentes de referência na defesa dos direitos humanos que até hoje exercem papel importante de assistência e reivindicação dos direitos e de políticas públicas, mas que exerciam sua militância de forma pontual e sem uma articulação coletiva.

Alguns desses serviços serão descritos a partir das visitas realizadas durante o trabalho de campo ou através de contatos com pessoas de referência das iniciativas e pesquisas prévias. O objetivo não é um levantamento minucioso do que a cidade tem oferecido, mas sim apresentar um panorama geral do que existe atualmente dentro desse contexto apresentado, sendo parte essencial para apropriação do campo estudado. Além disso, interessa aqui conhecer essas iniciativas e instituições para entender como as mulheres africanas podem fazer uso disso para recorrer às suas demandas no apoio aos seus processos de organização da vida econômica, principalmente.

O Centro de Direitos Humanos e Cidadania do Imigrante¹³ (CDHIC) é uma organização da sociedade civil que busca articular ações para a construção de uma política migratória baseada nos direitos humanos através de assessoria jurídica e social, ações de formação e comunicação, articulação e participação política. O Instituto do Desenvolvimento da Diáspora Africana no Brasil¹⁴ (IDDAB) é uma organização da sociedade civil dedicada à pesquisa, educação e intervenção para questões ligadas às populações africanas e diáspora africana. Ambos têm realizado há um bom tempo papel importante de referência na cidade de São Paulo na interlocução com outros serviços e o poder público e na discussão da temática nos diversos âmbitos (acadêmicos, políticos e sociais).

Em novembro de 2014, uma iniciativa importante da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania, através da CPMig, foi a criação do Centro de Referência e Acolhida para Imigrantes (CRAI). O CRAI é englobado também pela Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social e é administrado pelo Serviço Franciscano de

¹³ Cf. <http://www.cdhic.org.br/>

¹⁴ Cf. <https://iddab.wordpress.com/>

Solidariedade (SEFRAS). Este foi o primeiro serviço municipal criado a partir de esforços conjuntos para a implementação de uma política municipal para migrantes na cidade, também com a articulação de instituições que já trabalhavam com a temática.

O CRAI atende toda a população imigrante da cidade, independente da sua situação migratória, nacionalidade ou região de moradia, tendo maior ênfase e demanda na atenção aos solicitantes de refúgio e pessoas em situação de maior vulnerabilidade (SÃO PAULO, 2016c). Divide-se entre o Centro de Referência e o Centro de Acolhida, localizados no mesmo endereço, no bairro da Bela Vista, região central de São Paulo com grande concentração de imigrantes e de equipamentos sociais para pessoas em situação de rua da cidade. O serviço busca promover o acesso a direitos e inclusão social, cultural e econômica dos imigrantes por meio de atendimentos especializados (jurídico, social, psicológico, encaminhamentos), da oferta de cursos e oficinas, além do serviço de acolhimento.

Concomitantemente, o Centro de Acolhida oferece 110 vagas (masculinas, femininas e crianças), com perfis diversos de pessoas abrigadas: solicitantes de refúgio, imigrantes, pessoas vítimas de tráfico humano, pessoas com visto humanitário (haitianos e sírios¹⁵). Oferece ainda atividades socioeducativas e uma brinquedoteca. A equipe conta também com um psicólogo, duas assistentes sociais, além de um advogado e equipe de apoio. O CRAI oferece orientação e serviços de regularização de documentação, apoio jurídico, encaminhamentos para saúde, educação, trabalho e outros. É aberto para qualquer imigrante, não necessitando estar vinculado ao centro de acolhida, e conta com atendentes imigrantes, facilitando assim a comunicação com as pessoas acolhidas (SÃO PAULO, 2016c).

O CRAI mantém parceria com o Centro de Apoio ao Trabalho e Empreendedorismo (CATE), situado no bairro da Luz, também na região central da cidade, que possui um Núcleo da Diversidade. O CATE tem atendentes imigrantes e realiza encaminhamentos e programas específicos para ações de empregabilidade. Foi criado a partir da demanda de inserção no trabalho no âmbito de ações de uma política intersetorial de atenção ao migrante.

¹⁵ Os haitianos, por conta da situação específica de crise após terremoto ocorrido em 2010, receberam o visto humanitário, com validade de cinco anos, por determinação do Conselho Nacional de Imigração (CNIg), através da Resolução 97/2012. Recentemente, o CNIg concedeu residência permanente aos cerca de 43 mil haitianos em situação irregular no país

Devido à guerra civil na Síria, a partir de setembro de 2013 o país concedeu visto humanitários aos sírios nos países de origem, para posterior status de refúgio ao chegarem no Brasil, através de ação do Ministério da Justiça, pelo Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), e cerca de 7 mil refugiados foram reconhecidos pelo governo brasileiro (BRASIL, 2015).

Alguns centros de acolhida voltados à população em situação de rua foram mudando seu perfil de trabalho conforme o surgimento de novas demandas. A Missão Paz é um dos serviços de acolhida mais antigos da cidade, localizado no bairro do Glicério, também na região central. O complexo da Missão Paz faz parte da Congregação de Missionários Scalabrinianos, segmento da Igreja Católica que tradicionalmente desenvolve trabalho com imigrantes desde o século XIX. Na década de 1940, a Missão Paz tinha seu trabalho voltado para os imigrantes recém-chegados à cidade. Logo mais acompanhou a leva de migração de pessoas oriundas de outras cidades brasileiras, principalmente dos estados do Nordeste e, a partir da década de 1970, configuraram-se novos fluxos internacionais, notadamente os sul-americanos, seguidos dos africanos e haitianos (LÚCIO, 2015). Com o agravamento da situação mundial e com as novas ondas migratórias de outros países, passou a receber quase que exclusivamente a população imigrante, e logo se tornou referência na acolhida dessas pessoas na cidade. A Missão Paz é composta por quatro grandes núcleos: Casa do Migrante, Centro Pastoral e de Mediação dos Migrantes, Centro de Estudos Migratórios e as paróquias Nossa Senhora da Paz, Latino-Americana e Italiana.

A Casa do Migrante é o próprio centro de acolhida, abriga 110 pessoas (entre homens e mulheres), com serviços de alimentação, bagageiro, lavanderia, palestras e atividades culturais, encaminhamentos para cursos e aulas de português. O Centro Pastoral e de Mediação dos Migrantes é o núcleo das questões relacionadas a apoio jurídico, saúde, trabalho, família e educação. O Centro de Estudos Migratórios é responsável pela biblioteca especializada na temática da migração e também publica a *Revista Travessia*, importante veículo de comunicação sobre o tema. E, por fim, a Paróquia Nossa Senhora da Paz, que realiza seu trabalho religioso e social no bairro (MISSÃO PAZ, 2015).

Além disso, a Missão Paz participa ativamente da rede de movimentos ligados às políticas para imigrantes na cidade e dado seu histórico e dimensão do seu trabalho, tornou-se uma das principais referências da questão, tanto na assistência e apoio aos imigrantes, quanto na participação na efetivação das políticas públicas e direitos humanos. A Missão Paz teve papel fundamental na acolhida dos imigrantes haitianos recém-chegados após o terremoto de 2010 e quando a cidade passou a presenciar uma quantidade significativa destes, após a concessão de vistos humanitários pelo governo brasileiro.

O Arsenal da Esperança, do Servizio Missionario Giovani (SERMIG),¹⁶ nasceu na Itália, através da iniciativa para promover justiça social, desenvolvimento e solidariedade através da Fraternidade da Esperança. Em São Paulo, o Arsenal foi aberto em 1996, nas mesmas instalações da Hospedaria dos Imigrantes, que historicamente abrigou milhares de imigrantes vindos de vários países e que posteriormente passou a realizar seu trabalho também com pessoas em situação de rua. O Centro de Acolhida, localizado no bairro do Brás, conta com 1.200 vagas masculinas, oferece cursos de português, encaminhamentos, serviço social e atividades culturais (SERVIZIO MISSIONARIO GIOVANI, 2015). Atualmente configura-se como referência importante para a população em situação de rua, mas ainda assim recebe grande número de estrangeiros.

No Brasil, a Cáritas é a instituição da sociedade civil (ligada à Igreja Católica) responsável pela assistência aos refugiados e solicitantes de refúgio, designada pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), através do Comitê Nacional para Refugiados (CONARE), com sedes em São Paulo e no Rio de Janeiro. O centro de acolhida também se localiza na região central da cidade e oferece também orientação jurídica especificamente em relação a questões de refúgio, apoio psicológico e social, encaminhamentos para cursos de português e para outros serviços relacionados a trabalho, educação, saúde e documentação (CÁRITAS BRASILEIRA, 2015).

O Centro de Apoio e Pastoral do Migrante (CAMI), fundado em 2005 pelo Serviço Pastoral dos Migrantes, tem o objetivo de promover direitos humanos, cidadania e inserção social aos imigrantes, além de atuação de combate ao trabalho escravo e ao tráfico de pessoas. Realiza atendimentos e orientações jurídicas, trabalho de conscientização cultural, encaminhamentos diversos, aulas de português e cursos, e publica o jornal *Nosotros Imigrantes*. O CAMI também tem atuação política importante e historicamente tem atuação de referência na comunidade de imigrantes latino-americanos.

O Centro Social Nossa Senhora Aparecida — Associação Palotina faz parte dos projetos da Congregação das Irmãs do Apostolado Católica (Palotinas). Após várias mudanças, em 2006, foi reinaugurado o novo centro de acolhida, no bairro da Vila Matilde, zona leste da cidade, com o objetivo de receber e atender especificamente mulheres refugiadas e estrangeiras egressas do sistema penitenciário (ASSOCIAÇÃO PALOTINA, 2016).

¹⁶ Cf. <[http:// www.sermig.org/](http://www.sermig.org/)>. Acesso em: 2 out. 2015.

A Casa de Passagem Terra Nova é um centro de acolhida recém-inaugurado em outubro de 2014 pelo governo do estado de São Paulo, através da Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania e da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social. O serviço é gerenciado pela Coordenação Regional de Obras de Promoção Humana (CROPH), possui 50 vagas para refugiados, imigrantes, vítimas de tráfico humano, famílias. Oferece alimentação acolhida, atendimento social psicológico e jurídico, além de proporcionar encaminhamentos diversos (SÃO PAULO, 2016d).

As instituições que integram em seus objetivos de intervenção a questão da migração são, em grande parte, ações sociais da Igreja Católica. Algumas criaram ou ampliaram projetos de intervenção assistencial e serviços através de convênios com a prefeitura, por meio da rede do Sistema Único da Assistência Social (SUAS), sendo serviços inseridos na rede de assistência da cidade.

Entretanto, dada a dinâmica atual do fenômeno migratório contemporâneo, também é possível encontrar instituições, iniciativas de grupos e outros setores que, de maneira direta ou indireta, muitas vezes sem uma articulação direta com políticas públicas, acolhem em parte essas novas demandas sociais dos fenômenos migratórios e repropõem outro tipo de diálogo com o fenômeno.

O Instituto de Reintegração do Refugiado (ADUS) (INSTITUTO DE REINTEGRAÇÃO DO REFUGIADO, 2015) é uma organização não governamental criada em 2010 com equipe composta de voluntários, cujo objetivo é favorecer a integração tanto de refugiados como de solicitantes de refúgio. Trabalha com programas e ações de reintegração das pessoas na cidade, encaminhamentos para trabalho, orientação jurídica, ações e bazares culturais, cursos de língua portuguesa.

Outra instituição que intervém de maneira significativa na acolhida de imigrantes vindos de diversas regiões muçulmanas é a Mesquita *Bilal Al Habashi*, situada no centro da cidade de São Paulo, onde há presença expressiva de africanos e africanas nas imediações. Importante espaço religioso e também centro de construção de rede social de suporte, tornou-se referência para os recém-chegados na cidade. A mesquita desenvolve de maneira intensa e ativa ações de acolhimento e orientação. Muitas pessoas a procuram antes mesmo de irem para centros de acolhidas ou para outros serviços especializados.

Outras iniciativas e coletivos, principalmente ligados ao campo da cultura também dialogam com a questão. O Abraço Cultural¹⁷ é um projeto de cursos de línguas oferecidos por refugiados, que busca não só o aprendizado de idiomas, mas também as trocas e vivências culturais entre alunos e professores. O Migraflix¹⁸ consiste em minicursos ligados a culinária, música, dança e cultura em geral, ministrados por imigrantes com o objetivo de geração de renda, empoderamento dos imigrantes e trocas culturais.

Em agosto de 2015, foi inaugurado o projeto de extensão universitária “Projeto Migração: Programa de Conscientização e Proteção ao Direito do Migrante”¹⁹, da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, com a coordenação do professor doutor Wagner Menezes. Tem como objetivo a conscientização dos direitos dos imigrantes através de atendimentos de consultorias e também da produção de atividades e pesquisas acadêmicas sobre a temática. São iniciativas importantes que inserem a pauta dos direitos humanos e imigração nos debates universitários.

Além disso, uma iniciativa importante do CRAI, em parceria com outras entidades e movimentos sociais, foi a elaboração do Guia de Acesso a Direitos para Imigrantes e Servidores Públicos, que ainda não foi disponibilizado para uso (SÃO PAULO, 2016a). Em 2015, a Coordenação de Políticas para Migrantes disponibilizou para consulta aberta o “Mapeamento dos Grupos de Imigrantes ou Ligados à Temática Migratória no Município de São Paulo”, com o objetivo de:

... fornecer subsídios a este conjunto de políticas desenvolvidas. Este projeto nasce a partir das demandas da sociedade civil relacionadas à necessidade de obter contatos de organizações não-governamentais, associações, coletivos, organizações religiosas e grupos artísticos formados por imigrantes ou que trabalhem com a temática migratória em São Paulo, como também do entusiasmo de proporcionar espaço para que grupos de imigrantes, muitas vezes pequenos, possam ter visibilidade e continuem a enriquecer economicamente, socialmente e culturalmente nossa Cidade (SÃO PAULO, 2015, p. 5).

Dentre os grupos citados, vale destacar a Associação Senegaleses de São Paulo, que tem como objetivo a integração dos naturais do Senegal na cidade e a promoção do multiculturalismo. A União Malinesa em São Paulo no Brasil é um grupo que busca o fortalecimento dos malineses através de ações coletivas e fortalecimento de redes de apoio aos que chegam, além do diálogo intercultural e participação política. A própria Casa das Áfricas

¹⁷ Cf. <http://abracocultural.com.br/>

¹⁸ Cf. <http://www.migraflix.com.br/>

¹⁹ Cf. <http://www5.usp.br/100818/migracao-legal-o-desafio-de-conscientizar-imigrantes-sobre-seus-direitos/>

— Núcleo Amanar, já citada, tem pautado suas ações no diálogo com as questões da migração africana contemporânea através de atividades de formação e debates. Além disso, busca valorizar a produção do conhecimento acadêmico e cultural e a mobilização política de diversos africanos residentes no Brasil.

Esses e outros coletivos, apesar de muitas vezes não ganharem destaque e não terem tanta visibilidade nos espaços, desenvolvem papel de extrema importância ao articular e fortalecer a própria população migrante na sociedade brasileira, além de se posicionarem politicamente diante da questão da política municipal e dos direitos humanos. Assim, acabam tendo papel protagonista nesse cenário da migração na cidade, potencializando a rede de recursos já existentes e dialogando com diversos órgãos e instâncias.

Vimos também emergir na cidade várias outras iniciativas, grupos de música de migrantes, eventos e feiras culturais, comércios especializados (artesanato, gastronomia, estética), debates acadêmicos sobre a migração, grupos e projetos ligados a universidades, mostra de cinema com a temática, projetos de valorização de cultura de diferentes países, mostras audiovisuais, etc., configurando panoramas múltiplos. São ações que se complementam aos serviços existentes, mas que também buscam uma interlocução com demandas outras dos imigrantes, que ultrapassam a questão da violação dos direitos humanos e assistência e dialogam com necessidades culturais e de trabalho, expressões da religiosidade e das redes sociais (MAGNANI, 2002). Assim, formam novos arranjos que reinscrevem novos olhares para a temática da mobilidade humana contemporânea na capital paulista, mobilizando novas formas de relação, possibilitando uma pluralidade cultural e identitária.

A cidade de São Paulo tem presenciado então múltiplas configurações que repropõem a relação dos diversos atores sociais com esse novo cenário urbano. Relações essas que são permeadas de conflitos e problemáticas, mas também são chamadas e convocadas ao desafio de uma nova possibilidade de diálogo, olhares e interlocuções possíveis. São ações e espaços que não só enriquecem o cenário da cidade, mas também provocam tensões, desafios, demandas, iniciativas e forçam um diálogo entre os atores sociais para um olhar para a diversidade. Diversidade essa que vai além do fenômeno migratório, mas que também abarca questões de cidadania, pertencimento, participação social, protagonismo, diferenças culturais, religiosas, de gênero, entre outras.

Muitos desses serviços são pontos de apoio e suporte para as mulheres africanas na cidade. As casas de acolhida e serviços de orientação para aquelas que acabam de chegar,

coletivos e iniciativas culturais como ponte para fortalecimento de redes de trocas econômicas, políticas e sociais. Assim, tornam-se de fundamental importância para a reorganização da vida dessas pessoas em processos migratórios e inserem as mulheres nessa rede. Muitas acabam procurando essa rede de serviços, principalmente no início de seu processo de chegada à cidade. Outras buscam diferentes redes de apoio.

Como veremos adiante, no caso das interlocutoras da pesquisa, apenas uma delas utilizou-se dessa rede mais específica dos serviços ligados à migração. As outras três inseriram-se em outros pontos de apoio (relações familiares e de conhecidos, projeto de trabalho já previamente definido).

Para o presente trabalho, cabe ressaltar que os movimentos migratórios recentes para o Brasil e para a cidade de São Paulo ocorrem de maneira diversa. É importante entender, a partir do contexto histórico, dos marcos legais e das políticas de proteção social, como se situa a migração contemporânea africana para a cidade.

3. MIGRAÇÃO AFRICANA CONTEMPORÂNEA PARA O BRASIL

3.1 Panorama da migração africana contemporânea no Brasil e na cidade de São Paulo

O historiador João José Reis, um dos mais importantes estudiosos sobre o período da escravidão no Brasil, retrata um panorama histórico da migração africana para o país, resgatando que o início da vinda de africanos para o Brasil deu-se a partir do século XVI, com o início da escravidão, movimento que perdurou até meados de 1850. Foi durante o século XIX que o país mais recebeu escravos africanos (REIS, J., 2000). Só com a abolição da escravatura esse fluxo foi interrompido e, a partir disso, houve então o regresso de grande parte de pessoas que haviam sido escravizadas ao continente africano.

Após esse período, o Brasil recebeu quase que exclusivamente imigrantes do continente europeu para preencher a necessidade de mão-de-obra nas produções cafeeiras, principalmente no estado de São Paulo, movimento que perdurou até meados da década de 1940. Na época, vigorava no Brasil uma política de embranquecimento da população, inclusive com incentivo financeiro para a vinda desses imigrantes europeus ao país.

A partir da década de 1960, o então presidente da república Jânio Quadros implantou uma política externa independente, facilitando e culminando com a abertura de embaixadas e representações de países africanos e acordos de cooperação cultural, técnica e acadêmica. Isso acabou permitindo que muitos estudantes viessem estudar nas universidades brasileiras (KALY, 2001).

O Brasil passou a receber grande quantidade de pessoas oriundas dos conflitos pós-independência dos países africanos a partir da década de 1970 e 1980, e em maior escala, a partir dos anos 2000. O agravamento das crises econômicas mundiais, o endurecimento das fronteiras dos países desenvolvidos, a busca por trabalho, novas oportunidades e qualificação profissional e acadêmica também foram fatores que impulsionaram essa mobilidade. Entre 2000 e 2012, o número de africanos em situação regular no país teve um aumento de 30 vezes (de cerca de mil para 31 mil), provenientes de 48 países, a maioria de Angola, Cabo Verde e Nigéria²⁰.

²⁰Cf. <http://noticias.terra.com.br/brasil/imigracao-africana-no-brasil-aumenta-30-vezes-entre-2000-e-2012,bcdedc77d62e5410VgnCLD2000000dc6eb0aRCRD.html>

Ester Rodrigues (2014), em sua dissertação de mestrado, faz uma análise do processo de imigração contemporânea de africanos no Brasil, sob a perspectiva dos direitos humanos e dos grandes veículos de comunicação impressos. Ressalta que apesar do aumento considerável do fluxo de africanos, muitos inclusive trabalhando e contribuindo para o desenvolvimento do país, isso não resultou necessariamente em políticas específicas, nem na garantia de direitos e inserção social dos mesmos.

A autora debruça-se sobre as notícias veiculadas em jornais de grande circulação em algumas cidades brasileiras sobre a temática da imigração africana no país. É possível perceber que na maior parte das vezes noticiam-se a vinda de imigrantes africanos em situação irregular, muitos através de porões dos navios ou de fronteiras clandestinas. Fica evidente o despreparo das autoridades competentes em lidar com a situação, sinalizando grave violação de direitos, abordagem policial e punitiva, e com a presença de crianças e adolescentes em situação precária. Além disso, é visível como os meios de comunicação reforçam ainda mais o racismo, a violência e a não aceitação dos africanos no país, associando a vinda dessas pessoas a prejuízos às cidades brasileiras.

Concomitantemente, também encontramos na literatura acadêmica, nos meios de comunicação, projetos e grupos ligados às universidades e nos vários espaços sociais, relatos de experiências de projetos que procuram mudar essa ótica para então fortalecer a identidade cultural, inserção social e o protagonismo dos imigrantes africanos no país. Francalino e Petrus (2008), por exemplo, relatam a experiência da criação de um projeto coletivo com congolezes e angolanos no Rio de Janeiro, com objetivo de preservar a identidade cultural e a tradição oral dos imigrantes e assim, fortalecer suas redes sociais e a inserção social na sociedade brasileira.

O pesquisador moçambicano Carlos Subuhana, professor adjunto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)²¹, debruçou-se sobre as experiências de vida dos estudantes africanos em São Paulo, através de entrevistas com os mesmos e também a partir de sua própria experiência pessoal como estudante em uma universidade paulista. Ele desenha um panorama de alguns aspectos dos processos migratórios e da formação acadêmica como um projeto de vida dos entrevistados, as teias de rede sociais estabelecidas e também a expectativa de retorno dos mesmos. Relata as

²¹ Instituição pública federal sediada na cidade de Redenção, Ceará, criada em 2010 a partir de uma política externa brasileira pautada na cooperação educacional internacional do referente período, visando a integração entre os países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (BARROS; NOGUEIRA, 2015).

problemáticas e alternativas de inserção social, estratégias criadas pelos estudantes para fortalecimento de uma identidade coletiva entre seus pares e também dos diálogos estabelecidos com os brasileiros. Na perspectiva do retorno, o autor sinaliza que esses estudantes são desafiados a manter suas identidades culturais e suas raízes de origem, ao mesmo tempo em que dialogam com as questões da contemporaneidade, com as possibilidades de se reinventar nos seus países nos seus retornos, países esses que também se colocam em constantes transformações: “É processo que coloca em movimento a condição de identidade, autonomia e cidadania diante do sujeito como ser individual, coletivo e político” (SUBUHANA, 2009, p. 124).

Segundo dados da Organização Internacional para as Migrações (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES, 2009), entre 1990 e 2000 a maior parte do fluxo migratório internacional concentrava-se nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, sendo esta última com concentração expressiva de africanos (37% dos imigrantes). O mesmo órgão apontava que em relação aos refugiados, em 2009 havia cerca de 4 mil refugiados reconhecidos pelo governo brasileiro, sendo que os africanos compunham 65,3% desse total.

É notório que a questão da migração contemporânea africana no Brasil tem tido cada vez mais visibilidade nas pesquisas acadêmicas, nos meios de comunicação, em expressões artísticas e culturais, na participação desses migrantes nas esferas públicas, movimentos sociais e em tantas outras dimensões inseridas na sociedade brasileira.

3.2 O cenário da cidade de São Paulo e a presença da mulher africana

A cidade de São Paulo historicamente tem sido destino de milhares de imigrantes de várias regiões do mundo, movimento impulsionado principalmente entre os séculos XIX e XX pela economia cafeeira e posteriormente pela produção industrial em ascensão na capital e no estado. Os imigrantes chegavam pelo Porto de Santos e a partir daí, dirigiam-se para São Paulo, onde inicialmente eram alocados na Hospedaria dos Imigrantes. De lá, muitos eram encaminhados para cidades do interior paulista e outros preferiam permanecer na própria capital.

A Hospedaria dos Imigrantes, localizada na região central de São Paulo, hoje abriga o Museu da Imigração, recebeu cerca de 2,5 milhões de estrangeiros entre 1887 e 1978, de

mais de 70 nacionalidades diferentes²²: portugueses, italianos, espanhóis, alemães. Em seguida vieram japoneses, chineses, coreanos, bolivianos, paraguaios, libaneses, africanos, sírios e haitianos. Segundo estimativas, há atualmente cerca de 386 mil imigrantes regularizados na capital paulista e, estima-se, aproximadamente 185 mil estrangeiros em situação irregular (MARANHÃO, 2014).

A contribuição econômica, cultural e social dessa mobilidade é inegável e de extrema importância para a composição contemporânea do espaço urbano, e até hoje a cidade é um reflexo desse processo: costumes, culinária, vestuário, tradições, comércio, arquitetura. Paiva (2012) discute a relação entre processos migratórios e constituição de territórios de migração e o espaço urbano. Para ele, o território:

[...] representa um complexo de relações econômicas, sociais, históricas, culturais, ambientais e políticas erigidas num dado espaço (geográfico). Ele adensa camadas de tempo; supõe características que lhe são singulares ao passo em que se constitui, enquanto totalidade aberta, a transformações no transcurso da história. Resulta de necessidades e motivações múltiplas de seus sujeitos; estas podem ser de ordem material e concreta (relações econômicas) ou de natureza por vezes intangível, como as necessidades da cultura, das sociabilidades, elos de pertencimento, etc. (PAIVA, 2012, p. 172).

O autor expõe as contradições e os múltiplos significados que o espaço urbano vai adquirindo com a mobilidade, onde essa relação é permeada por contribuições culturais, econômicas, mas também por tensões, mudanças, ambiguidades. Como exemplo, temos na cidade de São Paulo, os bairros da Liberdade (historicamente habitado por imigrantes japoneses e, mais recentemente, por coreanos e chineses), do Brás (italianos, bolivianos e migrantes nordestinos), Bom Retiro (judeus, chineses e coreanos) e República (africanos), entre outros. São locais que foram absorvendo diversas gerações de imigrantes que foram impondo então novas configurações, e assim permeando uma determinada região por afinidades culturais, de nacionalidades e de redes de solidariedade, e também acabam por ressignificando esses espaços:

Isto implica que, no plano das identidades, sejam elas individuais ou coletivas, ele permaneça como lugar (intangível) no qual há um repertório inesgotável de representações que podem ser usadas para a constituição das alteridades. Nesta dinâmica, a cidade — totalidade dos territórios — transforma-se constantemente. As migrações são como um oxigênio novo a manter e recriar as imensas possibilidades da vida urbana (PAIVA, 2012, p. 185).

²² Cf. <http://museudaimigracao.org.br/>

Atualmente na região central da cidade é visível uma presença significativa de migrantes africanos. Nas imediações do bairro da República há *lan houses* que oferecem serviços de internet e telefonia a diversos países africanos a preços acessíveis. Encontramos também alguns restaurantes especializados em comida típica africana.

No comércio de rua da praça da República, juntamente com os vendedores africanos de produtos eletrônicos, réplicas de roupas, relógios e artigos esportivos de marcas famosas, há várias barracas de vendas de objetos de decoração, tecidos, acessórios de beleza e produtos, todos com a temática africana. Diante a valorização do movimento negro e da estética afro, esses artigos de beleza e vestimenta são bastante procurados. Nas próprias calçadas é possível presenciar as vendedoras ensinando o uso de tecidos para tranças, turbantes e saias.

O maior destaque dessa região é o Centro Comercial Presidente, mais conhecida como “Galeria Presidente” ou “Galeria do *Reggae*”, localizada ao lado da famosa “Galeria do *Rock*”, importante ponto turístico da cidade. Trata-se de uma galeria comercial típica do centro antigo da cidade, com cerca de seis andares, muitas lojas, quase que exclusivamente gerenciadas e frequentadas pela comunidade africana da cidade. A circulação de homens, mulheres e famílias é imensa, durante todo o dia.

Ao vivenciar a dinâmica da Galeria durante o trabalho de campo, foi possível perceber o quanto o local serve não só para atender a demandas comerciais, mas também se torna ponto de encontro fundamental da comunidade africana. As pessoas marcam encontros, reuniões, trocas de informações, criando também redes de apoio e referência para os imigrantes. As mulheres que ali trabalham compartilham seu cotidiano, trocam clientela, emprestam produtos, cuidam da loja na ausência da outra. Outros fazem reuniões de negócio, reuniões de lideranças, encontram-se para comer, conversar, beber.

É possível perceber importante presença das mulheres africanas nesses vários cenários, seja em trânsito, seja agrupada nas galerias comerciais, e sobretudo exercendo alguma atividade econômica. Estão presentes nos salões de beleza, restaurantes, comércios, serviços de referência. São circuitos que se formam através de identidades culturais, arranjos preestabelecidos entre pares e redes de apoio, e também por necessidade de dialogar com demandas próprias. Barros; Almeida e Vecchia (2007, p. 131) afirmam que:

Ao mesmo tempo, as identidades pessoais sempre se articulam com a experiência coletiva de um grupo. E a especificidade da experiência de vida de uma pessoa esboçada nas minúcias diárias de relações sociais vividas produz trajetórias — que

não se reduzem a espelhos da experiência do grupo e nem pode ser compreendida como desconexa deste mesmo grupo — e produzem redes de relações. As redes sociais são expressões práticas das de relações de trocas.

Também temos presenciado na cidade a valorização da cultura afro-brasileira através de coletivos culturais, encontros e debates, feiras étnicas, apresentações culturais, movimentos sociais e políticos. São algumas das iniciativas que dialogam com a mobilização do movimento negro na cidade. Além disso, também destacam, de alguma maneira, o protagonismo da mulher negra e africana nesse panorama. Ao se estabelecer na cidade, elas se deparam com esse contexto plural e vão buscar interlocução com esse cenário em várias esferas: culinária, política, estética, econômica, artística.

Terça Afro²³ é uma iniciativa do coletivo Akina, que propõe encontros e debates sobre as tradições culturais afro-brasileiras. Equipe de Base Warmis — Convergência de Culturas²⁴ é um coletivo de mulheres voluntárias que promovem ações com temáticas ligadas a diversidade cultural, movimento humanista, feminismo e migração.

Visto Permanente²⁵ é um projeto de registros audiovisuais da produção de artistas imigrantes na cidade de São Paulo, com o objetivo de dar visibilidade às diferentes expressões culturais e promover o combate à xenofobia. MigraMundo²⁶ é um portal de notícias e matérias sobre a temática da migração no Brasil e no mundo. Geledés Instituto da Mulher Negra²⁷ é uma organização civil que tem trabalhado com projetos e militância política nas áreas da mulher, população negra e direitos humanos. O Ilú Oba de Min²⁸ é uma associação que promove oficinas, pesquisa e apresentações relacionadas às diversas expressões artísticas de matriz africana e afro-brasileira e o fortalecimento da mulher na sociedade.

O Projeto Afreaka²⁹ é projeto de mídia e produção cultural relacionadas à temática da África, reforçando ações e diferentes expressões culturais contemporâneas dos países africanos. Produz o Festival Afreaka, que conta com extensa programação cultural que promove intercâmbio entre as produções brasileiras e africanas.

A cidade de São Paulo, também como reflexo de um panorama social maior, tem vivenciado uma discussão importante sobre as questões de gênero. Assim, coletivos e

²³ Cf. https://www.facebook.com/pg/tercafro/about/?entry_point=page_nav_about_item&tab=page_info

²⁴ Cf. <http://www.warmis.org/>

²⁵ Cf. <http://www.vistopermanente.com/info>

²⁶ Cf. <http://migramundo.com/>

²⁷ Cf. <http://www.geledes.org.br/>

²⁸ Cf. <http://iluobademin.com.br/>

²⁹ Cf. <http://www.afreaka.com.br/>

movimentos feministas, organizações e serviços públicos têm proposto uma articulação e mobilização dos direitos das mulheres em várias escalas: saúde, violência de gênero, cultura, veículos de comunicação, direitos humanos.

Em setembro de 2015, houve a 5ª Conferência Municipal de Políticas para as Mulheres, organizada pela Secretaria Municipal de Políticas para as Mulheres da cidade de São Paulo, em parceria com representações da sociedade civil e poder público, com o objetivo de discutir políticas públicas para as mulheres na cidade. A Secretaria organizou reuniões preparatórias e conferências temáticas para dar conta de algumas demandas e grupos: étnico-raciais e povos tradicionais, imigrantes, trabalhadoras, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, mulheres em situação de prostituição, idosas, com deficiência e juventude³⁰. Na conferência temática das mulheres imigrantes, houve participação importante de alguns coletivos que trabalham com a questão da imigração (Equipe Base Warmis, Associação Palotina, CAMI, entre outros), além de um esforço de sensibilizar as mulheres migrantes africanas a participarem da discussão.

Temos presenciado a participação de mulheres ligadas à temática da mulher negra e africana nesses espaços de debates, nas reivindicações políticas e sociais. Assim, a cidade de São Paulo configura-se como território de múltiplas identidades, necessidades e oportunidades para que as africanas encontrem aqui possibilidades de cidadania, protagonismo e produção de novos sentidos para seu processo migratório. Esses coletivos e iniciativas têm ganhado destaque na programação cultural e nos veículos de comunicação na cidade, dando maior visibilidade ao debate da questão migratória, da mulher e da África.

Assim, é esse cenário na cidade de São Paulo em que as mulheres africanas deparam-se. Cenário esse permeado de problemáticas, possibilidades, demandas e desafios inscritos na dinâmica do contexto urbano com que elas irão dialogar e criar novos arranjos de trabalho, cotidiano, relações e sentidos múltiplos para suas vidas. Cada uma das interlocutoras da presente pesquisa interage com esse cenário urbano, com diferentes atores sociais, demandas múltiplas e respostas às dificuldades encontradas, produzindo trajetórias e narrativas singulares nesses processos diversos.

³⁰Cf. <http://www.sof.org.br/2015/09/02/conferencias-tematicas-antecedem-conferencia-municipal-de-politicas-para-mulheres-e-estao-abertas-para-participacao/>

4. NARRATIVAS: ATIVIDADES EM HORIZONTES DIVERSOS DE MULHERES AFRICANAS EM SÃO PAULO

Para cada interlocutora, a construção do trabalho de campo foi diferente, e um dos desafios da etnografia foi estabelecer relações com cada uma das mulheres, dentro de suas dinâmicas e possibilidades, que permitisse a realização deste estudo. Os caminhos para a interação e a partilha de momentos de suas vidas criaram trajetórias distintas a fim de acompanhar suas atividades e experiências significativas. Com algumas interlocutoras a relação estabeleceu-se de imediato, com outras foi preciso tempo e persistência.

Na experiência etnográfica as dimensões objetivas da realidade mesclam-se com as subjetivas e intersubjetivas. Crapanzano (2005) discute essa questão com profundidade, considerando tanto a implicação do pesquisador quanto a perspectiva de quem narra os fatos. Os dois enfoques contêm visões prévias e percepções de mundo que é preciso adotar para a análise.

Diversas interrogações surgiram durante a elaboração da escrita sobre o percurso etnográfico, entre elas destaco: como (re) compor as narrativas? Quais temáticas dar maior realce? Que aspectos adensar a discussão a fim de que tivesse próxima tanto às das experiências das mulheres, como das preocupações da pesquisadora? Percebi que não se tratava apenas de recontar histórias e situações vivenciadas e, desta forma, não poderia constatar-me com um relato meramente linear e uma análise desprovida de um olhar atento, crítico e sensível. Pareceu-me uma possibilidade interessante trabalhar a partir de situações vivenciadas e observadas no campo, assumidas como fragmentos, ou como sugere o autor, cenas. O conceito de cena possibilitou, assim, moldar o campo da narrativa escrita. Para ele:

[...] a cena é aquela aparência, a forma ou refração da situação “objetiva” em que nos encontramos, colorindo-a ou nuançando-a e, com isso, tornando-a diferente daquilo que sabemos que ela é quando nos damos ao trabalho de sobre ela pensar objetivamente (CRAPANZANO, 2005, p. 359).

As cenas e o real podem estar relacionados entre si e se hierarquizam, constituindo outros arranjos e possibilidades, onde “a constituição da cena, da realidade e suas relações resultam de um complexo jogo indicial entre interlocutores que, intencionalmente ou não, têm que indexar a si mesmos e a sua relação em um tempo dado” (CRAPANZANO, 2005, p. 374). A disposição e a configuração dos interlocutores nas cenas constituídas devem vir à tona nas narrativas e se tornam opções conscientes do trabalho narrativo:

Dependendo da situação em que alguém se encontra — o modo como é estruturada — os interlocutores imediatos ou mediatos ou os imaginados ou lembrados podem ser dominantes, mas os interlocutores latentes, é minha sugestão, nunca estão inteiramente ausentes ou sem influência na interlocução. Como a focalização nesse ou naquele tipo interlocutório relaciona-se com a constituição e a avaliação da cena e da realidade, é algo a ser determinado caso a caso (CRAPANZANO, 2005, p. 373).

A partir de tais considerações e por entender não ser possível esgotar os sentidos das experiências e dos relatos que cada uma escolheu compartilhar comigo, optei por uma estratégia dissertativa que trabalha a discussão pela recriação de cenas significativas das situações do trabalho de campo com quatro mulheres interlocutoras: Melanito, Mariama, Lenna e Apoliana. A estas, somam-se para análise outras histórias de mulheres que conheci e partilhei situações diferenciadas seja na experiência de trabalho como responsável por estágio na Universidade de São Paulo ou nas atividades da Casa das Áfricas, conforme já relatado anteriormente.

4.1 Melanito: persistência e empreendimentos

Conhecendo o Biyou'z, Melanito e suas histórias

Já havia almoçado no restaurante *Biyou'z* uma vez com um grupo de amigos interessados em gastronomia, e conhecia um pouco da história de Melanito devido a colaborações prévias com o Núcleo Amanar da Casa das Áfricas, que incluiu incursões pelos territórios do centro da capital paulista. Entretanto, nunca havia me encontrado e conversado pessoalmente com Melanito. Interessava-me sua trajetória, marcada pelo protagonismo, determinação e reconhecimento social.

O *Biyou'z* é um restaurante especializado em cozinha camaronesa, além de oferecer pratos de outras regiões africanas, localizado no centro da cidade, entre os bairros da República e Campos Elíseos. Há nas imediações do restaurante grande circulação de africanos, turistas e imigrantes de diversas origens. Ao lado há ainda dois restaurantes africanos, mas são bem reservados, sem identificação e frequentado exclusivamente por africanos. A região configura-se atualmente como referência no cenário gastronômico de São Paulo. Além de restaurantes tradicionais, nos últimos anos vários outros surgiram como os

especializados em culinária peruana, árabe e colombiana, já sendo noticiados em diversos veículos de comunicação da cidade.

O restaurante é pequeno, com cerca de seis mesas, uma cozinha bem pequena, banheiro, uma TV e uma *jukebox* no salão. É decorado com artigos típicos africanos (toalhas, máscaras, mapas da África), além de fotos de matérias jornalísticas sobre o local. Abre todos os dias, desde o almoço até o jantar, ininterruptamente. O ambiente é simples e descontraído, sugerindo uma proposta familiar e receptiva. Frequentado por brasileiros, africanos, turistas e clientes assíduos, permanece sempre bem movimentado. Há aqueles que entram para tomar refeições, alguns passam para dar algum recado, outros se sentam para conversar. Todos meus encontros com Melanito giraram em torno do Biyou'z.

Um pouco de sua história

Melanito Biyouha é camaronesa e está no Brasil desde 2003. Trabalhava em banco no seu país e veio para Brasília para passear, gostou da cidade e ficou na cidade por cerca de quatro anos. Na época, trabalhava como cabelereira; começou a ajudar no salão de uma amiga conterrânea e depois passou a ter suas próprias clientes, formadas basicamente por familiares de diplomatas do Senegal, do Congo, da Nigéria, etc., e então passou a atendê-las pessoalmente, em suas residências.

Veio então para São Paulo durante suas férias, para passear, conta que gostou muito da cidade e que constatou que a percepção sobre o negro e sobre o continente africano era bastante equivocada. Além disso, percebeu também que aqui na cidade havia uma variedade de restaurantes: italianos, franceses, japoneses, exceto africanos. Quis abrir um negócio e ainda criar iniciativas em que pudesse falar da beleza e das culturas africanas. Voltou para Brasília, trabalhou e reuniu dinheiro suficiente para sua vinda definitiva para a capital paulista.

Então eu falei, não, vamos fazer alguma coisa aqui, poderia marcar nosso ponto. E a gente..., comecei a planejar, aí eu voltei para Brasília, onde eu morava, porque eu vim só para passear aqui. Tinha um monte de restaurante... italiano, francês, menos o restaurante africano. Aí eu falei: 'esse é um negócio forte, vai dar para expandir'. Por dois fatos. Primeiro, apresentar a nossa beleza, e firmar também a cultura. Apresentar a nossa beleza e a nossa cultura.... Aí a gente começou a investir, foi muito lento, porque a gente não tinha ambiente, a gente não tinha contato, não conhecia ninguém praticamente. Somente a esperança que amanhã vai dar certo, e investindo para que venha a dar certo no momento certo, não perder um momento quando a oportunidade venha a aparecer. Então a gente começou, nós começamos praticamente com nada (BIYOUHA, 2015).

O relato de Melanito sobre esse início da sua chegada ao Brasil e o processo da abertura do restaurante é, frequentemente, carregado de emoção: sofrimento, sentimento de esforço pessoal, orgulho, e também de muita esperança e expectativas para o futuro. Conta que veio para São Paulo com muitos poucos recursos de Brasília, e aqui na cidade de São Paulo não conhecia ninguém. Aqui, começou vendendo peixe na brasa, juntamente com um conterrâneo, na rua Guaianazes, no bairro da República (local muito frequentado por africanos, onde se localiza a mesquita Bilal Al Habashi). O negócio acabou não dando certo, ficou sem moradia e resolveu, então, abrir seu próprio restaurante. Nessa época conta que também conheceu seu marido, que já era um amigo que lhe dava apoio.

Ressalta, porém, que essa foi uma época muito difícil, pois em Brasília mantinha uma estabilidade financeira, e era bastante reconhecida pelo seu trabalho. Em São Paulo teve dificuldades tanto para conseguir moradia como trabalho. Inicialmente teve que acordar muito cedo para comprar os peixes, limpá-los e dar conta de uma rotina diária completamente diferente, nova e exigente. Logo depois encontrou um bom local para estabelecer seu restaurante, mas ainda assim enfrentou muitos problemas com o novo ponto. Descobriu que se tratava de um ponto invadido e por conta disso enfrentou muitos processos burocráticos e judiciais para regularizar a abertura do restaurante.

Refere ainda que uma das dificuldades mais desafiadoras foi a própria convivência com outros africanos. Embora tivesse desejado que o restaurante fosse um ponto de encontro, encontrou muita rejeição por parte dos africanos que frequentavam o resultante. Conta dos desafios ligados às diferenças de hábitos culturais dos brasileiros e africanos, por exemplo. Melanito queria, por exemplo, que seus conterrâneos não falassem alto e não fizessem muita bagunça para não “assustar” outros clientes. Também houveram conflitos e mal-entendidos de pessoas que não pagavam suas despesas, sentiam-se ofendidos por serem cobrados e estranhavam a postura de Melanito, que passou a ter muito prejuízo financeiro por conta disso.

O restaurante teve igualmente intuito de chamar atenção e despertar o interesse também do público brasileiro:

O projeto sempre foi esse, atrair o público brasileiro na nossa cultura. Como eu falei para a moça de antes de ontem (para uma outra entrevista), você está na casa da África. Porque mesmo sendo no Brasil, aqui é nosso pedaço, aqui você ouve música africana, você vê as nossas máscaras, nossa cultura, você vê a nossa comida, você vê a nossas roupas, um ou dois daqui a pouco pode entrar, vai estar com roupas africanas, assim vai, entendeu. Então, isso que era a nossa intenção, a base do nosso projeto sempre foi essa (BIYOUHA, 2015).

Ao ouvir Melanito relatar passagens da sua história, de sua vinda à cidade, da abertura do restaurante, sua fala vem carregada de muita nostalgia, exprime sentimentos de esforço, persistência e lembranças de sua trajetória. Fala sempre de momentos de grandes dificuldades, desafios e incertezas para conseguir suas conquistas.

Inicialmente, tive uma tendência de buscar uma narrativa linear e datação dos fatos narrados. Havia a sensação de que sempre precisaria perguntar algo a mais, detalhar seus relatos, buscar novos fatos, solucionar dúvidas. Contudo, a reflexão teórica sobre trabalho de campo, as leituras, reflexões além dos próprios caminhos percorridos cotidianamente com Melanito e com as outras interlocutoras foram criando possibilidades de uma presença mais livre e de interações mais espontâneas no desenrolar das atividades e conversas. Os momentos compartilhados a partir da relação estabelecida com as interlocutoras foram somando-se a vivências, reflexões e questionamentos conjuntos, tornando-se então encontros etnográficos a partir de uma releitura reflexiva do campo (OLIVEIRA, 2000).

[...] a pesquisa de campo ou o encontro etnográfico dependem, fundamentalmente, da experiência prática. A experiência prática convoca o pesquisador para a reinvenção do método no plano concreto das relações com outros, como ele, autônomos, obrigando-o a responder pessoalmente pela distribuição democrática dos lugares de escuta, fala e ação no decorrer da pesquisa, pelas formas de apropriação e destinação do conhecimento elaborado e pela apreciação crítica de efeitos de dominação e de emancipação do conhecimento e sua divulgação (SCHMIDT, 2008, p. 396).

Assim, a qualidade da escuta sensível e atenta podia afastar, naqueles momentos, a preocupação com as exigências da escrita da dissertação. Aprender a não antecipar no estudo de campo, ainda que parcialmente, a ansiedade própria da escrita, foi importante nesta construção relacional. Entendi pouco a pouco que a qualidade da interação gerava riqueza de percepção e ampliação de dados e temas. Afinal, o que a vida dessas mulheres pode nos contar está ligado também aos modos como podem ser ouvidas. O que têm a dizer com suas experiências e trajetórias, quais são os modos de construção de suas vidas econômicas e o que desejam revelar? Portelli (1996, p. 2) afirma que “a motivação para narrar consiste precisamente em expressar o significado da experiência através dos fatos: recordar e contar já é interpretar”.

No plano textual, a representatividade das fontes orais e das memórias se mede pela capacidade de abrir e delinear o campo das possibilidades expressivas. No plano dos conteúdos, mede-se não tanto pela reconstrução da experiência concreta, mas pelo

delinear da esfera subjetiva da experiência imaginável: não tanto o que acontece materialmente com as pessoas, mas o que as pessoas sabem ou imaginam que *possa* suceder. E é o complexo horizonte das possibilidades o que constrói o âmbito de uma subjetividade compartilhada (PORTELLI, 1996, p. 7/8).

Inicialmente frequentado quase que exclusivamente por africanos, a virada na vida econômica de Melanito veio com a Copa do Mundo ocorrida na África do Sul, em 2010 (lembrando que o restaurante havia sido aberto em 2008). Nessa época, o tema da África estava em destaque nos grandes veículos de comunicação devido ao evento esportivo mundial. O Biyou'z recebeu destaque na mídia e acabou por se tornar referência no cenário gastronômico atual da cidade, marcado por inovações constantes (Ver Anexo A).³¹

Foi o trabalho de divulgação de uma pessoa que se chama Marcelo Katsuki,³² ele trabalha na “Folha” e estava passando, e viu o povo, todo mundo lá fora gritando o jogo. Isso chamou a atenção dele, no dia seguinte ele voltou, entrou, comeu. A gente conversou, né?, trocou duas palavras, assim, e foi embora. Aí depois, uma pessoa entrou, um mês depois, um mês e pouco, uma pessoa entra, duas, três. “Aí, eu estou assustada, de onde vem essa gente”. “Não, você está na internet!”³³ “Eu?” “Sim!” “Como? Aí eu corri, fui na lan house, estava lá os pratos que ele veio e comeu, e aí começou a nossa divulgação, graças a Deus hoje, nós, temos uma boa divulgação, praticamente no Brasil inteiro, um pouco mais no exterior. Eu fui ver as pesquisas, “olha, a gente está nos Estados Unidos, na Suíça, não sei aonde”, então o negócio... então o nosso desejo é de expandir, aproveitar esse momento, expandir um pouco mais. E a nossa alegria é de ver o público gostar. E nós estamos querendo fazer mais ainda (BIYOUHA, 2015).

Arrumando o salão

Esse foi um dos nossos primeiros contatos. Marco minha primeira conversa com Melanito após o convite à pesquisa e chego logo pela manhã. No dia anterior havia sido realizada uma dedetização e o restaurante estava todo protegido por sacos plásticos. Ao chegar encontro Melanito, suas funcionárias e uma amiga (brasileira) no local. Como estavam organizando o salão, também ofereci ajuda e então começamos a desempacotar as panelas, utensílios de cozinha, mantimentos estocados. Fomos conversando durante as limpezas e varrições, Melanito explicou-me a rotina do restaurante, a função de cada utensílio, armazenamento dos alimentos.

³¹ Cf. https://issuu.com/editora3/docs/degustacao_182_indesign/26?e=1818451/6921293
<http://www.destemperados.com.br/experiencias/africa-united-no-biyou-z>
<http://articles.latimes.com/2012/sep/16/world/la-fg-brazil-african-immigrants-20120916>
<http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2014/01/1395740-depois-dos-peruanos-restaurantes-populares-africanos-ganham-espaco-no-centro-de-sp.shtml>

<http://spcuriosos.com.br/unico-restaurante-de-comida-africana-em-sao-paulo-e-de-camaronesa/>

³² Colunista do jornal Folha de São Paulo: <http://marcelokatsuki.blogfolha.uol.com.br/>

³³ A matéria a que se refere Melanito encontra-se no Anexo A, ao final do trabalho.

Melanito faz piadas, diz coisas engraçadas, “reclama da vida” à sua amiga. Aos poucos o ambiente vai ficando mais acolhedor, minha presença já não é tão estranha e artificial, também me sinto mais confortável. Mostra-me um inhambe enorme, que nunca havia visto, e pergunta se não quero tirar uma foto para mostrar no meu trabalho. Explica onde faz as compras dos alimentos, e, quando pergunto sobre o Mercado Municipal de São Paulo, brinca que “este é para gente chique como você fazer compras!”

A presença da amiga também confere uma dinâmica interessante para nosso encontro. Parecem ser muito próximas, conversam bastante e aparentemente não se importam com minha presença.

Dirige-se sempre à amiga durante a entrevista. Embora esta permaneça quieta e reservada, quase nunca diz nada, Melanito talvez fique mais confortável ao falar, tornando a conversa natural, quase uma prosa de comadres! (Anotação do diário de campo)

Pela manhã, Melanito também liga para seu fornecedor de carne, brinca que não vai pagar pela carne “ruim e cheia de gordura” que este separou, mas depois me explica que precisa comprar exatamente esse tipo de carne para a preparação de alguns molhos e receitas. Uma das características que mais me chamava atenção inicialmente é que Melanito parece ser brasileira. Ela mesma havia me dito certa vez que mantém mais contato com brasileiros do que conterrâneos (sic). Suas falas e gírias, a maneira de lidar com algumas situações, as brincadeiras não me pareciam situações e características de alguém estrangeiro e com hábitos culturais diferentes dos nossos.

A discussão sobre o que é ser brasileiro, estrangeiro, ou quando a pessoa deixa (ou não) de ser estrangeira, passa também pela percepção da pesquisadora sobre essas cenas vivenciadas com a interlocutora. Para além de definições, é importante ressaltar que a questão propõe e aponta a alteridade estabelecida, onde as vivências e situações cotidianas vão além de uma apropriação cultural desses conceitos. Como Melanito e cada uma das interlocutoras negociam essas identidades e experiências trazem questões importantes para o debate.

Embora o restaurante ainda seja frequentado por muitos africanos e tenha somente funcionários africanos, Melanito parece estabelecer relações importantes com outros universos que não os da rede de relações referentes à migração: amiga, taxista, fornecedores e compradores, clientes, vizinhos, em sua grande parte são brasileiros. Pensando na rede de relações de interdependência de Elias (1994), Melanito, ao longo de sua trajetória, estabeleceu

redes múltiplas de extrema importância para seu projeto de vida, e foi sendo reconhecida e valorizada por esses laços.

Assim, cada pessoa singular está realmente presa; está presa por viver em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente, são elos nas cadeias que a prendem. Essas cadeias não são visíveis e tangíveis, como grilhões de ferro. São mais elásticas, mais variáveis, mais mutáveis, porém não menos reais, e decerto não menos fortes. E é a essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação a outras, a ela e nada mais, que chamamos “sociedade” (ELIAS, 1994, p. 21).

Além disso, Melanito relata que seu cotidiano gira em torno do restaurante e seus desdobramentos. Pouco circula em outros espaços que não sejam em atividades voltadas ao trabalho. Tenta frequentar sua igreja regularmente e sempre está no restaurante. Como este funciona todos os dias da semana ininterruptamente e ela mora ao lado, não consegue tirar um só dia de folga ou deixar de ir ao estabelecimento diariamente; mas reconhece que é lá que encontra amigos e pessoas com quem tem mais contato.

Um dia de compras

Chego às 9:00h no restaurante. Apesar de estar fechado, há intensa movimentação, com as funcionárias já arrumando o salão e preparando a cozinha para mais um dia de trabalho. Melanito me aguarda para irmos às compras. Pergunta se estou preparada para andar o dia todo! Sempre dinâmica, dá as últimas instruções às cozinheiras, saímos e vamos de táxi até o Mercado Municipal do Pari, importante zona de abastecimento de hortifrúteis para lojistas e comerciantes na cidade. Estamos em setembro e já faz muito calor mesmo pela manhã!

Melanito já tem planejado algumas tarefas e percursos prévios. Iniciamos nosso trajeto pela loja de embalagens descartáveis, onde troca uma compra errada realizada anteriormente. De lá seguimos até o mercado, direto para a loja de bananas. Já conhece o fornecedor, é sua cliente há tempos. Escolhe algumas caixas de banana-da-terra³⁴, mas o vendedor já lhe oferece algumas caixas separadas, conhecendo o que ela necessita. Logo depois, vamos em busca de tamarindo. Melanito diz que está mudando o cardápio do restaurante e acrescentará suco de tamarindo para o verão.

³⁴ A banana-da-terra é um dos principais ingredientes da culinária camaronesa.

Caminhamos mercado adentro, entre vielas, corredores e inúmeras barracas. Ao andarmos, diz que está me levando para conhecer o local, o que se vende, onde compra suas mercadorias; explica que nem sempre é ela quem faz as compras, dividindo a função com o marido, que, na época, estava em Camarões, visitando a família, o que a obrigava a fazer tudo sozinha. Nesse dia compramos banana, abacaxi, berinjela, tomates, tamarindo.

O mercado é bastante interessante, fico fascinada pelo espaço, sua composição, estética e dinâmica. Aparentemente pequeno na entrada, vai desdobrando-se por vários lados, rampas e corredores. Parecer ter sido uma grande construção e estação de trem desativada. Bastante simples, sujo e com aspecto de abandonado, com muita movimentação de carregadores, carrinhos e clientes. (Anotação do diário de campo).

Pergunto sobre os temperos específicos que usa. Ela diz que muita coisa pode ser encontrada aqui em São Paulo, mas que há pessoas que trazem dos países africanos também. Desse modo consegue reproduzir as receitas na sua forma original. A base das receitas e os principais molhos é ela quem prepara; depois, congela para que as funcionárias possam montar e finalizar os pratos.

Após finalizarmos o *tour* pelo mercado e as compras, aguardamos o táxi que nos levaria de volta ao restaurante em frente à banca de bananas. Enquanto Melanito resolve suas inúmeras pendências pelo telefone, converso também com o vendedor da barraca, falamos sobre os vários tipos da fruta, tipos de consumidores e clientes, etc. Durante esse intervalo Melanito ainda fica um tanto ansiosa pela demora do táxi, está preocupada com o restaurante que já está funcionando e que já deveria estar lá. Mas, também consegue conversar comigo e mostrar-se preocupada com meu trabalho e comigo. Pergunta se estou gostando, se estou conseguindo o que preciso para a pesquisa. Mostra interesse em minha vida, e então conversamos sobre família, interesses pessoais, *hobbies*, amigos. O táxi chega, carregamos as compras e voltamos para o restaurante. Faz muito calor. Ao chegar, ajudo a descarregar as compras, sentamos e descansamos cerca de quinze minutos. Logo depois Melanito já retoma o trabalho, agora ajudando no atendimento do restaurante.

Workshop de culinária

Melanito me convida para acompanhá-la num curso de culinária, num sábado pela manhã. Trata-se do Migraflex, iniciativa que oferece workshops culturais ministrados por imigrantes, com objetivo de promover trocas culturais e empoderar os imigrantes que aqui residem.

Encontramo-nos no restaurante, por volta das sete da manhã. Nesse dia Melanito refere que está muito cansada, no dia anterior chegou a passar mal pela primeira vez em muito tempo e precisou parar um pouco para descansar. Nunca tinha passado por isso. Separamos o material e utensílios para o curso e seguimos de táxi até o local do curso. Chegamos cerca de uma hora antes do início do *workshop*, que seria ministrado na Casa Laboriosa 89, espaço de trabalho colaborativo localizado na Vila Madalena.

Somos recebidas por Jonathan, um dos responsáveis pelo projeto. Apresenta-nos o espaço e explica um pouco da história do Migraflix e seus principais objetivos. Basicamente trata-se de um projeto social sem fins lucrativos:

[...] uma ação social baseada em workshops culturais ministrados por imigrantes e refugiados. O Migraflix busca integrá-los social e economicamente por meio da divulgação da sua própria cultura. Isso se dá a partir de workshops oferecidos a um preço justo, aonde o público em geral, com predominância brasileira, é convidado a entrar em contato com uma nova visão de mundo, enquanto aprende um assunto de seu interesse (MIGRAFLIX, 2016, s./p.).

Ajudo na organização do espaço e do material. Melanito é bastante cuidadosa e atenta aos detalhes, à disposição dos utensílios, verificação das receitas, apresentação dos ingredientes. Jonathan diz que lhe preparou uma surpresa, liga o som e então toca algumas músicas africanas. Melanito fica muito contente, ensaia alguns passos e dança e explica-nos o significado de algumas letras das músicas.

O local é pequeno, aos poucos vão chegando os alunos (seis no total), de diferentes profissões, apenas dois trabalham diretamente com gastronomia. Após breve apresentação do Migraflix, dos alunos, e minha, Melanito faz sua apresentação: conta sua história, sua vinda a São Paulo e a abertura do restaurante. Fala com bastante orgulho e emoção sobre sua trajetória: “Quando estava hospedada em um hotel começou um sonho e disse: aqui nessa cidade vai dar certo!”

Refere que no início servia apenas comida camaronesa no restaurante, mas depois percebeu que tinham pessoas de várias outras nacionalidades em São Paulo e foi então aprendendo outros pratos e temperos. Os alunos interessam-se pela sua história, fazem várias perguntas, sobre Camarões, sobre o restaurante (apenas uma das alunas já o conhecia) e temperos típicos. Todos são bastante animados, e Melanito é também bastante divertida, dá risada, faz brincadeiras, parece divertir-se com a aula e os alunos.

A cozinha é então tomada por aromas, cheiros, texturas e cores. O primeiro prato a ser ensinado é o *kondré*, típico de Camarões, e que não está entre as especialidades do restaurante. Trata-se de um cozido de carne de cabrito, molho de tomate, gengibre, banana-da-terra, *pepé* (semente) e outros temperos. Melanito fala sobre sua história e ensina as etapas do preparo, alguns alunos a auxiliam no preparo dos ingredientes, alguém diz alguma coisa engraçada, outros tomam notas, joga-se conversa fora, cores e sabores vão invadindo o local, e assim o ambiente vai se recriando, tornando-se, enfim, cozinha. Ao final, todos nós experimentamos o prato e a aprovação é unanimidade! Um dos alunos até insiste em dar um abraço em Melanito, de tanto que gostou do prato!

Melanito ensina ainda mais uma receita (bolinho de carne de carneiro) e ao final, todos querem tirar fotos com ela. Ainda limpamos e arrumamos a cozinha e só então voltamos para o Biyou'z. Chegamos ao restaurante na hora do almoço; é visível seu cansaço, mas, mesmo assim, não para: vai auxiliar no atendimento, já que há muito movimento aos sábados.

A culinária, aqui, constitui elemento imprescindível para a construção das identidades culturais dos sujeitos. Para Maciel (2005), torna-se símbolo da identidade reivindicada pelos grupos sociais em um processo dinâmico com constantes mudanças e reconfigurações. A comida é importante fator na formação de vínculos e das trocas, gera afetos e memórias, recria lembranças e constrói histórias. Além disso, na perspectiva da vida de Melanito, sua história é marcada pela atividade da culinária. Através de um conhecimento prévio e de uma experiência vivenciada a partir do seu contexto cultural e familiar, a culinária aqui se transforma em sentidos diversos: agenciamento de oportunidades econômicas, valorização da culinária africana, intermediação das trocas sociais estabelecidas por Melanito e sua rede.

Masano (2011), em seu trabalho de mestrado, faz um resgate histórico da imigração para São Paulo e como esse fenômeno exerceu influência na diversidade da culinária e nos hábitos alimentares ao longo do processo. Através de um breve relato histórico e a partir do caráter multicultural, mostra a constituição e a formação dos restaurantes na cidade e a transformação de São Paulo em polo gastronômico de referência. Assim, encontramos a enorme variedade de opções gastronômicas e turísticas da cidade, a revitalização do seu centro histórico, a valorização e a difusão das iniciativas culturais relacionadas aos imigrantes contemporâneos em São Paulo. E assim, ocorre uma “projetualidade” em que Melanito

concebe a ideia do *Biyou'z* a partir desse cenário. O restaurante, então, se configura para além de oportunidade econômica, também como projeto de vida.

4.2 Mariama: interfaces culturais e artísticas

Mariama define-se como artista, dançarina, percussionista e cantora. Também já trabalhou como cabelereira aqui em São Paulo. Dá aulas de dança africana no Centro Cultural da Juventude, na Fábrica de Cultura Jardim São Luís, na Ação Educativa e aulas de percussão para grupo Ilú Oba de Min. Além disso, também faz algumas apresentações artísticas e ministra oficinas culturais com a temática da África.

Encontros e aproximações iniciais

Conheci Mariama através de uma amiga, que é sua aluna da dança africana. Após intermediações iniciais, tivemos um breve encontro, expliquei meus objetivos e então marcamos nossa primeira conversa. Nesse dia também estava presente seu marido Assane, e juntos aceitaram participar do trabalho.

Muitos dos meus encontros com Mariama ocorreram na sede Ação Educativa³⁵, local onde dá aulas de dança africana toda quarta-feira à noite, no bairro da Vila Buarque, próximo ao centro da cidade. Encontramo-nos antes das aulas, e em seguida acompanhava algumas delas. Início baseando-me no roteiro de entrevista que guiava minhas conversas, e que havia lhe enviado antes do nosso primeiro encontro, a seu pedido.

Logo no nosso primeiro encontro, inicialmente só Mariama fala e conta sua história. Aos poucos, vou também me direcionando a escutar a história de Assane. Percebo que tem uma grande vontade de conversar, de ser ouvido, de participar. Nosso primeiro encontro foi mais formal e convencional. Mariama e seu marido Assane respondiam ao que eu perguntava, mas ainda assim ela se revelou bem prazerosa e interessante, com muitos conteúdos, histórias e descobertas. Em quase todos os momentos, Assane nos acompanhou, seja nas conversas, seja aulas e outros momentos compartilhados. Sua participação conferiu uma dinâmica muito diferente das outras interlocutoras. Assim, cabe entender que Mariama também fez a escolha

³⁵ Ação Educativa, Assessoria, Pesquisa e Informação é uma organização sem fins lucrativos que promove atividades de promoção de direitos da educação, cultura e juventude e igualdade étnico-racial e de gênero. <http://www.acaoeducativa.org.br/index.php/quem-somos>.

de inclui-lo nessa relação estabelecida no campo da pesquisa. Portanto, ele também poderia e deveria fazer parte da colaboração, compondo uma interlocução com as cenas compartilhadas com Mariama.

Concluindo, a inclusão do outro como interlocutor e a abertura para questionar as dimensões éticas e de poder do processo de pesquisa assinalam a pesquisa participante como diálogo, negociação e interlocução culturais e sociais... Ao considerar o outro como parceiro, não só o processo de pesquisa passa a lidar com outras interpretações dos fenômenos estudados, quanto se abre para refletir sobre as relações de poder entre pesquisador e interlocutor ou colaborador e sobre o sentido e a utilidade da investigação para ambos (SCHMIDT, 2008, p. 396).

O respeito e a ética na pesquisa de campo também dizem respeito às escolhas e dinâmicas do interlocutor, sendo necessário dar novos olhares e significados para o campo que se constitui para o pesquisador. Assim, sendo tão importante no processo de trabalho e na história de vida de Mariama, não poderia ficar deslocado da sua trajetória dentro da pesquisa. O campo não só permite como exige também múltiplos cenários e configurações, onde estar atento às essas possibilidades enriquece a experiência etnográfica e abre-se espaço para novas apreensões e encontros.

Além disso, as conversas foram revelando assuntos compartilhados (música, literatura e cinema africanos) e algumas pessoas conhecidas em comum. Também foi interessante para uma aproximação e construção de uma relação mais próxima e confortável, pois inicialmente Mariama ficava mais tensa, preocupada com o uso correto das palavras e do conteúdo, procurando algo mais formal na entrevista. Encontrar esses denominadores comuns foi essencial nessa construção relacional.

Processos migratórios, desafios e apoio à organização da vida cotidiana

Mariama Camara é da Guiné, África Ocidental, e está no Brasil desde o final de 2008. Foi bailarina da companhia guineana Les Ballets Africains e sempre trabalhou com linguagens artísticas (dança, canto, percussão) e sua interface com a educação. Conta que veio ao Brasil a convite de um grande amigo e de uma companhia de danças com projetos ligados à escola francesa Liceu Pasteur. Relata que já visitara outros países com sua companhia, mas nunca havia pensado em morar fora de seu país natal até surgir a oportunidade de vir para cá.

Conta que o processo de migração até a cidade de São Paulo foi extremamente burocrático e com grande custo financeiro, conforme já se comentou anteriormente sobre a questão legal dos estrangeiros no Brasil. Foi da Guiné até Cabo Verde, de lá para Fortaleza e

então pegou ônibus até chegar a São Paulo. Na época tinha um amigo francês que estava residindo no Brasil e que indicou alguns grupos de dança afro-brasileira para Mariama.

Sobre as expectativas em relação ao Brasil, é bastante presente o imaginário social do Brasil como o país que é constantemente retratado pelos grandes meios de comunicação: *“Meu sonho aqui, quando vim, eu quero ver Ronaldo, Ronaldo Gaúcho, Fenômeno. Isso que eu conhecia, um pouco do Brasil, como futebol”*.

Ao chegar a São Paulo, Mariama frequentou o curso de português do Serviço Social do Comércio (SESC) Carmo, unidade situada no centro da cidade que oferece aulas de idioma a refugiados e solicitantes de refúgio, em projeto de convênio com a Cáritas Arquidiocesana e o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. Nessa época também Mariama chegou a frequentar os serviços oferecidos pela Missão Paz e a partir de lá, descobriram que era artista e foi convidada a fazer uma oficina de dança. A questão da língua portuguesa é sempre uma grande dificuldade nos processos de adaptação dos migrantes, e ter domínio da língua é essencial para a inserção social e econômica e até mesmo para a efetivação de novas possibilidades. Para Mariama e suas atividades econômicas, por exemplo, é fundamental que consiga comunicar-se com os alunos, todos brasileiros.

É interessante observar que, no início do seu processo de chegada a São Paulo, Mariama recorreu a alguns serviços de referência no apoio aos imigrantes, já citados no capítulo 2. Para algumas mulheres, esses circuitos configuram-se essenciais para organização inicial da adaptação e inserção no novo país. São redes e recursos dos quais muitos se utilizam para, a partir daí, traçar novos projetos e engatar novos caminhos, como fez Mariama.

Mariama também reforça a necessidade de ajuda financeira à família que ficou na Guiné, e que há um imaginário dos familiares de que quem está no Brasil está ganhando dinheiro e fazendo sucesso. Embora não verbalize concretamente, é possível imaginar que muito do seu projeto migratório também tenha ocorrido em função do surgimento e necessidades de novas oportunidades fora do seu país (UNDA; ALVARADO, 2012).

Mariama relata dificuldades de adaptação ao chegar ao país, estranhamento da cidade de São Paulo e também diversas situações de preconceito e xenofobia. Assane também é bastante categórico ao refletir sobre a situação do negro e do africano na cidade. Pontua a dificuldade em conseguir trabalho, a desvalorização do seu conhecimento acadêmico e impossibilidade na validação de diploma. Ambos evidenciam de forma mais clara os entraves

comumente enfrentados pelos migrantes diante a política migratória brasileira e as dificuldades na inserção social, cultural e econômica no país.

Atividades de trabalho e redes sociais

Mariama sempre está inserida em alguma atividade, oficina e aula ou em projetos de apresentações artísticas. Conta que esporadicamente também trabalha como cabelereira e que sua maior circulação social é entre a própria comunidade africana. Embora mantenha várias relações com outras pessoas por conta do trabalho, vê-se que ainda é muito vinculada ao cenário dos migrantes e dos africanos, preservando relações, costumes, modos de vestir, língua e comida.

Acompanho um dia de aula de dança africana, na Ação Educativa. Nesse dia, há aproximadamente oito alunos na aula, sendo eles dois homens. Mariama inicia a aula com alongamentos e movimentos de dança; é sempre acompanhada por Assane, responsável pela parte musical e de percussão das aulas. Dá sequência às coreografias, explica detalhadamente os gestos, movimentos do corpo e a simbologia da dança e da letra da música (como, por exemplo, uma coreografia baseada em passos de descanso e férias).

Como há alunos em diferentes níveis do curso, Mariama vai adaptando as aulas conforme a configuração e necessidade de cada aula e de cada aluno. Em alguns momentos centraliza a dinâmica no ensino dos passos, e em outros reforça as coreografias e sincronização das mesmas. É bastante didática e sintonizada com a turma, percebo o quanto gosta de estar ali, envolve-se com a aula e com os alunos, faz brincadeiras, conversa. A dimensão musical da aula também se revela tão importante quanto a própria dança. A percussão confere sonoridade, ritmo e sentido para cada coreografia. Geralmente, Assane e outro colaborador participam da aula.

Inicialmente apenas observava as aulas, mas aos poucos fui percebendo que também era observada pelos outros. Alguns queriam conversar e perguntar sobre a pesquisa, outros me convidavam a participar da aula, Assane explicava-me sobre os instrumentos de percussão, diferenças de sons e tipos de música, ou sobre a cultura do Senegal, seu país de origem.

A dinâmica relacional estabelecida aqui com essa interlocutora foi bastante diferente das demais. Com as experiências vivenciadas, aos poucos fui entendendo que o trabalho de campo não poderia limitar-se apenas ao acompanhamento de Mariama. As múltiplas configurações estabelecidas com Assane, seus alunos e parceiros de trabalho compõem a sua

dinâmica cotidiana, e, portanto, é indissociável da sua história. Assim, a etnografia não deve excluir atores, personagens ou cenários aparentemente excedentes. Dialogar com Assane, ouvir também sua história e integra-lo às cenas vivenciadas com Mariama tornaram-se processos fundamentais do trabalho de campo e da pesquisa.

A dança

Em novembro, Mariama, Assane e seu grupo de alunos foram convidados para uma apresentação na Semana da Consciência Negra, em uma série de eventos, debates e atividades culturais, promovidas pela Secretaria Municipal de Promoção da Igualdade Racial de São Paulo, e se apresentaram na Feira Afro de artesanato, acessórios, roupas, livros e apresentações artísticas relacionadas à temática.

Na apresentação, inicialmente, suas alunas situaram o trabalho de Mariama, da história e cultura da Guiné, além de trazerem elementos e significados das danças e músicas a serem apresentadas. As coreografias são dinâmicas, sincronizadas numa beleza de movimentos do corpo, gestos, posturas, cores. A música é forte, crua, dura, marcada pelos instrumentos de percussão, alternando-se com a delicadeza do canto. A estética do figurino, das roupas e tecidos africanos, compõe uma cena colorida e com diversas nuances. Apesar da garoa fina, curiosos param e olham, pessoas em situação de rua detêm-se a prestar atenção num Largo do Paissandu diferente. Africanos, conterrâneos e conhecidos prestigiam o grupo. Apesar de simples, dança, música e visual entrecruzam-se e compõem um espetáculo pulsante. A temática da África, Guiné e Senegal ganha os palcos, torna-se visível, reinscrevem-se numa perspectiva de valorização e reconhecimento.

Interfaces da arte, educação e cultura

Mariama convidou-me para acompanhá-la em um evento na Galeria Olido. Trata-se de uma oficina cultural, dentro de um programa de formação para jovens ligado à Secretaria Municipal de Educação. O auditório está lotado, com cerca de 80 jovens. Na primeira parte houve uma apresentação de dança breve, onde Mariama apresentou-se com seus alunos. Em seguida, Assane faz uma introdução sobre conceitos gerais sobre a África e Mariama então conta sua trajetória de vida e de trabalho. Começou a dançar com 12, 13 anos e com 17 já viaja pelo seu país para apresentações artísticas. Contextualiza seu trabalho também a partir do seu país de origem e relata seu percurso e dificuldades nesse processo. Em seguida, Felipe,

um dos parceiros de trabalho de percussão do grupo, faz uma apresentação sobre a presença dos africanos na cidade de São Paulo, focando a reflexão sobre questões de preconceito, xenofobia e diversidade cultural na migração.

A segunda parte do trabalho é dividida em dois grupos. Mariama coordena metade do grupo e faz uma oficina de dança africana e canto. Ensina alguns passos e coreografias, ensaia uma música e também toca percussão com os jovens. Todos participam, cantam, dançam, interessam-se pela dinâmica. Mariama também fica bem envolvida, incentiva a participação de todos, conduz o grupo. Na outra sala Assane faz uma conversa com os alunos sobre literatura africana e tradição oral. Há bastante interesse pelo assunto, as pessoas envolvem-se na discussão, fazem perguntas e trazem reflexões.

Essa oficina teve a participação dos alunos de Mariama do curso de dança africana realizado na Ação Educativa. Eles participam da discussão, apresentação e organização do trabalho. Percebo que compõem redes e laços importantes para Mariama e seu marido, na medida em que agenciam trocas, relações e contatos de trabalho, fortalecem e dão visibilidade ao trabalho. Além disso, inserem as ações do grupo na discussão do movimento de valorização da cultura afro e africana nos espaços educacionais e culturais. Configuram-se como pontos de apoio essenciais para o fortalecimento de redes de interdependência (ELIAS, 1994).

Além disso, Mariama e seus parceiros de trabalho, através dessas oficinas e atividades, estabelecem diálogo importante na interface da cultura e educação. Inserem a temática da cultura africana, da tradição oral, dança, direitos humanos e tantos outros temas em espaços plurais, fazendo uma interlocução com a Lei nº 10.639 (BRASIL, 2003), que inclui a temática da “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo escolar em todo o país.

Fabião (2011) faz um estudo sobre aulas de danças africanas ministradas em Portugal e suas propostas pedagógicas, na perspectiva da interculturalidade como diálogo e transformação mútua. A pesquisa reforça a importância da dança como ferramenta de trocas interculturais, dissolução de práticas coloniais e pós-coloniais, ampliação de experiências, e também como uma ação emancipatória e de autonomia.

Além disso, Mariama dá aulas de percussão ao Grupo Ilú Oba de Min, já citado anteriormente. É interessante marcar que esse coletivo se configura como importante espaço de divulgação e promoção da cultura brasileira e raízes afro-brasileiras e africanas, através de elementos da música, percussão e do corpo. Esse grupo tem ganhado destaque em

apresentações culturais, blocos de carnaval de rua também por conta da sua afirmação de gênero. Mariama é valorizada pelas atividades como professora, por seu conhecimento e trabalho artístico, fortalecendo simbolicamente, ao mesmo tempo, o conjunto das sociedades e das culturas africanas nesses espaços.

4.3 Lenna: buscas e interculturalidade

[...] eu só sei viver nesse nível de vida na verdade, de viver a minha história e ser o máximo protagonista possível, e compartilhar isso de acordo com a minha forma de expressão. E aquele que se sentir tocado, inspirado, que se sinta tocado e inspirado, e que dessa forma ele abra caminhos, porque eu sou o que sou hoje porque eu me inspirei muito nas pessoas (BAHULE, 2015).

Apresentações iniciais e interculturalidade

Através de uma indicação, conheci o trabalho de Lenna Bahule pelo acervo do Visto Permanente³⁶. Fiz uma rápida pesquisa sobre seu trabalho na internet³⁷ e entrei em contato. Lenna respondeu-me rapidamente, logo marcamos uma conversa inicial e prontamente ela se interessou pela pesquisa. Nosso primeiro encontro foi num *dojo*³⁸, onde dá aulas de canto, no bairro do Butantã. Peço que se apresente:

... É, e aí eu sou do Maputo, né?, capital de Moçambique,...., que mais eu posso falar de mim?... Minha mãe é do Norte, e ela é ajaua, meu pai é do Sul, e ele é chope, então eu levo a etnia do meu pai, então sou uma chope, embora tenha nascido em Maputo, quem nasce lá são os tsongas, né?, então de nascida sou tsonga, mas de família sou chope.³⁹ É... Eu, acho que eu posso, acho que é assim que eu posso me apresentar, de onde eu sou, de onde eu venho (BAHULE, 2015).

Lenna estudou piano erudito por oito anos quando criança, depois começou a se apresentar em bares, junto a grupos de música. Chegou a cursar faculdade de Ciências Biológicas e refere que, nessa época, começou paralelamente a se envolver com o universo da música; entrou para uma banda *Nkhuvu*, muito conhecida em Moçambique, e a partir daí decidiu se dedicar exclusivamente à música, desenvolvendo também seu trabalho solo de compositora, arranjadora, vocalista e improvisadora.

³⁶ Ver página 62.

³⁷ Matérias sobre Lenna encontram-se no Anexo B.

³⁸ Local de práticas de artes marciais.

³⁹ Ajaua, chope, tsonga são algumas das etnias encontradas em Moçambique.

Sobre seu processo de migração para o Brasil, conta que, em 2012, estava num momento da vida pessoal em que já queria muito sair de Maputo, sentia a necessidade de alguma mudança na sua vida. Fez contato com conhecidos no Brasil, e um amigo ofereceu-se para custear sua passagem para São Paulo. Conseguiu agendar previamente algumas apresentações artísticas aqui e chegou a São Paulo no final de 2012. Desde então foi inserindo-se nos espaços e procurando oportunidades de trabalho, sempre na sua área de música, com apresentações, shows e oficinas culturais e artísticas. Atualmente trabalha com dois grupos musicais, dá aulas de canto e oficinas culturais sobre jogos e brincadeiras infantis, além de trabalho com pesquisas em todas essas interfaces artísticas. É categórica em reforçar a influência da cultura brasileira nesse processo e conta que a partir disso, começou a interessar-se em estudar mais profundamente a música brasileira e suas conexões artísticas.

Finalmente, eu entrei num grupo que toca música brasileira (em Maputo ainda), moçambicanos que toca música brasileira, é eu entrei em contato com um monte de música brasileira. Foi nesse grupo que eu conheci Tom Jobim, que eu conheci... Música de verdade, Tom Jobim, é, Chico Buarque, é, Baden... assim, Elis, e fiquei simplesmente impressionada, das coisas mais difíceis que eu tinha cantado na minha vida naquela época... Nunca tinha ouvido a música daquele jeito. E aí isso abriu todo um horizonte para mim de criatividade, de musicalidade, eu falei “nossa, eu quero poder aprofundar”, já tinha carreira, já estava fazendo shows em outros bares, “quero muito poder aprofundar a minha musicalidade nesse nível, né” (BAHULE, 2015).

Sobre suas redes de relações, Lenna não se utilizou de serviços de referência para a população imigrante na cidade, mas dispôs de amigos e contatos prévios ao chegar a São Paulo, e sempre reforça essa rede pessoal de apoio como primordial na sua vida. O processo migratório é sempre balizado pelas redes de apoio e de suporte (ASSIS, 2007); no caso de Lenna, foram essenciais para a concretização dessa trajetória, desde o planejamento da viagem, sua chegada, momentos de adaptação, viabilização de oportunidades de trabalho e moradia.

A relação com o espaço urbano, na sua fala, é sempre permeada de muitas contradições, descobertas, encantamentos, desafios e tensões. O choque cultural, ao se deparar com uma grande metrópole, as dificuldades financeiras, a relação paradoxal estabelecida com a cidade, com muitas exigências, estímulos e contradições, a falta de tempo para fazer as coisas, inclusive seu trabalho de pesquisa sobre música e técnica vocal.

Lenna sempre repete uma fala interessante sobre sua vinda ao Brasil também como um processo de amadurecimento, autoconhecimento e percepção da sua vida pessoal. Nessa trajetória, fez um movimento inicial de afastar-se da sua cultura e de aspectos e relações

ligadas ao seu país, pois precisava se situar internamente nesse processo, e então inicialmente pouco conheceu dessa rede aqui dessas pessoas.

Acho que posso dizer que a segunda maior dificuldade, que eu não gostaria que fosse dificuldade, porque eu tenho controle sobre isso, eu acho que eu posso controlar isso, e inclusive é vinculado inclusive à dificuldade financeira, é a questão de manter a identidade... Então eu queria me reinventar, queria ser outra pessoa. E foi o que eu me fiz, eu me fiz outra pessoa aqui... Então meu trabalho, o trabalho que eu fiz nesses últimos três anos foi de realmente me trabalhar, me encontrar, me identificar, me estabilizar individualmente, assim como mulher, como ser humano, como artista, como ser espiritual, tudo, mas que eu tenha certeza que é isso aqui e que assim eu vou me abrir. (BAHULE, 2015).

É bastante comunicativa e expressiva, e nossas conversas também acabam sendo um exercício de autorreflexão. Dantas et al. (2010) discutem as dimensões subjetivas e identitárias nos contextos da migração, onde “a identidade não existe senão contextualizada, como um processo de construção e pressupõe o reconhecimento da alteridade para a sua afirmação” (DANTAS et al., 2010, p. 47). Assim, discutem as negociações e fortalecimentos necessários aos processos interculturais, permeados de angústias, incertezas, desejos e motivações. Lenna afirma que somente após apropriar-se desse processo, de vivenciar a cidade e o espaço urbano, de experimentar relações diversas com os espaços, pessoas, trabalhos, que sentiu necessidade de retomar essas suas raízes.

Agora eu posso voltar, eu posso voltar, posso impor essa minha personalidade, posso me mostrar como eu sou mesmo, porque até então eu não me dei autorização, eu senti que não podia fazer isso enquanto não conquistasse aquilo que eu precisasse, porque, sei lá, naturalmente eu acho que eu assumindo essa personalidade eu estaria muito vulnerável a fraquezas, a coisas que poderiam impedir a minha batalha, dificultar ainda mais o meu movimento. Então é como se eu estivesse protegida né, pra poder alcançar um lugar e agora essa proteção não me serve mais, agora posso abrir, então eu estou bem nesse momento, de poder querer mais, me relacionar mais com meus conterrâneos, poder ter outra postura com as pessoas com quem eu me relaciono do meu meio, inclusive porque eu estou sentindo falta daquela pessoa, sentido falta daquela cultura mesmo, né, porque eu acho que não sou só essa pessoa que eu formei nesses três anos, eu sou também aquela pessoa, então eu preciso agora unir essas duas e sermos uma só, né? (BAHULE, 2015).

Lenna traz de forma bastante significativa a sua necessidade de vivenciar múltiplas experiências: longas caminhadas pela cidade, experimentar comidas diferentes, batalhar pela obtenção da sua documentação (em especial o Cadastro de Pessoa Física — CPF), conquistar espaços de trabalho, conhecer novos artistas, organizar suas atividades cotidianas para dedicar-se a estudar. Assim, esses desafios são permeados por uma relação dialógica e

intercultural, onde há uma necessidade de reconhecer-se num cenário novo, criar novas relações, decifrar códigos culturais diversos, vivenciar sua cotidianidade em novos territórios, dialogar com suas identidades, sempre em processo em constante movimento e mutação.

Apresentações e espaços de interlocução

Hoje é dia de ensaio para uma apresentação musical. Vou até a Escola de Música do Estado de São Paulo — Tom Jobim (EMESP), no bairro da Luz. Trata-se do projeto “*Cantautores*”, uma apresentação conjunta do Coral Jovem do Estado, com a regência de Tiago Pinheiro, com artistas⁴⁰ da cena musical contemporânea.

Quando chego, o ensaio já está acontecendo, e cada artista está ensaiando suas músicas. Lenna me recebe, apresenta-me ao grupo, explica-me sobre o projeto. Diz que precisa ensaiar e pede para que eu fique à vontade. Em seguida, os jovens do coral (cerca de trinta a quarenta) entram para o ensaio conjunto. Lenna tem uma participação interessante, mesmo quando se trata do ensaio do colega, que fará uma improvisação com os jovens. Consegue dar algumas dicas, incentiva-o e o tranquiliza, percebe sua insegurança e dúvidas, mas mantém-se discreta, não toma seu lugar. Lenna tem muito conhecimento técnico, vocal e extrema desenvoltura com improvisação musical e percussão corporal.

A apresentação ocorreu após alguns dias, no auditório do Museu de Arte Assis Chateaubriand (MASP). A proposta, segundo o regente do Coral, é integrar a música lírica com a popular, trazendo repertório dos artistas convidados e de outros cantores já consagrados (Dorival Caymmi, Moraes Moreira). Cada um apresenta três músicas do seu repertório pessoal, intercalando-se com a participação dos jovens. O auditório está lotado, e o show todo é extremamente pulsante e muito bonito. A apresentação de Lenna é contagiante, mas também ao mesmo tempo singela e delicada. Além das suas músicas, coordena uma improvisação final com os jovens, com muita segurança e firmeza, mas também com delicadeza e poesia. Estabelece uma afinidade com os jovens de maneira imediata, e juntos, proporcionam um espetáculo visual e musical único.

Em outro momento, acompanhei Lenna na Oficina de Jogos e Brincadeiras Moçambicanas, no Serviço Social do Comércio (SESC). Trata-se de uma oficina aberta e gratuita, sediada na praça de eventos da unidade do bairro da Vila Mariana. Realiza a oficina acompanhada de outro músico, que se encarrega da percussão. Conta com aproximadamente

⁴⁰ Luiza Lian, Lenna Bahule, Zé Leônidas e Leo Cavalcanti.

vinte pessoas, entre adultos, algumas crianças e idosos. Lenna apresenta alguns exercícios corporais e vocais, de percussão corporal, brincadeiras e jogos com músicas e cantos de Moçambique. Explora o contexto das brincadeiras, do seu país, focando as atividades na interação das pessoas, na musicalidade e na ludicidade. As pessoas ficam bastante interessadas, participam e se divertem.

É bastante envolvida, atenta e dinâmica, com muita apropriação do que faz. O conhecimento técnico e a qualidade musical sempre são aspectos marcantes do seu trabalho e são evidenciados em suas várias atividades. Além disso, Lenna também tem ganhado destaque em vários cenários e meios de comunicação (Ver Anexo B)⁴¹, reforçando ainda mais seu talento e protagonismo.

Lenna também foi convidada a participar de debate sobre Moçambique em evento promovido pela Casa das Áfricas — Núcleo Amanar: Moçambique: Arte e Memória, juntamente com o pesquisador moçambicano Marílio Wane, atualmente residente no Brasil. Após o debate, houve apresentação musical de Lenna. O evento ocorreu no Aparelha Luzia, espaço cultural recém-inaugurado no centro da cidade, com a proposta de ser um “território de mediação, espaço de criação, lugar de circulação” (página na rede social), privilegiando encontros, debates e apresentações com a temática do feminismo, resistência e identidade negra. Esse espaço tem se configurado como uma plataforma importante não somente para divulgação do trabalho de Lenna e outros artistas africanos da cidade, como também para fomentar o debate do movimento negro através da cultura.

Nômade

Quando conversamos, havia acabado de lançar o disco, trata-se do seu primeiro trabalho autoral, produzido em São Paulo, com parcerias de diversos artistas. Explicou-me todo o processo de produção do álbum, dificuldades financeiras e técnicas, concepção, idealização, planejamento, escolha de repertório, parceiros e nome. Mostra o quanto esse trabalho foi um marco nesse momento da sua vida atual e como tem pensado em prosseguir daqui para frente, o quanto foi importante para entender seu processo de migração, e o reconhecimento e importância de pessoas que foram fundamentais nessa história. Explica cada música, significado e concepção, momento da vida, onde um amigo ajudou na sua

⁴¹ Cf. <http://www.afreaka.com.br/notas/lenna-bahule-nomade-mensageira-entre-africa-e-brasil/>
<http://www.voportugues.com/a/mocambicana-lenna-bahule-lanca-primeiro-disco-no-brasil/3440685.html>
<http://revistatrip.uol.com.br/tpm/entrevista-com-a-cantora-mocambicana-lenna-bahule-sobre-disco-nomade>

chegada, sua inserção nos grupos com quais toca em São Paulo, questões e memórias afetivas. Além disso, fez questão de escolher determinados parceiros e amigos, além de alguns artistas moçambicanos para parceria, para valorizar a cultura do seu país e reafirmar sua identidade. Era evidente uma necessidade de falar e criar reflexões sobre esse produto, parece também querer falar para si, dar sentido à sua fala e ao processo, à sua vida e ao que tem vivenciado e revisar suas memórias e trajetória.

É a minha vida, é a minha bagagem! É isso que eu vou levar, como é que eu posso dizer, é o meu lugar secreto, é o que me acompanha.... Eu me vejo caminhando com a minha música. Eu me vejo andando com a minha música e sendo livre! Da ideia, mas eu pensei “nômade” é interessante, aí eu fiquei com essa coisa na cabeça, muito tempo, muito tempo, e aí quando a gente estava fazendo a reunião com o Jorge, que foi a pessoa que me ajudou a fazer a campanha de financiamento coletivo, ele falou: e o nome do CD, qual o nome do CD? Eu pensei em Nômade, mas não sei..., aí caiu um quadro no quarto. Aí ela (outra pessoa) foi ver e disse: “gente, vocês não vão acreditar, caiu agora um quadro que é um mapa mundi! “. E não tinha porque ele cair, não tinha janela aberta, não tinha vento, ele simplesmente caiu! E o cara que fez esse quadro é um cara que viaja o mundo fazendo fotos e documentando coisas do mundo. Falei, tá bom! Tá bom! Vai chamar Nômade! (BAHULE, 2015).

A música é elemento indissociável da vida de Lenna, e traz essa a discussão de maneira bastante reflexiva, onde na sua percepção, toda música tem uma função e uma missão, e como isso se reflete na sua interpretação, criações e apresentações:

Tem um fato de que quando você escolhe o universo responde, ..., mas eu acho que o que eu sei fazer, o meu dom, o meu talento, ele é uma oferta assim, é uma oferta, algo que foi me dado..., eu me coloco disponível para baixar o que precisa baixar, e é entregue. Claro, eu me trabalho, o trabalho que eu faço quando vou me apresentar é de eu estar bem, emocionalmente, psicologicamente, espiritualmente, para que aquilo que eu preciso entregar seja entregue da forma mais... livre possível. Sem coisas minhas influenciando. E entender que a música tem esse papel, ela é literalmente harmônica, ela harmoniza o ser humano (BAHULE, 2015).

A concretização do álbum foi um momento crucial na vida de Lenna, permeado por muitas dificuldades, desafios e incertezas. Conseguir orquestrar as parcerias, dar conta de todas as demandas e desejos que queria incluir nas músicas, organizar financeiramente as pendências, revisar memórias e trabalhos não finalizados foram processos rememorados durante nossos encontros. Entretanto, o fechamento desse ciclo também trouxe novas oportunidades e parcerias e novos horizontes.

4.4 Apoliana: dimensões estéticas e religiosas

Uma das minhas primeiras incursões pelo trabalho de campo foi no centro da cidade de São Paulo, local que historicamente sempre comportou múltiplas configurações culturais, econômicas e sociais. Ao discutir sobre o cenário urbano do fazer etnográfico, Magnani (2008, p. 37-38) coloca que:

O cenário não é, nesta perspectiva, um conjunto de elementos físicos, nem deve sugerir a ideia de um *palco* que os atores encontram já montado para o desempenho de seus papéis. Aqui, é entendido como produto de práticas sociais anteriores e em constante diálogo com as atuais — favorecendo-as, dificultando-as e sendo continuamente transformado por elas. Delimitar o cenário significa identificar marcos, reconhecer divisas, anotar pontos de intersecção — a partir não apenas da presença ou ausência de equipamentos e estruturas físicas, mas desses elementos em relação com a prática cotidiana daqueles que de uma forma ou outra usam o espaço: os atores.

Assim, era essencial identificar seus marcos, pontos de intersecção e divisas, ou seja, era preciso conhecer e adentrar nesse território. Caminhar pelo centro é deparar-se com grandes edifícios, construções históricas, pontos turísticos, intenso comércio de rua, e também pessoas apressadas, executivos, turistas, ambulantes, pessoas e crianças em situação de rua, migrantes. As imediações da República, conforme já relatei anteriormente, concentra vários pedaços, manchas e circuitos (Magnani, 2008) por onde circulam as mulheres africanas: pequenas galerias, lojas telefônicas, espaços religiosos, restaurantes, salões de beleza, comércios de rua. É nessa interlocução que se encontra a Galeria Presidente, talvez um dos principais locais de referência da comunidade africana em São Paulo.

Desvendando a Galeria

Dia nublado, muito frio, garoa fina em São Paulo. Circulo pelas ruas da República, encontro poucas barracas de artesanato nas calçadas. Dirijo-me então à Galeria Presidente, situada na Rua 24 de Maio, uma das típicas ruas de pedestres de centros antigos das grandes cidades brasileiras. Há sempre muito movimento na rua e no saguão de entrada. Magnani (2008), em um dos seus projetos de pesquisa sobre antropologia urbana, já havia elegido o centro como objeto de estudo, e cita a Galeria como um dos locais analisados. Sobre a noção de pedaço, onde a sociabilidade dá-se pela referência de vínculos de família, vizinhança e procedência, o autor observa:

Está-se entre iguais, nesses lugares: o território é claramente delimitado por marcas exclusivas. O componente espacial do *pedaço*, ainda que inserido num equipamento ou lugar de amplo acesso, não comporta ambiguidades porque está impregnado pelo aspecto simbólico que lhe empresta a forma de apropriação característica (MAGNANI, 2008, p. 39, destaque do autor).

Logo no hall da entrada, há várias mulheres conversando ou tentando atrair clientes para os salões, e também muitos homens africanos, também conversando, esperando outros chegarem, lojistas nas pausas do trabalho. O centro comercial é antigo, com algumas estruturas precárias, cerca de seis andares interligados em um vão central por intermédio de escadas rolantes. Há salões de beleza, comércio de roupas típicas, restaurantes, bares, lojas de produtos de beleza especializados em penteados afro, tranças, apliques, lojas de música e de artesanato e temáticas *hippies*. Seus frequentadores são quase que em sua maioria africanos: homens, mulheres e crianças. As pessoas não fazem uso apenas para o comércio e trabalho, mas agenciam e articulam reuniões, vão para encontrar-se e conversar com amigos, para comer, resolver problemas e pendências, buscar pontos de apoio.

Aproximações iniciais

Caminho pelo térreo e só nesse piso conto aproximadamente sete salões de beleza, em quase sua totalidade apenas mulheres negras trabalhando. Escolho e entro num salão aleatório, apresento-me, falo um pouco sobre a pesquisa, e a moça que me atende é brasileira! Bastante atenciosa comigo, diz que é uma das únicas brasileiras da Galeria. Vai até o corredor e me indica uma moça que se encontra na entrada, conversando com as demais e angariando possíveis clientes para o salão. Agradeço e vou ao seu encontro.

Apresento-me novamente. Inicialmente, Apoliana fica confusa, talvez um pouco desconfiada. Diz que podemos conversar, mas pede que seja em outra hora, pois no momento está trabalhando; entrega-me seu cartão, pede que eu ligue para marcarmos outra hora. Enquanto conversarmos, sou observada por outras pessoas na entrada da Galeria. Parecem bastante curiosas com minha presença, mas não se aproximam.

No dia marcado, chego já no final da tarde e a encontro na entrada, como de costume. Pede para conversarmos ali mesmo, pois ainda está trabalhando. Aos poucos, estabelecemos uma dinâmica onde quase todos nossos encontros ocorrem no saguão da galeria. Apoliana então me conta um pouco de sua história, mas a todo momento está atenta à movimentação da rua, ao fluxo das pessoas, ou é abordada por outras mulheres.

Uma possível cliente brasileira para e pergunta sobre os apliques. Conversam um pouco e em seguida Apoliana a conduz ao seu salão. Pergunto se posso ir e acompanho-as até o terceiro andar da Galeria. Seu salão é simples e pequeno, todo pintado de verde, com três bancadas e cadeiras de trabalho, repleto de produtos de beleza, cremes, xampus, tranças, apliques, cachos, nas mais variadas cores, tamanhos e tipos.

Há três moças africanas sentadas, parecem trabalhar ali. Apoliana pega uma cadeira, pede para que eu sente, e então começa a negociar as tranças com a cliente. Mostra alguns modelos, usa uma balança para calcular o peso e os valores, negociam formas de pagamento e então fecham o negócio. A cliente senta na cadeira e então uma das moças começa o trabalho imediatamente. Apoliana ajuda apenas no início, logo depois deixa a tarefa para a colega e me chama novamente para descermos. Logo entendo que Apoliana apenas negocia e chama as clientes para o salão. Diz que já não fica mais tanto nas tarefas de cabelo, deixa-as a cargo de suas colegas. Diz que já fez muito isso e prefere agora ficar em outra função.

A dinâmica da relação com Apoliana é um desafio. Sempre está atenta ao movimento da galeria, ou somos interrompidas por olhares e conversas curiosas. O saguão de entrada da Galeria foi o cenário escolhido, e precisei dar conta, ali, de fazer o campo, ser observada e abordada por várias pessoas, trabalhar minhas angústias por ficar horas em pé, “observando” o movimento junto com Apoliana, e atenta aos possíveis encontros etnográficos (OLIVEIRA, 2000). No início, eu, com meus traços orientais, percebia-me como elemento estranho naquele cenário. Algumas mulheres abordavam-me, perguntavam se eu vinha do Japão, por exemplo, ou pediam indicações de locais de trabalho e apoio a imigrantes. Com o tempo, sentia que minha presença passou a ser mais natural, na medida em que também fiquei mais confortável naquele lugar. Apoliana já esperava por mim em determinados dias, e outras pessoas da galeria também já me conheciam.

Processos migratórios: estudos x trabalho

Apoliana é do Congo, está há quase seis anos no Brasil e há cerca de cinco trabalha na Galeria. Kursou Pedagogia na sua cidade natal e então conseguiu uma transferência para cursar Farmácia na Universidade Federal do Pará (UFP), em Belém. Ficou alguns meses por lá, mas não se adaptou e veio então para São Paulo. Pretendia continuar os estudos aqui, acabou não conseguindo e então começou a trabalhar de cabelereira por uma necessidade

econômica. O processo de migração também ocorreu paralelamente à vinda para o Brasil do seu marido, que mantém uma função religiosa importante, a qual discutiremos mais adiante.

Nunca havia trabalhado com isso, e a vivência que tinha com a questão da estética do cabelo eram experiências pessoais e de família. Assim como Melanito na culinária e o cabelo de Apoliana, as referências culturais das suas atividades são também da cotidianidade, das relações familiares e culturais africanas. Desde então tem um salão de beleza na Galeria Presidente, onde atende turistas, brasileiros, africanos, homens, mulheres e crianças, funcionando de segunda a sábado, em tempo integral.

Aqui, a migração assume diversas dimensões enquanto projeto de vida. Estudos, reuniões familiares e oportunidades de trabalho, a partir dos rearranjos que vão estabelecendo-se na dinâmica da sua inserção no país. A necessidade econômica é muito intensa, mas Apoliana também consegue dialogar com essa demanda a partir das necessidades e oportunidades do mercado, pois em São Paulo e no contexto da Galeria Presidente há grande demanda e visibilidade quanto à estética afro.

A atividade exercida por Apoliana aparece muito mais em uma relação marcada pela necessidade financeira, prioritariamente, e a partir disso, cria suas dinâmicas de trabalho com essa demanda da estética afro no centro da cidade. Além disso, sua rede de relações parece se compor de africanos e africanas, atividades da igreja e sua vivência cotidiana na Galeria. Pouco dialoga com outros universos.

A estética do cabelo e suas dinâmicas

No salão estão uma cliente, também africana, e quatro mulheres em sua volta, trabalhando. Estão fazendo tranças de cor cinza e branca. São rápidas, usam seus utensílios, pentes, tesouras, tranças e cabelos com agilidades impressionantes. Às vezes, revezam-se com as que estão no salão, mas nunca fazem o trabalho sozinhas, e conversam muito entre si. A cena é pulsante, dinâmica, vívida. Várias mulheres em torno de uma tarefa comum, com muito barulho, discussão, risadas, atravessamentos. Nilma Lino Gomes⁴², em sua pesquisa etnográfica sobre os salões étnicos de Belo Horizonte, discute a construção e o fortalecimento da identidade negra a partir do corpo e do cabelo, não apenas como aspectos estéticos, mas como elementos identitários.

⁴² Docente da Universidade Federal de Minas Gerais e reitora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) em 2013.

Os salões étnicos são, portanto, espaços privilegiados para pensar várias questões que envolvem a vida dos negros, dos mestiços e dos brancos. São espaços corpóreos, estéticos e identitários e, por isso, nos ajudam a refletir um pouco mais sobre a complexidade e os conflitos da identidade negra. Nos salões o cabelo crespo, visto socialmente como o estigma da vergonha, é transformado em símbolo de orgulho (GOMES, 2003a, p. 8).

Era curioso notar que sempre encontrava Apoliana produzida. Cada semana estava com um cabelo, tranças, cores ou penteados diferentes, e, em algumas ocasiões com roupas características (vestidos com tecidos africanos). Ela, como as outras interlocutoras e as mulheres da Galeria, estava sempre em destaque por sua beleza e cuidado estético.

Gomes (2003b), em outro trabalho, faz um breve resgate histórico da importância do cabelo nas sociedades africanas, onde a questão do cuidado e estética sempre foram presentes, e, muitas vezes, era sinalizador de estado civil, origem geográfica, religião, posição social. A partir de então, a autora coloca também que o cabelo como ícone identitário foi recriado e ressignificado aqui no Brasil pelos negros, e, embora tenha sofrido influências sociais, econômicas, culturais e mudanças no decorrer da história, o cabelo ainda permanece, aqui, carregado de africanidade e instrumento de resistência e identidade.

Na Galeria Presidente, local que historicamente sempre foi referência e *pedaço* frequentado pelos jovens negros (MAGNANI, 2008), Apoliana e as outras mulheres africanas, através dos salões de beleza, dialogam com suas identidades africanas, mantendo elementos de continuidade e fortalecendo suas redes de relações na comunidade migrante africana. Por outro lado, também fazem uma interlocução importante com a sociedade brasileira, na medida em que homens e mulheres brasileiras também se utilizam dos serviços da Galeria, e cada vez mais há uma afirmação da identidade negra, da valorização e procura crescente de uma estética que foge à hegemonia predominante.

Assim, pensando na dimensão da migração, o salão de beleza de Apoliana, juntamente com os demais da Galeria, delimitam um lugar importante no cenário urbano da cidade de São Paulo, seja pela grande quantidade, pela visibilidade turística, pelas oportunidades de trabalho e renda e principalmente pela importância para a comunidade africana. Também no comércio de rua da República encontramos muitos tecidos, roupas, adornos e turbantes com temática africana. As mulheres que trabalham nesses locais, ao venderem e exporem seus produtos, muitas vezes ensinam a fazer os turbantes e os penteados, e explicam sobre os tecidos. As mulheres africanas estabelecem um diálogo de

reconhecimento e valorização dos seus elementos culturais, onde a estética africana aqui é entendida como identidade cultural.

Relações familiares e o papel da religiosidade

Ao ajudá-la a mexer no seu celular, descubro uma foto sua com seu marido, e quando pergunto sobre ele, anima-se a conversar. Seu marido é pastor de uma igreja evangélica no centro da cidade. Esteve envolvido em trabalhos da Igreja por cerca de cinco anos na Índia, Apoliana veio primeiro ao Brasil e ele veio então em seguida. Mostra-me fotos e vídeos dos cultos, marcados em sua grande maioria pela presença de africanos, embora haja alguns brasileiros e outras pessoas que são convidadas a conhecer a igreja. Fala com muito entusiasmo da religião, explica-me alguns princípios. Nas nossas conversas, seus discursos sempre são carregados de religiosidade. Conta também que há inúmeras atividades relacionadas à igreja e que procura participar de todas (vigílias, reuniões de mulheres). Apoliana parece envolver-se ativamente nessas questões. Ao final do dia, convida-me para conhecer o espaço em um domingo, dia de culto principal. O cotidiano de Apoliana é bastante permeado por essas atividades religiosas.

Debora Galvani (2015), ao estudar sobre os circuitos religiosos no contexto das redes de interdependência da população em situação de rua, afirma que “interessa essa relação entre a experiência religiosa e o que desta transborda para o cotidiano, já que ninguém vive a totalidade da sua vida em rituais religiosos” (GALVANI, 2015, p. 23). O processo de vinda de Apoliana ao Brasil ocorreu também anteriormente e somente após sua vinda é que seu marido recebeu a função de vir para São Paulo para coordenar o espaço religioso.

Embora Apoliana tenha vindo para cursar a graduação e não tenha se adaptado ao curso, a permanência no país também se deve ao papel central da religiosidade na vida dos dois, já que tanto ela quanto seu marido têm funções importantes nesse contexto. Configura-se como uma dimensão de extrema importância para Apoliana, permeando contextos familiares, relações sociais, redes de apoio — enfim, perpassando sua vida cotidiana.

Assim, paradoxalmente, é a impessoalidade mesma que comanda a ordenação da vida urbana — condição do reconhecimento da igualdade de todos perante a lei, na esfera pública — , que traz em seu bojo a necessidade de, para além do indivíduo e da esfera privada, de seus interesses, restritos, quando muito, ao círculo familiar, recriar os contatos próximos, a solidariedade da vizinhança, os laços que se tecem a partir da experiência compartilhada no trabalho, na devoção, no lazer ou na atividade política, miniaturizando, por assim dizer, a vida associada, e reduzindo a uma escala mais adequada à experiência humana as dimensões em que as relações

sociais podem adquirir significado e valor na vida de cada um (MONTES, 2008, p. 309).

Muitas vezes, Apoliana parece desempenhar um papel importante nesses espaços religiosos e também no cotidiano da galeria. Durante nossos encontros, era solicitada em diversos momentos para conversar pelas demais. A partir da singularidade e trajetória de Apoliana e de cada uma das mulheres da Galeria Presidente, a dinâmica das trocas sociais e das redes de sociabilidade estabelecidas ganham uma potência na vida coletiva, permeada pelas dimensões econômicas, religiosas, culturais e tantas outras.

4.5 Mulheres africanas na cena pública em São Paulo: outras experiências em performances, artes e cultura

São numerosas as mulheres africanas que têm se destacado na cena pública da cidade de São Paulo nos últimos anos. Embora elas não tenham composto a pesquisa de maneira direta e formal, trago alguns relatos de situações para ampliar e enriquecer a apreensão da temática abordada. A abordagem metodológica difere dos acompanhamentos em situações cotidianas e de trabalho, somadas à realização de entrevistas, mas compõem minha própria experiência no campo que envolveu, também, minha presença em eventos artísticos e culturais, além de palestras e atividades do Núcleo Amanar da Casa das Áfricas ou do Projeto Metuia da USP, nas quais participo desde 2014. Destaquei três mulheres que de diferentes modos têm tido presença marcante na luta pelos direitos humanos, diversidade de gênero ou na valorização das contribuições artísticas e culturais para a capital paulista.

Mama Nossa Cultura

Soda Diop, conhecida por *Grande Mama*, senegalesa, está há cerca de nove anos no Brasil, já citada anteriormente na Introdução do trabalho, talvez seja umas das figuras mais representativas da comunidade africana na cidade de São Paulo. Conheci Soda durante atividades de extensão com alunos do curso de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, no Projeto Metuia — USP. Fizemos um percurso pelo centro da cidade com os estudantes, pensando num exercício etnográfico com a proposta de um olhar atento para as configurações da presença da comunidade africana no centro da capital paulista. Na ocasião, mantinha uma pequena loja na Galeria Presidente, onde oferecia serviços de telefonia para

países africanos⁴³, fazia roupas por encomendas, vendia tecidos africanos e também cozinhava pratos típicos na sua casa e vendia na Galeria. Paralelamente, também tinha um ponto de comércio de rua na praça da República. Mantem até hoje esse ponto, auxiliada por outros africanos que trabalham com Soda. Lá vende roupas, tecidos africanos, objetos decorativos, artesanato, bijuterias e acessórios para turbantes e cabelo.

Veio ao Brasil por conta do seu marido (conhecido como *Grande Papa*), que exerce papel de liderança importante na comunidade muçulmana africana em São Paulo. Até então, nunca havia trabalhado, e aqui, com a ajuda de alguns amigos e conhecidos, começou a vender tecidos e a fazer roupas sob encomenda. Segundo ela própria refere, vivia como uma “madame”, não precisava trabalhar e só cuidava da casa e da família. Ao morar em São Paulo, começou a interessar-se por outras atividades, a cuidar da sua saúde, frequentar a academia e exercer atividades econômicas, independentemente do marido.

Em um dos nossos encontros, conversei com Soda no seu ponto de venda. Na época, já não tinha mais a loja na Galeria. Ofereceu-me um banco e conversamos em meio à intensa movimentação da calçada na Praça da República. Nessa calçada da praça, outros africanos e africanas vendem tecidos, roupas, acessórios de beleza e decoração, joias e produtos eletrônicos. Além disso, somam-se outros pontos de venda de produtos *hippies*, bijuterias, incensos, roupas, além de produtos falsificados vendidos por camelôs, comumente encontrados nos comércios de rua. Esse pedaço da cidade configura-se também como espaço de circulação, encontro e referência para os africanos.

Enquanto conversávamos, recebeu inúmeras visitas, entre alguns clientes, amigos e conhecidos. Soda explica o papel das pessoas mais velhas na cultura africana: devem ser respeitadas e são referência para gerações mais novas, além de exemplos de grande sabedoria, conhecimento e experiência de vida. Por conta disso, acaba sendo referência não só para a comunidade muçulmana como também para os africanos na cidade de São Paulo. Muitos a procuram para solicitar ajuda e orientação, ou para conversar. Soda atende e procura ajudar a todos, e com isso, diz que tem muitos filhos aqui no Brasil. É perceptível o quanto é respeitada, requisitada e também muito querida, principalmente por suas clientes mais assíduas, que passam na República também para visitá-la.

Em torno dela há todo um campo de africanidade, onde nas relações estabelecidas entre Soda e os jovens migrantes africanos, os costumes, tradições, e relações são preservadas

⁴³ Iniciativa bastante comum em alguns países africanos, de pequenos comércios e *lan houses* com serviços de telefonia a baixo custo.

pelos vínculos e elementos culturais. Além disso, pensando na questão do gênero, no seu percurso de vida e de trabalho para a cidade de São Paulo, Soda acabou deslocando-se da figura de esposa do *Grande Papa* para construir sua trajetória única e totalmente independente do marido.

Além disso, suas atividades econômicas também acabaram gerando novas relações e configurações das redes sociais na vida de Soda. Começou também a venda de suas roupas e produtos em diversos eventos e feiras, tanto relacionados à comunidade africana quanto à afrodescendente. Atualmente, desenvolve trabalho de estilista com a marca “*Mama Nossa Cultura*”; uniu-se à produtora de moda *Namib Pro*, de dois sócios (um angolano e outro congolês), que juntos produzem desfiles de moda com estética e temática africanas.

Desde então, tem ganhado cada vez mais destaque nesses espaços, por seu empreendedorismo, pela divulgação da estética afro e pelo protagonismo. Além disso, também tem papel fundamental na promoção da cultura africana e, na interface com a religião, cultura, moda e estética, promove o diálogo intercultural (DANTAS, 2012). Seu trabalho na Praça da República vai muito além de vender seus produtos. Conversa com os clientes, ensina-os a fazer os turbantes, explica sobre os tecidos africanos e suas variações, fala sobre a cultura do seu país. Recebe pessoas de diversos lugares e países, estudantes, turistas e profissionais de veículos de comunicação, sendo já referência no assunto, com ampla divulgação na mídia e nas redes sociais⁴⁴.

Recentemente, participou do evento *Círculo Áfricas — África de Mama: sociedade e história entre estampas e tecidos*. Trata-se de evento realizado pela Casa das Áfricas — Núcleo Amanar, com objetivo de promover o debate sobre a produção cultural e intelectual de estudiosos e artistas africanos residentes no Brasil (CASA DAS ÁFRICAS, 2016). Soda falou sobre os tecidos africanos e sua história, como o uso das cores, as formas e os tipos são utilizados para diferenciar significados, etnias, função (casamento, guerra), classes (nobreza, feiticeiros), nos diferentes países africanos. No evento também promoveu um pequeno desfile, juntamente com a *Namib Pro*, com modelos, de crianças a senhoras, e de vários tipos físicos. Tanto ela quanto Maycon (um dos sócios da produtora) explicam que a moda africana não deve seguir um padrão único, e sim deve ser pensada para todas as pessoas e de todas as faixas etárias.

⁴⁴ Ver Anexo C — Matéria sobre Mama Nossa Cultura.

É na dimensão da estética que Soda constrói seu percurso e ainda mobiliza outros africanos em torno do seu trabalho e das atividades que desenvolve, como no caso dos produtores de moda e jovens que a auxiliam na produção e venda das roupas e tecidos. Além disso, o trabalho de Soda alcança diversas dimensões ao estabelecer diálogo com a comunidade afrodescendente e artistas da cena cultural, fazendo importante interlocução e divulgando a estética africana.

Nádia Ferreira e a visibilidade da mulher africana

Nádia é de Guiné-Bissau, está há cerca de quinze anos no Brasil, veio para São Paulo cursar graduação em Letras, na Universidade de São Paulo, através de um convênio cultural entre os dois países. Com o fim do curso permaneceu na cidade, e desde então, tem desenvolvido trabalho de militância dos direitos da mulher africana.

Por conta de sua própria trajetória pessoal de migração para a capital paulista, Nádia sempre se sensibilizou com a questão de gênero e migração na cidade. Conta que enfrentou muitas dificuldades e desafios, necessidades econômicas, vivências de racismo e xenofobia. Também conheceu e acolheu muitas outras mulheres em situação igual à sua, e desde então começou a acalentar a ideia de agrupar africanas para que pudessem pensar em estratégias coletivas de fortalecimento e protagonismo, e passou a frequentar debates, reuniões e espaços onde pudesse discutir, fortalecer seu papel e se instrumentalizar para seu projeto (REDE MULHER..., 2016).

Foi assim que chegou à Casa das Áfricas, onde atualmente também é colaboradora, e também marcou presença em outros espaços importantes da rede de serviços para população migrante em São Paulo. Recentemente fundou a organização não governamental (ONG) *Iada África*, um coletivo de mulheres e refugiadas africanas. Através do seu reconhecimento e trajetória de luta e militância, deu início ao seu empreendimento *Anin Magá*,⁴⁵ onde oferece serviços de consultoria, eventos e palestras com a temática da cultura africana e da migração e direitos humanos.

Através de suas atividades e militância, Nádia procura também mobilizar outras mulheres africanas para discussão do gênero e direitos humanos. Em seus relatos, refere que em muitos casos, em países africanos, a mulher encontra-se em situação de submissão ao seu

⁴⁵ Cf. <http://aninmaga.com.br>

companheiro, dificultando ainda mais a inserção social, econômica e cultural na sociedade brasileira.

Além disso, também continua participando ativamente do cenário da construção de políticas para imigrantes e refugiados na cidade de São Paulo, através das conferências, debates, reuniões de articulação política e sensibilização nos serviços de saúde para a temática do acesso de migrantes e refugiados. Conheci Nádia em um seminário sobre migração internacional para o Brasil, em 2016, e desde então, encontramos-nos algumas vezes nesses eventos temáticos. Recentemente ministrou o evento: “*Círculo Áfricas — Protagonismo de mulheres africanas na cidade de São Paulo*”, organizado pela Casa das Áfricas. Sua fala é bastante incisiva em relação à situação da mulher negra e africana na capital paulista. Traz relatos de experiências pessoais, situações com que as mulheres se deparam nos serviços de saúde, de educação e assistência. Também discute a experiência do racismo e xenofobia vivenciados pelas mulheres negras cotidianamente no Brasil. Foi um evento marcado por um grande número de pessoas, entre estudantes, brasileiros, mulheres e africanos e interessados, e intenso debate sobre os temas. Esse evento também mostra o quanto as pessoas têm interesse por essas questões, e estão buscando diálogos de diversas maneiras.

Nádia desenvolve trabalho de grande importância e alcance ao dar visibilidade à mulher africana nos espaços de mobilização política. Durante minha pesquisa de campo, quando participei de eventos e reuniões sobre as políticas públicas para os migrantes, era visível a dificuldade em sensibilizar as africanas para o debate político, seja por dificuldade linguística, seja por falta de tempo, por causa do trabalho, seja ainda por questões familiares. Nádia, nesses espaços, procurava inclusive levantar esse debate.

O protagonismo na vida de Nádia caracteriza-se de forma diferente em relação às demais interlocutoras, assumindo uma dimensão política e coletiva. Seu trabalho de militância também perpassa a esfera econômica da sua vida cotidiana, já que Nádia luta para que sua economia derive desse trabalho e de suas ações nesse campo. Tanto sua ONG quanto o empreendimento *Anin Magá* foram iniciativas gestadas na interlocução com esse projeto de vida, onde cria possibilidades concretas de exercer sua atuação política e na esfera dos direitos humanos, emancipação de gênero e protagonismo da mulher africana, e com isso desenvolve atividades que também possam gerar retorno financeiro.

Além disso, também desenvolve uma ação importante de conscientização e empoderamento em relação a sua filha, nascida aqui. Nádia tem a levado para os debates e

eventos, promovendo uma educação e sensibilização para a questão de gênero, de direitos e participação cidadã, além da valorização e reconhecimento das suas raízes africanas e também brasileiras.

As redes sociais (ASSIS, 2007; BAILEY, 2013) foram fundamentais nas suas trajetórias. Desde rede de pessoas que a auxiliam no cuidado da filha, por exemplo, até sua inserção em curso de empreendedorismo ou a participação na Conferência Municipal de Políticas para as Mulheres. São acionamentos e relações construídas com outras pessoas, possibilitando fortalecimento e viabilização dos seus projetos, ajuda nas situações de dificuldade e inserção nos vários espaços que atualmente ocupa.

Assim, a vida econômica e cotidiana de Nádia é permeada por atividades que se inserem em espaços sociais, econômicos e culturais. Sua trajetória de vida, inserção na cidade de São Paulo, desafios, sonhos e desejos, foram estabelecendo novas configurações, identidades e possibilidades. Toda sua atuação, consciência política e seu trabalho de mobilização só foram possíveis por conta das dificuldades de inserção na sociedade brasileira e situações de xenofobia com que se deparou, mas também através da sua história de vida e um contexto familiar marcado por muitas referências femininas fortes e protagonistas. Aqui, identidades múltiplas são fortalecidas e recriadas no percurso migratório (DAVIES, 2010; HALL, 2006). Além disso, o projeto de vida de Nádia transcende sua trajetória individual e, na medida em que vai ganhando a cena pública e sensibilizando outras mulheres, ganha reconhecimento e fortalece a temática da mulher africana numa dimensão coletiva.

Fanta Konatê e ancestralidades

Conheci o trabalho de Fanta há cerca de dez anos atrás, ainda na graduação e durante pesquisas sobre os africanos na cidade de São Paulo da Casa das Áfricas, em 2005. Na época, Fanta já realizava suas atividades artísticas e começava a ganhar destaque em alguns espaços culturais da cidade. Embora não tenha feito parte do quadro de interlocutoras formalmente convidadas para a pesquisa, sua trajetória de trabalho na cidade também traz elementos importantes para a reflexão.

Fanta, da Guiné, no Brasil há 14 anos, é cantora e bailarina. Desenvolve seu trabalho de música, dança e canto, com aulas, oficinas e apresentações artísticas, sendo também uma figura pública na cena cultural de São Paulo já bastante conhecida. Fanta é filha de um

importante percussionista da Guiné, Famodou Konatê, reconhecido internacionalmente por seu trabalho.

Veio ao Brasil por conta do seu atual marido brasileiro, que na época fazia trabalho de pesquisa musical na Guiné, onde se conheceram. Desde então, juntos, desenvolvem trabalho de divulgação e promoção da cultura africana através das músicas tradicionais, dos instrumentos de percussão (em especial o *djembê*) e dança, principalmente com os elementos da cultura *malinke*⁴⁶, da qual Fanta e sua família fazem parte (INSTITUTO ÁFRICA VIVA, 2016).

Em seu trabalho, entrevistas e aulas, Fanta explica que a dança e a música são elementos intrínsecos à cultura cotidiana do seu país. Casamento, nascimento, plantio e colheita dos alimentos, celebrações e outras atividades da vida diária, por exemplo, são sempre vivenciadas com música e danças. Em suas aulas e apresentações, Fanta traz essa vivência e esses significados nos elementos da música, dança e canto. Trabalha com os sentidos de cada componente cultural, a função dos instrumentos musicais e a simbologia dos passos e movimentos da dança. Com isso, mostra elementos da sua ancestralidade, vivências familiares e culturais e reafirma sua africanidade. A temática da África é aqui mais uma vez trabalhada em uma dimensão de valorização e identitária aberta e histórica (MBEMBE, 2010).

Fanta e seu marido fundaram na capital paulista o Instituto África Viva, com o objetivo de “viabilizar o desenvolvimento humano e a melhoria da qualidade de vida através da arte, educação e do trabalho humanitário, pesquisando, preservando e promovendo culturas do Oeste africano e as heranças da diáspora” (INSTITUTO ÁFRICA VIVA, 2016, s/p). Já há muitos anos no Brasil, Fanta assumiu um protagonismo na cena cultural na cidade, sendo bastante reconhecida e prestigiada, tendo feito diversas apresentações e parcerias artísticas importantes.

Além disso, tem uma atuação importante de promoção e fortalecimento da pesquisa sobre a temática africana: foi responsável pela formação e capacitação de muitas pessoas, interessados e pesquisadores da cultura e da dança africana. Há alguns anos atrás Fanta já havia inserido a riqueza e importância desses elementos na sociedade brasileira, reforçando e valorizando ainda mais esse cenário multicultural da cidade.

⁴⁶Cf. <http://www.destakjornal.com.br/noticias/diversao-arte/fanta-konate-preserva-tradicao-da-danca-e-da-sonoridade-africana-214799/>

4.6 Economia de vida como eixo temático para apreensão da mobilidade humana: discussão transversal sobre as narrativas

[...] o que se propõe é um olhar *de perto e de dentro*, mas a partir dos *arranjos* dos próprios atores sociais, ou seja, das formas por meio das quais eles se avêm para transitar pela cidade, usufruir seus serviços, utilizar seus equipamentos, estabelecer encontros e trocas nas quais diferentes esferas — religiosidade, trabalho, lazer, cultura, participação política ou associativa, etc. (MAGNANI, 2002, p. 18; grifos do original).

O trabalho de campo, vivenciado a partir das experiências compartilhadas com as interlocutoras, permitiu múltiplas reflexões e possibilidades de análise. Abordaremos aqui uma discussão transversal a partir das narrativas construídas, perpassando dimensões que permitam aprofundar conceitos de cotidiano, vida econômica e cultura nas histórias e narrativas de vida, além de como as atividades criam bases para formação de novos horizontes e perspectivas, simultaneamente individualizados e tornados possíveis por sua dimensão coletiva.

Atividade aqui assume também uma dimensão criativa e criadora na vida de cada uma das mulheres apresentadas, onde trazem seus conhecimentos, saberes e repertórios e os reinscrevem na cidade de São Paulo, (re) construindo significados outros. Os universos do cabelo e da estética, da comida africana, da dança e da música são reinscritos e reelaborados em novas configurações, e encontram ressonância através das demandas e oportunidades que a cidade estabelece: cena cultural e artística em constante efervescência, polo gastronômico e turístico, valorização da cultura afro e visibilidade da questão migratória contemporânea, entre tantas outras.

As atividades compõem-se nos vários cenários cotidianos de vida das pessoas, grupos ou comunidade em sua pluralidade cultural, onde são mobilizadas para a inscrição nos novos espaços existenciais, políticos e de criação de economia de vida. Elas são potencializadoras de horizontes e projetos de vida, de relações de trocas no contexto de novas formas de economia e cultura. A atividade permanece um conceito intrinsecamente inacabado e histórico, dotado de dimensões socioculturais e políticas complexas que podem ser apoios para a constante luta contra as desigualdades e para a emancipação (BARROS; LOPES; GHIRARDI, 2002).

A escuta das suas histórias, narrativas e experiências revela a capacidade de agenciamento dessas mulheres africanas em ambientes novos, muitas vezes carregados de grandes dificuldades, desafios e tensões. A dificuldade da comunicação na língua portuguesa, entraves burocráticos nos processos migratórios, necessidades financeiras, situações de xenofobia também são aspectos vivenciados constantemente. E é também dentro da sua cotidianidade que vão encontrando recursos, acionando redes e criando estratégias para enfrentamento dos desafios e para produzirem novas inserções e possibilidades (UNDA; ALVARADO, 2012).

Retomando uma questão já abordada no início do trabalho sobre as buscas e motivações dessas mulheres ao decidirem migrar para São Paulo. Novamente citando Mbembe (2010), há uma mobilização do imaginário e do que é comumente veiculado nas grandes mídias, de associar a migração africana e também a temática da África com a pobreza, miséria e atraso. A partir das suas atividades múltiplas, as mulheres africanas conseguem inscrever-se nos processos migratórios de forma protagonista e emancipatória (UNDA; ALVARADO, 2012). As mulheres africanas conseguem ir além, rompendo essa percepção redutora e estereotipada, revelam-se em grande capacidade de agenciamento em ambientes e situações de dificuldade, em territórios estrangeiros e desconhecidos.

Em suas bagagens, as interlocutoras trazem conhecimentos anteriores, vivências familiares e aqui transformam e reelaboram esses fazeres. Atividades aqui adquirem significados múltiplos, de expressões identitárias (BARROS, 2004). Quando Melanito traz sua experiência familiar com a culinária, encontra aqui ressonância com uma demanda de uma variedade gastronômica na cidade e um potencial para esse tipo de atividade. Não só consegue efetivar seus objetivos como abre novos caminhos para outras pessoas e dá visibilidade a esse projeto no cenário gastronômico da cidade. Mariama utiliza-se da dança africana para interlocução com elementos da cultura afrodescendente preservando, contudo, a identidade africana nos diversos espaços (aulas, debates e apresentações). Soda leva o tecido africano da Praça da República para as passarelas de moda, mas também numa perspectiva de uma estética acessível e aberta à diversidade.

Hannah Arendt, ao falar do mercado de trocas das atividades humanas, afirmou que “o valor é aquela qualidade humana que nenhuma coisa pode ter na privatividade, mas que adquire automaticamente assim que aparece em público” (ARENDR, 2014, p. 204). Assim, são reconhecidas na medida em que buscam diálogos possíveis e criativos, criam soluções

novas e demandas diversas, reinventam modos plurais de inscreverem-se no mundo. Culinária, música, dança, estética são reelaboradas pelas interlocutoras, assumem valor e papel importantes de desmitificar a ideia de que essas mulheres vêm para São Paulo movidas apenas pela falta de algo. Assim, precisam se confrontar com o peso da história (africana) e o peso de ser mulher, demarcar seu lugar nesse contexto, assumindo postura de resistência, de emancipação de gênero e fortalecendo suas identidades (DAVIES, 2010). Além disso, as interlocutoras acabaram também abrindo lugares e agenciando novas possibilidades para outras mulheres africanas na cidade, onde suas ações fortalecem-se na medida em que vão ganhando espaço e notoriedade. Assim, Melanito mostra aos outros o potencial da culinária africana, Soda abre novos caminhos para os tecidos africanos, Nádia fortalece outras mulheres através dos movimentos sociais e debates⁴⁷.

Sobre a questão de gênero, as interlocutoras colocam-se num lugar de emancipação e protagonismo nas suas trajetórias e relações estabelecidas aqui. Soda, por exemplo, vem de uma estrutura familiar e cultural onde a figura masculina tem grande importância, mas aqui adquire grande visibilidade por seu trabalho, na qual seu marido não aparece em nenhum momento nesses espaços. Nádia é categórica em levantar a bandeira da emancipação de gênero nas relações familiares das mulheres africanas que vivem em São Paulo. Melanito, Fanta e Mariama desenvolvem relações de parceria de trabalho com seus respectivos companheiros, mas são elas que impulsionam e protagonizam as atividades e projetos.

Os processos de migração das interlocutoras são impulsionadores dessas novas identidades e possibilidades. Embora não sejam os únicos mobilizadores, elas só puderam reconstruir suas trajetórias a partir das trajetórias de mobilidade, saindo dos seus países e vindo para a cidade de São Paulo, na medida em que encontraram aqui elementos, oportunidades e demandas para reelaborarem seus fazeres e suas histórias. Tanto Soda quanto Lenna, por exemplo, afirmam categoricamente que não seriam as mesmas mulheres e não fariam seus trabalhos da mesma maneira se não tivessem vindo para cá.

Cada uma das interlocutoras apresentou histórias, motivos e percursos totalmente distintos até chegarem a São Paulo. Uma vez aqui, também traçaram diferentes trajetórias até

⁴⁷ Numa dimensão das trocas sociais para além das fronteiras, não foi possível aprofundar essa temática no trabalho. Embora alguns aspectos apareçam no cotidiano das interlocutoras (como por exemplo as estratégias de Melanito para adquirir temperos e sementes de alguns países africanos para suas receitas, ou a necessidade de Mariama enviar auxílio financeiro à seus familiares na Guiné), essas dinâmicas das trocas internacionais foram pouco exploradas na pesquisa, não permitindo, portanto um maior aprofundamento da questão.

estabelecerem-se. Algumas contaram com redes de apoio previamente contatadas antes de virem, outras conheceram seus companheiros aqui. Em relação aos serviços de referência para a população migrante em São Paulo, apenas Mariama recorreu a alguns desses, como já foi relatado, sendo a única da presente pesquisa que vivenciou a dinâmica de uma rede de assistência à população migrante. Entretanto, todas, de alguma maneira, acionaram redes de apoio em todas as etapas dos processos de mobilidade e também de inserção na sociedade brasileira (UNDA; ALVARADO, 2012). Mariama e Apoliana contaram principalmente com a rede de africanos residentes na cidade, enquanto que Lenna teve pouco desse contato e acionou conhecidos brasileiros. Nádia circula por esses espaços para seu projeto de mobilização e agenciamento coletivo das mulheres que acessam esses serviços.

Além disso, a cidade de São Paulo também vai reconfigurando-se a partir da inserção dessas mulheres nos diversos cenários. Cenário, aqui, sempre numa relação dialógica com seus atores, inseridos nas práticas sociais cotidianas (MAGNANI, 2008). O restaurante de Melanito insere-se na cena gastronômica e na revitalização do centro histórico, Lenna tem ganhado destaque no circuito musical contemporâneo, Nádia tem promovido questões importantes sobre a questão do gênero nos debates sobre migração e protagonismo feminino. O que as interlocutoras estão fazendo e trazendo para São Paulo interfere na cena política, econômica e cultural de São Paulo. A Galeria Presidente, a calçada da Praça da República, a cena paulistana musical. A cidade adquire novos desenhos, é permeada por novas configurações e interculturalidades, transforma-se e se renova.

A relação de Lenna com a música, de Mariama com a dança, Melanito com a culinária, Apoliana com a estética corporal (por meio do cabelo). Qual o sentido de cada uma das atividades na vida dessas mulheres? Há dimensões econômicas, culturais, identitárias, relacionais, onde cada uma estabelece uma relação com o seu fazer, e a partir dele, produzem sentidos e oportunidades econômicas, tecem suas redes de relação na vida cotidiana, agenciam novos saberes.

O que o fazer dessas mulheres põem em movimento? Para além de respostas únicas, suas atividades ganham sentidos e valores plurais e em constante ressignificação: a culinária torna-se projetualidade e se insere num projeto de vida, a dança inscreve-se numa dimensão educativa, a música como elemento de reconhecimento e descobertas, a estética como agenciamentos econômicos, entre tantos outros.

E também não se constituem em processos fixos e rígidos, há sempre remodelações, de acordo com o que cada uma percebe como suas demandas e necessidades. Segundo Stuart Hall (2006), as identidades são múltiplas, na medida em que as mulheres vão construindo e reconstruindo suas relações e seus fazeres, para então ganharem novos espaços, lugares e papéis nos diversos cenários. É a busca de estar no mundo que está presente em todas as interlocutoras. A recusa da subalternidade e da falta, e, sim, uma busca de projetualidade e de novas possibilidades, emancipação e reconhecimento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste sentido, assim como o artista, o terapeuta ocupacional também precisa se “ocupar” da percepção e buscar nas imagens mais cotidianas e mais comuns aquilo que nelas há de inusitado, de novo, de diferente, de interessante, de singular. Para isto talvez seja preciso pensar, agir e olhar no cotidiano como o faria um estrangeiro: estranhar e se encantar com cada nova revelação (LIMA, 2004, p. 46).

A multiplicidade do panorama dos processos migratórios, de demandas e possibilidades diversas, exige também um olhar atento por parte dos diversos setores da sociedade, das políticas públicas e também dos profissionais que se deparam com essa demanda em seus processos de trabalho. Assim, o terapeuta ocupacional, que também dialoga com questões da contemporaneidade e com processos de ruptura de redes de suporte e violação de direitos humanos, e que ao mesmo tempo também propõe novas possibilidades de projetos de vida, inserção social, econômica, política e cultural, é um dos tantos profissionais imprescindíveis para se inserir nesse contexto.

É possível pensar essa discussão como ponto de partida para o diálogo com a temática da migração na terapia ocupacional. Como o entendimento de uma perspectiva ampla, de como panoramas múltiplos da migração contemporânea pode e deve articular-se também com uma perspectiva singular, da vida cotidiana de cada sujeito, de projetos de vidas, das necessidades e possibilidades em cada cenário. É nessa interface que podemos tomar as proposições da terapia ocupacional social para pensar e construir práticas consistentes, nos vários espaços de significação da vida.

Os processos de ação em terapia ocupacional social tornam-se espaços sociais de negociação cultural e relacional, de produção ou de facilitação de participação da pessoa na vida coletiva, na elaboração de projetos de vida e no sentimento de pertencimento e, não podem ser compreendidos através de separações e disjunções. A ação do terapeuta ocupacional, ela mesma, permanece em movimento permanente (BARROS, 2004, p. 92).

Ações que permitam criar práticas sensíveis a constantes mudanças culturais e sociais de nossa sociedade, reinscrever projetos de vida, fortalecer e construir novos sentidos juntamente com homens e mulheres em processos migratórios.

5.1 Atividade humana, cotidiano e cultura em processos migratórios como contribuições para a Terapia Ocupacional Social

No bojo da terapia ocupacional no Brasil e mais especificamente na cidade de São Paulo, emerge a necessidade de repensar algumas questões sobre a mobilidade humana. Tal fenômeno exige um redirecionamento do olhar do profissional. A terapia ocupacional social tem se deparado com dinâmicas novas na cidade, devido a rearranjos plurais diante do contexto das migrações contemporâneas. Fato social que impacta tanto os serviços assistenciais e de saúde, como o trabalho em organizações não governamentais e parcerias com movimentos sociais, nos projetos de extensão (formação) universitária, como no caso do Projeto Metuia/USP e UNIFESP. Nos cenários de vida das pessoas que chegam à cidade, há um conjunto de (re) acomodações necessárias para as questões de moradia, trabalho, de trocas sociais, econômicas e estéticas.

Barros (2004) apontava no início do século XXI que era preciso buscar equacionamentos singulares inseridos na produção de significados e na negociação cultural, repensando e repondo novas formas de interlocução, para abarcar novas proposições singulares e, também, coletivas emergentes. Esses diversos serviços viram-se mobilizados a reestruturarem suas ações para dialogar com novas demanda da migração contemporânea. Assim, na questão da assistência, por exemplo, a cidade contou com a abertura de um serviço público municipal inédito, o CRAI, especializado em atendimento e acolhida de imigrantes e refugiados. Alguns serviços de saúde criaram ações de sensibilização e capacitação das suas equipes. Unidades básicas de saúde e centros de atenção psicossocial do centro de São Paulo compuseram a rede interinstitucional de serviços de atenção à população imigrante. Os movimentos sociais perceberam que a organização coletiva também poderia potencializar a mobilização política e social nas políticas públicas.

No caso da terapia ocupacional, a reflexão sobre os conceitos de atividades, cotidiano e cultura apresentam-se de formas interconectadas, uma vez que o processo migratório — entre outros — tem desdobramentos no âmbito dos direitos humanos e das políticas sociais protetivas. E de forma mais precisa, noto que na vida das mulheres que participaram desta pesquisa, foi fundamental considerar as atividades no contexto da constituição das relações sociais, da vida econômica, das redes de suporte e, enfim, da vida cotidiana de cada uma.

É relevante tomar a noção de atividade como eixo para o estudo de processos de construção na mobilidade humana, pois, através das atividades, a pessoa/grupo atualiza e (re) contextualiza espaços de pertencimento e relações econômicas, além de seu campo de sentidos, com identidades cada vez mais pluralizadas e moventes. A isto, Barros (2004, p. 95) chama de “[...] instrumento para emancipação alimentado pela dimensão sociopolítica, cultural e afetiva de pessoas, de grupos e de comunidades”.

Nas narrativas deste estudo, observaram-se continuidades de projeto, como no caso de Lenna, que já desenvolvia seu trabalho com música e veio ao Brasil com o intuito de ampliar o alcance de suas performances, desenvolver sua arte e pesquisa no campo da percussão corporal e música vocal. Dentro do contexto da migração, Lenna ressignifica sua atividade como instrumento de emancipação cultural ao encontrar aqui novos campos e possibilidades. Em seu relato, diz que, ao ter contato com a música brasileira e artistas daqui, pôde reelaborar seu trabalho, inclusive a partir da sua experiência de ter migrado para uma grande cidade como São Paulo. Mariama também (re) contextualiza sua atividade, na medida em que se utiliza da dança e da música para criar oportunidade de renda e reafirmar sua identidade artística.

Ou no caso de Apoliana, para quem o trabalho em São Paulo resgata uma prática cultural, inserida anteriormente na cotidianidade das mulheres nos seus países, que conflui para uma demanda crescente, notadamente de movimentos de mulheres afrodescendentes, a exemplo do Manifesto Crespo⁴⁸. Trata-se de coletivo de mulheres negras que promove oficinas de turbantes, tranças, “*dreads*”, festas e eventos que ressaltam a estética e a identidade negras, além de empoderamento feminino. Tanto Apoliana quanto outras africanas que trabalham nos salões de beleza da Galeria Presidente chegam a São Paulo e se somam a essa dinâmica, que não diz respeito apenas aos africanos, mas denota também crescente interesse pelo cabelo crespo e por outras manifestações estéticas (literatura, grafite, música). Há uma dinâmica de confluência do trabalho dessas mulheres africanas com o resgate de raízes culturais africanas, valorização da estética negra, e de manifestações artísticas não hegemônicas.

Retomando o que já foi colocado anteriormente, temos presenciado na cidade de São Paulo, principalmente em algumas regiões da periferia, uma efervescência de movimentos culturais, saraus e iniciativas coletivas de manifestação, valorização da cultura negra e de

⁴⁸ Cf. <http://www.manifestocrespo.org/>

matrizes africanas. Célia Reis da Silva (2016), em tese de doutorado sobre o cabelo crespo enquanto manifestação estética e de resistência, analisa os coletivos da periferia de São Paulo enquanto práticas culturais identitárias:

Coletivos culturais em ações pedagógicas afro-populares são aqui tratados, devido às intervenções artísticas e formativas que realizam, promovendo reflexões acerca do corpo negro, do racismo, da diferença racial, a estética corporal de matrizes africanas, visando provocar “fissuras” nos padrões de beleza e saberes eurocentrados, em espaços e situações de educação escolar e popular. Coletivos como: Manifesto Crespo, Terça Afro, Perifatividade, Boneca Makena, Esperança Garcia e Arca de Ébano tem seu ativismo pautado em práticas formativas colocando, no centro da roda, diálogos sobre culturas afro-brasileiras e pertencas africanas, favorecendo movimentos e atitudes de negritude, com reconhecimento de suas estéticas e saberes e valores, enfim, afirmando identidades negras (SILVA, C., 2016, p. 110).

Assim, Apoliana e outras mulheres, na dinâmica dos seus trabalhos e atividades ligadas ao cabelo, encontram e dialogam com um mercado cada vez mais multirracial que tem demanda principalmente do movimento negro. No universo do cabelo, a atividade aqui se torna diálogo cultural, de identidade, possibilidade econômica e também continuidade.

Por outro lado, há ainda descontinuidade e criação, sendo a migração apresentada na vida da pessoa como abertura para inovações e empoderamento de gênero, situação observada com Soda Diop, por exemplo. Ao vir para a cidade, sai da figura de ser somente esposa para construir um novo papel protagonista, uma identidade diferenciada do marido sem, entretanto, abdicar de seu papel de cuidadora da família. Também Mariama, no contexto da sua trajetória de mobilidade, pode ter permitido o desenvolvimento de uma identidade que não depende da figura do marido e da família. A atividade por ela exercida é inscrita no bojo da emancipação de gênero e empoderamento.

Embora a pesquisa tenha seu foco no protagonismo e no empoderamento das migrantes, é preciso também atentar para contradições intrínsecas aos fenômenos migratórios; já que sabemos que nem sempre isso ocorre dessa maneira. Destacaremos dois pontos. O primeiro, conforme já relatado em capítulos anteriores, é que as mulheres muitas vezes ficam em situação de vulnerabilidade no contexto da mobilidade humana, sujeitas a exploração, tráfico de pessoas e dificuldade no acesso a serviços (ASSIS, 2007; BAILEY, 2013). É frequente o relato de experiências de isolamento social, linguístico, cultural. A equipe do CRAI atentava-se, na época do trabalho de campo desenvolvido, que havia um aumento de números de mulheres africanas gestantes recém-chegadas à cidade. Uma das lideranças da comunidade migrante malinesa com quem conversei ressaltou também que muitas africanas

eram impedidas de trabalhar por conta das relações patriarcais familiares, dificultando ainda mais sua inserção social na sociedade brasileira.

Weintraub (2012) cita em seu trabalho a situação das migrantes egressas do sistema penitenciário brasileiro, muitas condenadas por tráfico internacional de drogas, e as problemáticas envolvendo o sistema judiciário em que se encontram. Quando condenadas, pelo Estatuto do Estrangeiro (BRASIL, 1980), devem ser expulsas do país. Entretanto, a demora do sistema judiciário faz com que sejam liberadas e precisem aguardar os trâmites da repatriação em liberdade, mas impedidas de trabalhar legalmente, o que as obriga a procurar serviços de assistência e as sujeita a extrema vulnerabilidade social (WEINTRAUB, 2012).

O outro ponto diz respeito às relações de poder e alteridade. Ao falar sobre valores culturais, Fanon (1980) discute as relações de alienação impostas pelas potências europeias nas colônias africanas, e define o racismo cultural como mecanismo de dominação em que a destruição dos valores, das formas de existir e dos sistemas de referência foi amplamente utilizada pelo regime colonial. Assim, no contexto da discussão sobre a mobilidade humana, é possível pensar que o conceito de alienação também se faz presente, na medida em que: “o opressor, pelo caráter global e terrível da sua autoridade, chega a impor ao autóctone novas maneiras de ver e, de uma forma singular, um juízo pejorativo acerca das suas formas originais de existir” (FANON, 1980, p. 42).

Nas dinâmicas dos processos migratórios, muitas vezes a percepção do outro é equivocada, a incompreensão é vivenciada, os valores são distorcidos, xenofobia e racismo são presentes em diversas situações, nas relações interpessoais, institucionais e culturais. Mariama traz em seus relatos algumas situações de preconceito, quando certa vez, por exemplo, ao andar de táxi, o motorista afirmou: “Africano no táxi, o Brasil está com crise, eles estão andando de táxi...” Nádia também vivenciou diversas situações de racismo e tem pautado suas ações nessa discussão e mobilização política, social e cultural da migração e xenofobia. Uma das questões de debate mais recorrentes nos eventos, reuniões e relatos dos atores envolvidos na temática foram de situações de preconceito, despreparo e desconhecimento da sociedade brasileira para lidar com essa questão. Na mobilidade humana, a confrontação da alteridade é colocada a todo momento, e há constantemente a tensão do desafio da relação com o outro.

Durante o trabalho de campo, escutei por várias fontes, alguns relatos de situações de dificuldades para obter trabalho, despreparo em serviços de saúde e da assistência, entraves de

comunicação, baixa valorização profissional e desqualificação de gênero. É importante ressaltar que a migração feminina se dá de diferentes maneiras, e a terapia ocupacional precisa manter-se atenta a essas diversas situações de processos de rupturas das redes sociais de suporte (BARROS; LOPES; GHIRARDI, 2002) para então propor projetos e ações que contemplem essa multiplicidade e através de atividades que se insiram nos espaços de significação da vida cotidiana dessas mulheres, numa dimensão dialógica com direitos humanos e diversidade cultural.

Desta forma, buscar redimensionar e potencializar os vários espaços de significação da vida de pessoas em processo de mobilidade restabelece a noção de cotidiano sobre outras bases daquelas erguidas no paradigma da estabilidade e da “fixidade”. Sua definição requer uma reflexão sobre dimensões existenciais múltiplas sem as quais não é possível acessar a movimentação dos sentidos. Tomamos aqui como reflexão a diferenciação metodológica de *espaços de significação* na Terapia Ocupacional Social, realizada por Barros et al. (2013): cultura (exigência existencial da produção de sentido), economia (dimensões múltiplas de produção de vida) e política (fazer político como ação comum). As autoras mostram que nesses espaços se articulam as redes de pertencimento, dá-se a interpretação do real e, a partir do fortalecimento dessas dimensões, podemos pensar as atividades em terapia ocupacional.

Elas (atividades) só adquirem o caráter de atividade de significação, em nosso entender, quando e enquanto expressarem sentidos em contextos social e historicamente adequados, ou seja, quando possam permitir a construção de laços sociais, de redes de relações em espaços de significação, sejam eles culturais, políticos, econômicos ou outras possibilidades de articulação de identidades coletivas e de potencialidades singulares (BARROS et al., 2013, p. 592).

Estes espaços de significação vinculados à cultura, à economia e à política na migração podem servir de chave de compreensão para as experiências de Mariama, Melanito e Nádia de maneira bem contundente. Em relação à cultura, através da dança e música, Mariama e Fanta conseguem produzir um trabalho que afirmação identitária da cultura africana. Embora dialoguem com elementos da cultura afro-brasileira, por exemplo, suas ações são produzidas sempre na perspectiva das suas raízes africanas e são reconhecidas e valorizadas por esse trabalho. Em espaços de significação vinculados à economia, verificamos o caso de Melanito, por exemplo, onde a partir do seu restaurante, cria todo um universo de possibilidades e produção de sentido para sua trajetória. A partir dos vários outros desdobramentos (cursos, eventos), produz geração de renda, obtém visibilidade no cenário gastronômico, emprega outras mulheres africanas e ganha reconhecimento social. E Nádia, no

campo da política, também ressignifica sua trajetória de vida e, através da sua militância, insere sua produção de sentido também numa dimensão coletiva e política. Espaços plurais e atividades de significação (BARROS et al., 2013) que foram base para empoderamento e inscrição dessas mulheres em novas trajetórias de vida.

As dimensões culturais e existenciais da atividade foram abordadas por Castro; Lima e Brunello (2001). As autoras inserem a atividade humana em terapia ocupacional no campo da compreensão cultural e da vida cotidiana, “onde os acontecimentos cotidianos marcam a passagem do tempo, dão consistência à experiência existencial e singularizam” (CASTRO; LIMA; BRUNELLO, 2001, p. 49). Neste estudo, a interlocução com observação e acompanhamento do cotidiano das mulheres africanas em seus vários espaços sociais, foi uma forma de criar condições para apreender seus modos de organização cotidianos, suas demandas, projetos e desejos. Através dessas atividades da vida cotidiana, as pessoas constroem e renovam sentidos e reformulam-se em modos de vida diferenciados, constituem ou ampliam redes sociais e afetivas que viabilizam trocas e diálogos. Estabelecendo-se na movimentação da vida coletiva do novo cenário urbano de suas existências a vida cotidiana assume seu caráter de inteireza e plenitude:

A vida cotidiana é a vida do homem *inteiro*; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias (Heller, 2000, p. 147, destaque da autora).

Assim, as atividades dão concretude à construção permanente da pessoa na história, na sua própria história. De forma que, em sua concretude há uma pluralidade de linguagens envolvendo tanto o mundo das artes, da culinária, do corpo, da estética. As atividades e fazeres experienciados pelas mulheres deste estudo circunscrevem espaços existenciais e criam significação que emergem da vida cotidiana de cada uma, produzindo contradições e emancipação, apontando dificuldades e possibilidades econômicas, conflitos e protagonismo na luta pelo reconhecimento social e expressivo.

Os processos migratórios não se reduzem a deslocamentos geográficos, políticos e econômicos, mas indicam, igualmente, inúmeros significados e desdobramentos sociais, estéticos, religiosos, afetivos e relacionais, e, portanto, culturais. Neles não se envolvem apenas aqueles que migram, mas provocam mudanças, encontros, tensões e conflitos e novas

possibilidades ampliadas de diálogos e interações humanas. Altera a própria experiência da cultura que é, afinal, interculturalidade permanente.

A cultura, na formulação de Geertz (1989), remete a uma teia de significados entre o homem, o homem entre si e com a natureza, e sua análise deve ser uma ciência interpretativa desses sistemas simbólicos, e não meramente experimental. Frantz Fanon (1980), por sua vez, realçou a importância de se compreender cultura como noção aberta e espontânea em constante referência a um grupo social determinado, como elabora sua compreensão e fazer a partir dos seus valores culturais que implicam em linguagem, vestuário, técnicas, etc. (FANON, 1980).

Essa noção de abertura está no centro do cosmopolitismo contemporâneo — e das formas atuais de mobilidade — em suas dimensões dos diversos e múltiplos arranjos das atividades significativas, das expressões estéticas e criativas, do trabalho, das redes de relação que modelam constantemente a cidade. As mulheres africanas presentes em São Paulo trazem suas histórias, maneiras de percepção da vida, universos estéticos, conhecimentos linguísticos, além de formas diferenciadas de relacionar-se e de compor os arranjos familiares. Tais arranjos são, por sua vez, expressões de linguagens, trocas culturais em diálogos que necessitam encontrar passagens e conexões entre os saberes das culturas africanas e aqueles dos universos culturais brasileiros.

Neste sentido, os salões de beleza, os restaurantes e oficinas de culinária, os serviços de telefonia para países africanos, além da venda de artesanato e objetos decorativos são arranjos e possibilidades que criam na cidade de São Paulo novas dimensões do país: um Brasil que se molda a partir de novo repertório sobre África. Ao criarem seus comércios e agenciamentos, as mulheres africanas dialogam com novas formas de trabalho na cidade, veiculando, ao mesmo tempo, e inscrevendo seus modos de vida, experiências culturais e linguagens. E por outro lado, as novas redes de trocas sociais constituídas exercem modificações profundas e ampliam as trocas e redes de trocas culturais da cidade. Esta se vê chamada a se repensar e criar novas possibilidades econômicas, permitir outros pedaços de pertencimento, circuitos (MAGNANI, 2002) e, enfim, novas configurações relacionais e econômicas, além do reconhecimento de outras diferentes organizações da vida cotidiana (BARROS, 2015).

Presenciamos na cidade de São Paulo essa multiculturalidade, que é permeada por diversos processos: mobilidade humana, fortalecimento das periferias, movimentos de luta

por moradia, mobilização sobre a ocupação do espaço urbano, protagonismo da juventude, mulheres e população migrante. São alguns aspectos que remodelam e transformam a cidade.

A migração contemporânea, especificamente, tem emergido também de maneiras plurais. Cabe aqui ressaltar que, apesar de todas as contradições e desafios já citados, a cidade tem vivenciado uma abertura a essas novas possibilidades e ao diálogo intercultural. Assim, restaurantes de diferentes tradições gastronômicas⁴⁹ tem surgido, coletivos culturais e empreendimentos de imigrantes, iniciativas de apoio e divulgação da questão são colocados numa perspectiva de enriquecimento e contribuição para São Paulo. São dimensões que se integram ao cenário multirracial e multicultural da cidade. A migração está mudando a paisagem da cidade e sua pauta tem inserindo-se em diversos espaços, desde a cena cultural, gastronômica, até no debate político e nos movimentos sociais. E as interlocutoras e outras mulheres africanas têm se inserido nessa dinâmica através das suas atividades, fazeres e ações e cotidiano.

Em suas trajetórias, circuitos e linguagens, as pessoas criam e redesenham inscrições sensíveis, inovam as dinâmicas de trabalho e as relações sociais, ampliam o universo religioso e político, além dos hábitos de vestimenta, comida, formas associativas, estéticas, lazer, festas, em grande pluralidade de modos de viver. A multiplicidade dos arranjos culturais que os migrantes promovem no diálogo com diversos cenários urbanos da cidade, interagindo com outros grupos sociais e com as diversas instituições, transforma e desenha encontros e empréstimos interculturais. Edward Said (1995) enfatiza os efeitos das experiências comuns e de interdependência:

[...] a história de todas as culturas é a história dos empréstimos culturais. As culturas não são impermeáveis... A cultura nunca é uma questão de prioridade, de emprestar e tomar emprestado com credores absolutos, mas antes de apropriações, experiências comuns e interdependências de todo tipo entre culturas diferentes (SAID, 1995, p. 275).

Ao pensar nas diferentes dinâmicas culturais, também na perspectiva do autor, as atividades e o fazer dessas pessoas devem ser trabalhadas e inscritas na relação com o outro. Nesse diálogo, ampliam-se os espaços existenciais, dinâmicos, possibilidades plurais de modos de vida, tanto relacionais como econômicos, sociais, literários e poéticos. São reinscrições plurais, mas, plenas de sofrimento e conflitos. Construir novos lugares de

⁴⁹ Anexo D — Matéria sobre a cena gastronômica e cultural trazida pelos imigrantes.

pertencimento, rever os sentidos da cultura exige uma passagem e conexão com o conhecido e vivenciado anteriormente. Edward Said lembra que é, assim, preciso criar uma consciência e uma identidade para si, onde a cultura é, igualmente, instrumento de resistência (SAID, 1995).

Portanto, o estudo da cultura nos processos migratórios demanda que se aprofundem possibilidades e contradições para ir além da redução ao exótico, à diferença e da cisão do contexto e processos históricos. Os modos de vida e os cotidianos são plurais, nas várias dimensões já citadas (trabalho, relações, família, religião, associações, lazer, estética) e se movimentam ainda mais nos diálogos relacionais. No entanto, os desafios são muitos para se ultrapassar os olhares curiosos ou discriminatórios, as discussões reducionistas, as opiniões apressadas e preconceituosas, o racismo e a xenofonia que se fazem no dia-a-dia. A cidade é um campo de discurso e utopias em disputa, nela os modos de vida e os arranjos possíveis são instáveis.

As diferentes expressões, atividades e fazeres das mulheres africanas contêm dimensões de fundamental importância para a construção de uma perspectiva aberta dos processos migratórios e para a questão da África. Neste sentido, ao construírem suas histórias, adquirem um reconhecimento social e revalorizam sua cultura e suas origens. Acabam transformando percepções e valores, desconstruindo a ideia de que o único sentido da migração africana está em situações de extrema pobreza.

Amílcar Cabral (1980), ao discutir a noção de cultura, lembra que se trata de expressão “mais ou menos conscientizada” das atividades econômicas, políticas e das relações (CABRAL, 1980, p. 56). Nesse sentido, as políticas públicas, assim como as ações técnico-profissionais, voltadas para a mobilidade humana, devem ser dialógicas e inscritas indiscutivelmente como dinâmica cultural, sem esquecer sua ancoragem nos direitos humanos como princípio fundamental e desafio constante.

5.2 Desafios contemporâneos para a Terapia Ocupacional

Um dos principais desafios que se apresentou neste trabalho foi o de (re) pensar o papel de pesquisadora e o de profissional e as interconexões possíveis entre a pesquisa e o campo. A compreensão dessas situações pode criar subsídios e trabalhos para as pessoas e os técnicos. Esse tipo de texto é formador para o terapeuta ocupacional.

É preciso rever conceitos e dinâmicas de atuação no contexto da construção de política transversal e transdisciplinar de atenção às populações migrantes. Assistentes sociais, psicólogos, educadores, advogados, antropólogos, historicamente já trabalham com a questão. O terapeuta ocupacional, seja nos campos da assistência social, educação, saúde e cultura, seja no campo jurídico, precisa incluir essa pauta na formação acadêmica, na reflexão sobre a prática profissional e na construção do conhecimento. Este estudo pretende, deste modo, contribuir para a construção de uma perspectiva dialógica da terapia ocupacional aberta às dinâmicas da sociedade que necessitam de pesquisas que permitam o rigor e o aprofundamento da atuação crítica e da formação comprometida com a pluralidade cultural, social e com a interação dos movimentos próprios a novas realidades e movências da contemporaneidade.

A presente pesquisa, utilizando-se da metodologia e reflexões da antropologia e etnografia, mostra alguns caminhos para a compreensão da temática para então criar e propor subsídios de trabalho com essas pessoas. Entendendo que o terapeuta ocupacional pode instrumentalizar-se dessa ferramenta para alargar seu campo de atuação, saindo de lugares e papéis em que tradicionalmente são colocados, seja em unidades de saúde, organizações não-governamentais, e outros serviços.

No papel do terapeuta ocupacional, pensado na dimensão da migração contemporânea, pressupõe-se que é preciso compreender como são os modos de vida dessas pessoas, como se organizam no cotidiano, trabalho, nas redes de relação e na coletividade. Barros (2004) coloca que o diálogo é essencial para aprendizado de ambos os lados, do profissional e daquele que nos propomos a estar em relação, para então descobrir novas possibilidades, em relações de alteridade sociais e culturais. Em contextos contemporâneos e múltiplos, entendemos que enquanto terapeuta ocupacional, não há saber único, hierarquizado e institucionalizado, e sim possibilidades de apreensão da realidade em espaços plurais, de criação e fortalecimento do protagonismo e emancipação.

Além disso, uma segunda dimensão vincula-se ao trabalho de construção das políticas públicas de garantia de direitos das populações migrantes que incidem diretamente sobre a vida cotidiana, o fazer e a produção de sentido. Muitas questões aqui levantadas sinalizam para a necessidade de nova agenda de pesquisa sobre os desdobramentos da mobilidade na vida cotidiana, econômica, política e cultural de mulheres, homens, crianças, adultos e idosos/as que precisam de suporte no âmbito da terapia ocupacional para a

reorganização de seus fazeres significativos, além do reconhecimento e interlocução de suas práticas culturais, formas expressivas e linguagens artísticas. Esperamos que a continuidade das pesquisas possa ampliar a discussão em torno das narrativas singularizadas, sobretudo de mulheres e crianças.

Neste sentido, cabe também ao terapeuta ocupacional abrir-se intelectualmente para atender para tais processos em constante movimento e em transformação. As atividades não podem ser pré-definidas a partir do mundo de referência, cultural, religioso, ético e político do terapeuta. Os processos dinâmicos da mobilidade humana incluem as ações em terapia ocupacional, sendo necessários diversos descentramentos críticos de valores e pressupostos orientadores da profissão, muitas vezes verticalizados e autorreferidos. As sociedades são múltiplas, tanto como seus saberes e fazeres, seus modos relacionais, econômicos, e também, suas expressões literárias e poéticas. Aqui a cultura é, mais uma vez, motor da história e nela repousam os sentidos da atividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS. *Manual de procedimentos e critérios para a determinação da condição de refugiado*: de acordo com a Convenção de 1951 e o Protocolo de 1967 relativos ao estatuto dos refugiados. Genebra, 1992. Disponível em: <http://www.acnur.org/fileadmin/scripts/doc.php?file=fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2013/Manual_de_procedimentos_e_criterios_para_a_determinacao_da_condicao_de_refugiado>. Acesso em: 15 jun. 2016.

_____. *A situação dos refugiados no mundo: cinquenta anos de ação humanitária*, 2000. Disponível em: <<http://www.cidadevirtual.pt/acnur/sowr2000>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

ANDRADE, J. H. F. Breve reconstituição histórica da tradição que culminou na proteção internacional dos refugiados. In: ARAÚJO, N.; ALMEIDA, G. A. (Org.). *O direito internacional dos refugiados: uma perspectiva brasileira*. Rio de Janeiro: Renovar, 2001, p. 99-126.

ANOTAÇÕES DO DIÁRIO DE CAMPO. Autoria da pesquisadora. São Paulo, julho – dezembro, 2015.

ARANTES, J. T. O panorama da imigração no Brasil. *Exame.com*, 7 jul. 2015. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/o-panorama-da-imigracao-no-brasil/>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

ARENDT, H. *A Condição Humana*. Tradução de Roberto Raposo. 12 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. 405 p.

ASSIS, G. O. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 745-772, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v15n3/a15v15n3.pdf>>. Acesso em: 10 mai de 2016.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. *Código de Ética*. Disponível em: <<http://www.portal.abant.org.br/index.php/institucional/codigo-de-etica>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

ASSOCIAÇÃO PALOTINA. Disponível em: <<http://palotinas.com.br/>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

BAHULE, L. Entrevista concedida para trabalho de campo. São Paulo, 2015.

BAILEY, O. G. Mulheres africanas migrantes: histórias de agência e pertencimento. *Perspectivas*. Revista de Ciências Sociais da UNESP, São Paulo, v. 43, p. 159-182, jan./jun. 2013.

BARROS, D. D. L'activité humaine dans l'économie de la vie: le sens dans l'histoire et la culture. In: MOREL-BRAQ, M.; TROURÉ, E.; OFFESTEIN, E. (Org.). *L'activité humaine: un potentiel pour la santé?* Paris: ANFE/de Boeck Solal Paris, p. 283-290, 2015.

_____. Liens ville-village et changements sociaux face à la migration saisonnière. Le mouvement de personnes entre Songho (Région Dogon) et Bamako, Mali. *Antropos*, Fribourg, v. 105, p. 471-488, 2010.

_____. Terapia ocupacional social: o caminho se faz ao caminhar. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 90-97, set./dez. 2004.

_____.; ALMEIDA, M. C.; VECCHIA, T. C. Terapia ocupacional social: diversidade, cultura e saber técnico. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 128-134, set./dez. 2007.

_____.; GALVANI, D. Terapia Ocupacional: social, cultural? Diversa e múltipla! In: LOPES, R. E.; MALFITANO, A. P. S. (Org.). *Terapia Ocupacional Social: desenho teóricos e contornos práticos*. São Carlos: EDUFSCar, 2016. p. 83-116.

_____.; LOPES, R. E.; GALHEIGO, S. M. Terapia Ocupacional Social: Concepções e Perspectivas. In: CAVALCANTI, A.; GALVÃO, C. *Terapia Ocupacional: Fundamentação & Prática*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. p. 347-353.

_____.; _____.; GHIRARDI, M. I. G. Terapia ocupacional social. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 13, n.3, p. 95-103, set./dez. 2002.

BARROS, D. D. et al. Cultura, economia, política e saber como espaços de significação na Terapia Ocupacional Social: Reflexões sobre a experiência do Ponto de Encontro e Cultura. *Cadernos de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos*, São Carlos, v. 21, n. 3, p. 583-594, set./dez. 2013.

BARROS, D.; NOGUEIRA, S. G. Cooperação educacional internacional Brasil/África: do Programa Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). *Revista de Estudos Internacionais*, Campina Grande, v. 6, n. 2, p. 117-133, 2015.

BASSANEZI, M. S. C. B. Imigração internacional e dinâmica demográfica no tempo do café. In: TEIXEIRA, P. E.; BRAGA, A. M. C.; BAENINGER, R. (Org.). *Migrações: implicações passadas, presentes e futuras*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 85-120.

BIYOUHA, M. Entrevista concedida para trabalho de campo. São Paulo, 2015.

BONASSI, M. Migrantes ilegais: a vida e a lei. *Travessia: Revista do Migrante*, São Paulo, ano 10, n. 29, p. 34-41, 1998.

BRASIL. Cidadania e Justiça. Brasil autoriza residência permanente a 43,8 mil haitianos. Brasília. 2015. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/11/brasil-autoriza-visto-de-residencia-permanente-para-43-8-mil-haitianos>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

_____. Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980. Define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil, cria o Conselho Nacional de Imigração. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 22 ago. 1980.

_____. Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 09 jan. 2003. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 25 out. 2016.

_____. Ministério da Justiça. *Relatório Nacional sobre Tráfico de Pessoas: dados*. Brasília: Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime, 2013a. 62 p. Disponível em: <<http://www.justica.gov.br/sua-protecao/trafico-de-pessoas/publicacoes>>. Acesso em: 07 mai. 2016.

_____. Senado Federal. Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional. *Projeto de Lei de Migração nº 288 de 2013*. Brasília, 2013b. 36 p. Disponível em: <<http://legis.senado.leg.br/mateweb/arquivos/mate-pdf/172059.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2016.

CABRAL, A. A cultura nacional. In: COMITINI, C. *A arma da teoria*. Rio de Janeiro: Codecri, 1980. p. 53-92.

CÁRITAS BRASILEIRA. Disponível em: <<http://caritas.org.br/projetos/programas-caritas/refugiados>>. Acesso em: 02 out. 2015.

CASA DAS ÁFRICAS. Disponível em: <https://www.facebook.com/Casadasafricas.Amanar/?fref=ts>. Acesso em 30 out. 2016.

CASTRO, E. D.; LIMA, E. M. F. A.; BRUNELLO, M. I. B. Atividades Humanas e Terapia Ocupacional. In: DE CARLO, M. M. P.; BARTALOTTI, C. C. (Org.). *Terapia Ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas*. São Paulo: Plexus Editora, 2001. p. 19-40.

COHEN, R. *Global diasporas: an introduction*. London: UCL Press, 1999. 228 p.

CONSELHO FEDERAL DE FISIOTERIA E TERAPIA OCUPACIONAL. Resolução Nº 406, de 7 de novembro de 2011. Disciplina a Especialidade Profissional Terapia Ocupacional nos Contextos Sociais e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 24 nov. 2011. Disponível em: <<http://www.coffito.org.br/site/index.php/home/resolucoes-coffito/485-resolucao-n-406-2011-disciplina-a-especialidade-profissional-terapia-ocupacional-nos-contextos-sociais-e-da-outras-providencias.html>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

CRAPANZANO, V. A cena: lançando sombra sobre o real. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 357-383, jan./out. 2005.

DANTAS, S. D. et al. Identidade, migração e suas dimensões psicossociais. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, Brasília, v. 15, n. 34, p. 45-60, jan./jun. 2010.

_____. (Org.). *Diálogos interculturais: reflexões interdisciplinares e intervenções psicossociais*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2012. 383 p.

DAVIES, C. B. Mulheres caribenhas escrevem a migração e a diáspora. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 18, n. 3, p. 747-763, set./dez. 2010.

DAVY, C. et al. Aspects of the resilience and settlement of refugee youth: a narrative study using body maps/Aspectos da resiliência e da integração social de jovens refugiados: um estudo narrativo usando mapas corporais. *Cadernos de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos*, São Carlos, v. 22, n. 2, p. 231-241, mai./ago. 2014.

DINIZ, E. C. C. Migração feminina e redes sociais: brasileiras em Lisboa – Portugal. In: I SEMINÁRIO NACIONAL SOCIOLOGIA E POLÍTICA, 2009, Curitiba. *Grupo de Trabalho 4: Cidadania, controle social e migrações internacionais*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2009. p. 2-13.

DUTRA, D. Mulheres, migrantes, trabalhadoras: a segregação no mercado de trabalho. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, Brasília, v. 21, n. 40, p. 177-193, jan./jun. 2013.

DYCK, I. Managing chronic illness: an immigrant woman's acquisition and use of health care knowledge. *American Journal of Occupational Therapy*, Montgomery, v. 46, p. 696-705, 1992.

ELIAS, N. *Sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. 201 p.

FABIÃO, T. Danças africanas e interculturalidade: práticas artísticas e pedagógicas em Portugal. *Revista Angolana de Sociologia*, Ramada, n. 8, p. 99-109, dez. 2011. Disponível em: <<https://ras.revues.org/544?lang=en>>. Acesso em: 25 out. 2016.

FANON, F. Racismo e cultura. In: _____. *Em defesa da revolução africana*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1980. p. 35-48.

FÓRUM SOCIAL MUNDIAL DAS MIGRAÇÕES. *Fórum Social Mundial das Migrações*. 2016. Disponível em: <<http://www.fsmm2016.org/>>. Acesso em: 02 out. 2016.

FRANÇA, T. Entre reflexões e práticas: feminismos e militância nos estudos migratórios. *E-cadernos ces*, v. 18, p. 81-105, 2012. Disponível em: <<http://eces.revues.org/1527>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

FRANCALINO, J. H.; PETRUS, M. R. Dinâmicas de afirmação e re-significação de identidades: um projeto cultural em construção com refugiados e imigrantes congolese e angolanos. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, Brasília, v. 16, n. 31, p. 532-544, 2008.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 37 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. 184 p.

GALVANI, D. *Circuitos e práticas religiosas nas trajetórias de vida de adultos em situação de rua na cidade de São Paulo*. 2015. 200 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

_____. *Pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo: itinerários e estratégias na construção de redes sociais e identidades*. 2008. 261 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Reabilitação) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

GALVANI, D. et al. As Áfricas dos artistas, os artistas das Áfricas: mapeamento cultural de artistas e artesãos africanos residentes na cidade de São Paulo. In: XII JORNADA ACADÊMICA DE TERAPIA OCUPACIONAL DA USP, 2015, São Paulo. *Anais...* São Paulo, 2015. s./p.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. 323 p.

GHIRARDI, M. I. G. Terapia Ocupacional em processos econômico-sociais. *Cadernos de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos*, São Carlos, v. 20, n. 1, p. 17-20, jan./abr. 2012.

GHIRARDI, M. I. G. et al. Vida na rua e cooperativismo: transitando pela produção de valores. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 601-10, set./dez. 2005.

GOMES, N. L. Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. In: II SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL; GÊNERO E MOVIMENTOS SOCIAIS, 2003, Florianópolis. *Anais*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2003a.

_____. Cultura negra e educação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 75-85, mai./ago., 2003b. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a05.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2016.

GONÇALVES, M. A.; MARQUES, R.; CARSOLO, V. Z. *Etnobriografia: subjetivação e etnografia*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012. 268 p.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 104 p.

HELLER, A. *O cotidiano e a história*. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 121 p.

INSTITUTO ÁFRICA VIVA. Disponível em: <<http://institutoafricaviva.blogspot.com.br>>. Acesso em: 02 out. 2016.

INSTITUTO DE REINTEGRAÇÃO DO REFUGIADO. São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.adus.org.br/>>. Acesso em: 02 out. 2015.

KALY, A. P. O Ser Preto africano no “paraíso terrestre” brasileiro. Um sociólogo senegalês no Brasil. *Lusotopie*, Bordeaux, p. 105-121, 2001.

KINÉBANIAN, A.; STOMPH, M. Cross-cultural Occupational Therapy: a critical reflection. *American Journal of Occupational Therapy*, Montgomery, v. 46, n. 8, p. 751-757, 1992.

KOSMINSKY, E. V. Por uma etnografia feminista das migrações internacionais: dos estudos de aculturação para os estudos de gênero. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 773-804, set./dez. 2007.

KRIEGER, C. A. *A consolidação do direito internacional humanitário: precedente do Comitê Internacional da Cruz Vermelha e a contribuição definitiva da Convenção de Roma de 1998*. 2002. 509 f. Tese (Doutorado em Direito) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

LIMA, E. M. F. A. A análise de atividade e a construção do olhar do terapeuta ocupacional. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 42-48, mai./ago., 2004.

LÚCIO, V. Estrangeiros no Brasil: Missão Paz em São Paulo acolhe imigrantes até a legalização. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 67, n. 2, p. 51-52, 2015.

MACIEL, M. E. Identidade cultural e alimentação. In: CANESQUI, A. M.; GARCIA, R. W. D. (Org.). *Antropologia e nutrição: um diálogo possível*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005, p. 49-56.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, fev. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a02v1749.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2016.

_____. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n32/v15n32a06.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

_____. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: _____.; TORRES, L. (Org.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. 3 ed. São Paulo: Edusp, 2008. p. 15-53.

MARANHÃO, F. São Paulo terra dos sonhos e do preconceito. *O Estrangeiro. Brasil: País de Imigração*, 2014. Disponível em: <<http://oestrangeiro.org/2014/01/30/sao-paulo-terra-dos-sonhos-e-do-preconceito/>>. Acesso em: 15 maio 2016.

MARCUS, G. O intercâmbio entre arte e antropologia: como a pesquisa de campo em artes cênicas pode informar a reinvenção da pesquisa de campo em antropologia. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 133-158, jan. 2004.

MASANO, I. R. *A gastronomia paulistana: o local e o global no mesmo prato*. 2011. 264 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MAZZA, D. O direito humano à mobilidade: dois textos e dois contextos. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, Brasília, v. 23, n. 44, p. 237-257, jan./jun. 2015.

MBEMBE, A. *Arte contemporânea de África: negociar as condições do seu reconhecimento - conversa de Vivian Paulissen com Achille Mbembe*. Tradução: CARTAXO, M. J. 2010. Disponível em: <http://www.buala.org/pt/mukanda/arte-contemporanea-de-africa-negociar-as-condicoes-do-seu-reconhecimento-conversa-de-vivian->. Acesso em 10 mai. 2016.

_____. As formas africanas de auto-inscrição. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, v. 23, n.1, p. 171-209, 2001.

MIGRAFLIX. Migraflix. Disponível em: < <http://www.migraflix.com.br/>>. Acesso em 10 abr. 2016.

MISSÃO PAZ. São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.missaospaz.org/#!paroquias/c1719>>. Acesso em: 02 mar. 2016.

MONTES, M. L. A. Posfácio. In: MAGNANI, J. G. C.; TORRES, L. (Org.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. 3 ed. São Paulo: Edusp, 2008. p. 299-318.

MUNGOI, D. M. D. C. J. Ressignificando identidades: um estudo antropológico sobre experiências migratórias dos estudantes africanos no Brasil. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, Brasília, v. 20, n. 38, p. 125-139, 2012.

NAIME, J. O perfil da migração africana. Resenha. *Conjuntura Internacional*, Belo Horizonte, p. 1-6, 2006. Disponível em: <http://www.pucminas.br/imagedb/conjuntura/CNO_ARQ_NOTIC20061206142629.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2016.

NOVAES, M. M. *Sujeitas de direitos: história de vida de mulheres bolivianas, peruanas e paraguaias na cidade de São Paulo*. 2014. 177 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

NOVAES, S. C. Imagem, magia e imaginação: desafios ao texto antropológico. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 14, n.2, p. 455-475, 2008.

NÚMEROS EXATOS E ATUALIZADOS DE ESTRANGEIROS NO BRASIL. 2013. *NEPDA: Núcleo de Estudo e Pesquisa sobre Deslocamentos Ambientais*, Universidade Estadual da Paraíba, 22 maio 2013. Disponível em: <<http://sites.uepb.edu.br/nepda/2013/05/30/numeros-exatos-e-atualizados-de-estrangeiros-no-brasil-2013/>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

OLIVEIRA, R. C. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: _____. *O trabalho do antropólogo*. 2. ed. São Paulo: Edunesp/Paralelo15, 2000. p. 17-35.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Declaração Universal dos Direitos do Homem de 1948*. 2009. Disponível em: <<http://www.dudh.org.br/wp-content/uploads/2014/12/dudh.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2016.

_____. *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural*. 2002. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2016.

_____. *Número de migrantes internacionais chega a cerca de 244 milhões, revela ONU*. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/numero-de-migrantes-internacionais-chega-a-cerca-de-244-milhoes-revela-onu>>. Acesso em: 20 out. 2016.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. 2008. *Trabalhadoras e trabalhadores migrantes: alcançar a igualdade de direitos e oportunidades*. Disponível em: http://www.ilo.org/public/portugue/region/eurpro/lisbon/pdf/gender_december.pdf. Acesso em: 25 mar. 2016.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES. *Perfil migratório do Brasil 2009*. 2009. Disponível em: https://publications.iom.int/system/files/pdf/brazil_profile2009.pdf. Acesso em: 10 jun 2016.

PAIVA, O. C. Territórios da migração na cidade de São Paulo: afirmação, negação e ocultamentos. In: TEIXEIRA, P. E.; BRAGA, A. M. C.; BAENINGER, R. (Org.). *Migrações: implicações passadas, presentes e futuras*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 167-186.

PATARRA, N. L. Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v.19, n. 3, p. 23-33, jun./set. 2005.

_____. O Brasil: país de imigração? *E-metropolis*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 9, p. 6-18, 2012. Disponível em: <http://www.emetropolis.net/download/edicoes/emetropolis_n09-ed.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2016.

PASTORE, M. N. “*Sim*” *Sou criança eu!*” Dinâmicas de socialização e universos infantis em uma comunidade moçambicana. 2015. 245 f. Dissertação (Mestrado em Terapia Ocupacional) – Centro de Ciências Biológicas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

PEREZ, J. O. et al. O uso da fotografia como recurso emancipador: um relato de experiência com pessoas em situação de rua. *Cadernos de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos*, São Carlos, v. 22, n. 1SE, p. 135-143, 2014.

PIEROTE-SILVA, V. *A contemporânea migração africana para a cidade de São Paulo: garantia de direitos, políticas públicas e diversidade*. 2014. 46 f. Monografia (Especialização

em Terapia Ocupacional: campos de intervenção e perspectivas de inovações da prática) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

PIEROTE-SILVA, V. et al. Migração africana: diversidade e mobilidade como desafios contemporâneos para a Terapia Ocupacional Social. In: III SIMPÓSIO NACIONAL DE PESQUISAS EM TERAPIA OCUPACIONAL, 2014, João Pessoa. *Trabalhos completos...* João Pessoa, 2014.

PISCITELLI, A. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 263-274, jul./dez. 2008.

PIZZI, M. A. Hurricane Sandy, Disaster Preparedness, and the Recovery Model. *American Journal of Occupational Therapy*, Montgomery, v. 69, n. 4, p. 751-757, 2015.

POOREMAMALI, P.; PERSSON, D.; EKLUND, M. Occupational therapists' experience of working with immigrant clients in mental health care. *Scandinavian Journal of Occupational Therapy*, Stockholm, v. 18, n. 2, p. 109-121, 2011.

PORTELLI, A. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

RADAR MUNICIPAL. *Decreto nº 56.208*, de 30 de junho de 2015. Confere nova regulamentação ao Conselho Participativo Municipal em cada Subprefeitura a que se referem os artigos 34 e 35 da Lei nº 15.764. de 27 de maio de 2013. 2016. Disponível em: <<http://www.radarmunicipal.com.br/legislacao/decreto-56208>>. Acesso em 02 abr. 2016.

REDE BRASIL ATUAL. *Brasil tem 7,7 mil refugiados, vindos de 81 países, aponta Ministério da Justiça*. São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2015/06/brasil-tem-7-7-milhoes-refugiados-vindos-de-81-paises-aponta-ministerio-da-justica-1372.html>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

REDE MULHER EMPREENDEDORA. *Nádia Ferreira coordena coletivo de mulheres africanas empreendedoras no Brasil*. São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://redemulherempreendedora.com.br/nadia-ferreira-coordena-coletivo-de-mulheres-africanas-empreendedoras-no-brasil/>>. Acesso em: 20 out. 2016.

REIS, J. J. “Nos achamos em campo a tratar da liberdade”: a resistência negra no Brasil oitocentista. In: MOTA, C. G. (Org.). *Viagem incompleta: a experiência brasileira (1500-2000)*. São Paulo: Editora do SENAC, 2000, p. 241-263.

REIS, R. R. A política do Brasil para as migrações internacionais. *Contexto internacional*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 1, p. 47-69, jan./jun. 2011.

RODRIGUES, E. F. V. *Imigrantes africanos no Brasil contemporâneo: fluxos e refluxos da diáspora*. 2014. 80f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

SAID, E. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 459 p.

SANTOS, B. S. S. Por uma concepção multicultural de direitos humanos. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n. 48, p. 11-32, 1997.

SANTOS-TAVARES, I.; THORÉN-JONSSON, A. L. Confidence in the future and hopelessness: Experiences in daily occupations of immigrants with late effects of polio. *Scandinavian Journal of Occupational Therapy*, Stockholm, v. 20, n. 1, p. 9-20, 2013.

SÃO PAULO (Município). Decreto nº 42.380, de 11 de setembro de 2002. Aprova o Regimento Interno da Comissão Municipal de Direitos Humanos. *Diário Oficial do Município*, São Paulo, SP, 11 set. 2002. Disponível em: <http://www3.prefeitura.sp.gov.br/cadlem/secretarias/negocios_juridicos/cadlem/integr.asp?alt=12092002D%20423800000>. Acesso em: 02 abr. 2016.

SÃO PAULO (Município). Comissão Municipal de Direitos Humanos. *Relatório 2005*. São Paulo, 2005. 60 p. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/dados/relatorios/r_cmdh/r_2005_sp_2cmdh.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2016.

SÃO PAULO (Município). Comissão Municipal de Direitos Humanos. *Relatório 2007*. São Paulo, 2007. 32 p. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/dados/relatorios/r_cmdh/r_2007_sp_cmdh.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2016.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania. *Documento Final da I Conferência Municipal de Políticas para Imigrantes de São Paulo*. São Paulo, 2013. 60 p.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania. *Mapeamento dos grupos de imigrantes ou ligados à temática migratória no Município de São Paulo*. São Paulo, 2015. 34 p. Disponível em:

<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/direitos_humanos/gruposimigrantes.pdf>. Acesso em 10 nov. 2015.

SÃO PAULO (Município). *Coordenação de Políticas para Migrantes*. São Paulo, 2016a. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/migrantes/coordenacao/index.php?p=156223>. Acesso em: 02 abr. 2016.

SÃO PAULO (Município). *Secretaria Municipal de Direitos Humanos*. São Paulo, 2016b. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/a_secretaria/index.php?p=148581>. Acesso em: 02 abr. 2016.

SÃO PAULO (Município). Coordenação de Políticas para Migrantes. *Centro de Referência e Acolhida para Imigrantes*. São Paulo, 2016c. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/migrantes/crai/index.php>. Acesso em: 02 abr. 2016.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania. *Inaugurada a primeira casa de passagem para refugiados do país*. São Paulo, 2016d. Disponível em: <<http://www.justica.sp.gov.br/portal/site/SJDC/menuitem.b1a98ae13ac6514354f160f4390f8ca0/?vgnextoid=6aa6648792168410VgnVCM1000008936c80aRCRD&vgnnextfmt=default>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

SATO, M. T. *Diário de campo*. São Paulo, jul.-dez. 2015.

_____. *Levantamento de refugiados africanos na Casa do Migrante*. 2004. 64 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Terapia Ocupacional) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

_____.; BARROS, D. D.; ALMEIDA, A. S. A. Da África para albergues públicos: africanos na Casa do Migrante em São Paulo. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1-3, p. 29-62, 2007.

SAVADOGO, P. B. A. H. *Desafios de jovens muçulmanos em Burquina Faso no retorno de estudo em países de língua árabe: entre vulnerabilidades e a reconstrução da cidadania*. 2014. 110 f. Dissertação (Mestrado em Terapia Ocupacional) – Centro de Ciências Biológicas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

SAYAD, A. A noção de retorno na perspectiva de uma antropologia total do ato de migrar. *Travessia: Revista do Migrante*, São Paulo, ano 13, n. especial, p.11-15, jan. 2000.

_____. *Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998. 299 p.

SCHMIDT, M. L. S. Pesquisa participante: alteridade e comunidades interpretativas. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 11-41, 2006.

_____. Pesquisa participante e formação ética do pesquisador na área da saúde. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 391-398, mai./abr. 2008.

SERRANO, M. L. E. “África” em Ríó de Janeiro: una cartografía sobre lainmigración contemporánea. *MEMORIAS: Revista digital de Historia y Arqueología desde el Caribe colombiano*, Barranquilla, v. 8, n. 15, p. 272- 302, 2011.

SERVIZIO MISSIONARIO GIOVANI. *Fraternidade da esperança*. 2015. Disponível em: <[http:// www.sermig.org/](http://www.sermig.org/)>. Acesso em: 02 out. 2015.

SICILIANO, A. L. *A política migratória brasileira: limites e desafios*. 2013. 59f. Mestrado (Relações Internacionais) – Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SILVA, C. R. R. *Crespos insurgentes, estética revolta memória e corporeidade negra paulistana, hoje e sempre*. 2016. 196 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

SILVA, V. G. *O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras*. São Paulo: Edusp, 2006. 194 p.

SOARES, W.; LOBO, C.; MATOS, R. Mobilidade espacial dos imigrantes estrangeiros no Brasil: 1991/2010. *Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, Brasília, v. 23, n. 44, p. 191-205, 2015.

SUBUHANA, C. A experiência sociocultural de universitários da África Lusófona no Brasil: entremeando histórias. *Pro-Posições*, Campinas, v. 20, n. 1, p. 103-126, jan./abr. 2009.

TANGERINO, T. D. et al. Acesso à educação em nível superior: conhecendo a experiência de imigrantes oriundos do continente africano em São Paulo. In: XII JORNADA ACADÊMICA DE TERAPIA OCUPACIONAL DA USP, 2015, São Paulo. *Anais...* São Paulo, 2015.

TELES, T. C. *Nzambi ikale ni enhe!* Histórias de vida de imigrantes angolanos em São Paulo. 2013. 301 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

UNDA, R.; ALVARADO, S. V. Feminización de la migración y papel de las mujeres en el hecho migratório. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, Colômbia, v. 10, n. 1, p. 593-610. 2012.

UNIÃO EUROPEIA. Parlamento Europeu. Conselho da União Europeia. *Directiva 2008/115/CE*, de 16 de dezembro de 2006. Relativa a normas e procedimentos comuns nos Estados-Membros para o regresso de nacionais de países terceiros em situação irregular. Disponível em: <https://diretorio.fgv.br/sites/diretorio.fgv.br/files/u100/diretiva_de_retorno.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2017.

VECCHIA, T.; BARROS, D. D.; SATO, M. S. Jovens do bairro da Pedra do Papagaio> notas sobre uma oficina de fotografia – Projeto Casa Rosa. *Imaginário*, São Paulo, v. 11, n. 11, p. 337-362, 2005.

WEINTRAUB, A. C. A. M. *Itinerários percorridos por mulheres migrantes estrangeiras na cidade de São Paulo: modos de fazer a vida na cidade*. 2012. 179 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

WERGE-OLSEN, I.; VIK, K. Activity as a tool in language training for immigrants and refugees. *Scandinavian Journal of Occupational Therapy*, Stockholm, v. 19, n. 6, p. 530-541, 2012.

WORLD FEDERATION OF OCCUPATIONAL THERAPISTS. *Position Paper*. 2014: Human Displacement. Disponível em: <<http://www.wfot.org/AboutUs/PositionStatements.aspx>>. Acesso em: 10 set. 2016.

APÊNDICE — Narrativas em imagens: momentos do trabalho de campo

Os registros visuais, que compõem o Apêndice deste trabalho, foram constituídos ao longo do trabalho de campo, tornando-se uma base complementar, embora independente, para apreensão das experiências vivenciadas e trocas com as diferentes interlocutoras. As fotografias foram realizadas em diversas situações e contextos, e algumas foram escolhidas por sua capacidade de evocação de momentos do trabalho de campo, sendo, ao mesmo tempo, materiais interessantes para facilitar o entendimento do/da leitor/a por meio da visualidade. As imagens são, portanto, ferramentas complementares ao exercício etnográfico. Foram mediadoras do entendimento, além de apoio da memória e de possibilidades relacionais.

Além de instrumento do exercício etnográfico, a atividade fotográfica já foi citada em trabalhos de alguns terapeutas ocupacionais (PASTORE, 2015; PEREZ et al., 2014; VECCHIA, BARROS, SATO, 2005). Na presente pesquisa, as imagens compuseram tanto uma dimensão de trabalho e registro sistemático, aliado ao caderno de campo, como também se tornaram, algumas vezes, recursos de mediações e estreitamento das relações e vínculos estabelecidos com as interlocutoras.

Logo no começo, em um dos primeiros encontros com Melanito, por exemplo, ela solicitou que eu registrasse, para minha pesquisa, um tipo de inhame (Foto 1) que utilizava em pratos específicos do seu cardápio, explicando as receitas, modos de cozimento, lugares onde comprava esse e outros produtos. Nesse e em outros momentos, preocupava-se em responder minhas dúvidas e curiosidades.

Em outras situações, registrei curso de gastronomia oferecido pela mesma e também incursões no mercado onde compra produtos de hortifrúti para abastecimento do restaurante. Foram situações vivenciadas na cotidianidade de Melanito (Fotos 2 a 5), onde os registros das suas atividades tornaram-se fundamentais para posterior (re) memorização do campo e análise dessas vivências. Além disso, com o registro, também procurou-se valorizar essas experiências vividas na relação com Melanito.



Foto 1 — Inhame utilizado no restaurante



Foto 2 — Curso de gastronomia oferecido por Melanito



Foto 3 — Curso de gastronomia oferecido por Melanito



Fotos 4 e 5 — Compras no Mercado Municipal do Pari

Em determinada ocasião do trabalho de campo, Mariama convidou-me para um evento que estava organizando e solicitou que eu a auxiliasse com o registro visual da Oficina que realizou na Galeria Olido (Fotos 6 a 10). Para elaboração dos registros do campo, as imagens fotográficas auxiliaram a transmitir outras percepções sobre o evento. Conforme afirma Novaes (2008), “elementos visuais tem a capacidade de metáfora e sinestesia” (NOVAES, 2008, p.465). Muitas vezes, nas experiências de dança e música com as interlocutoras, não foi tão simples o exercício da escrita de uma cena em uma dessas situações, por exemplo. Além disso, os registros dessas atividades da Oficina também permitiram a construção de intermediação, abrindo possibilidades relacionais e de diálogo com o campo e com a interlocutora.



Fotos 6 e 7 — Oficina de Dança e Cultura Africana



Foto 8 — Oficina de Dança e Cultura Africana



Foto 9 — Oficina de Dança e Cultura Africana



Foto 10 — Oficina de Dança e Cultura Africana

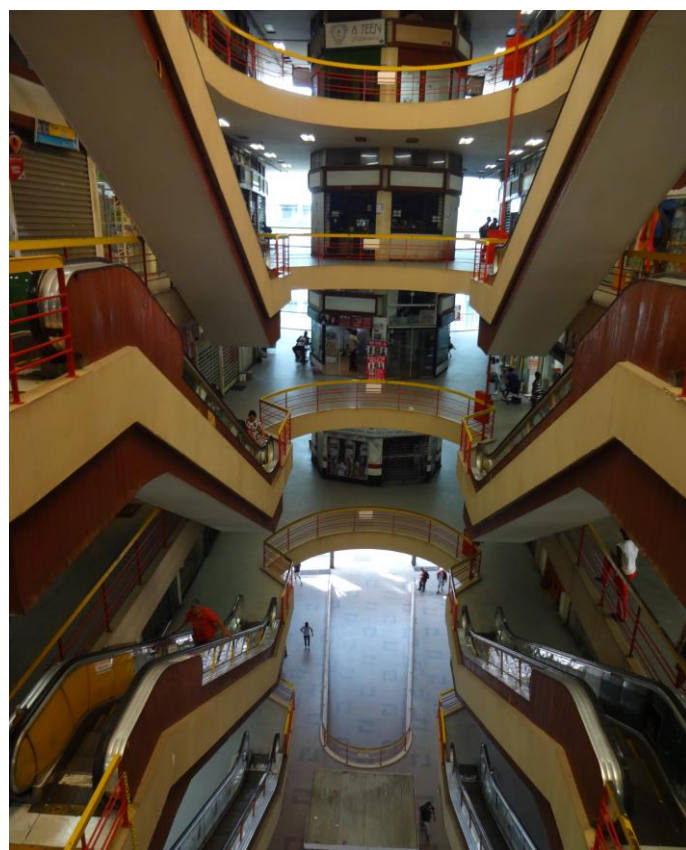
Além disso, há na fotografia uma forma de escrita sobre as dimensões das trajetórias percorridas para a construção do campo de pesquisa com descrição de espaços vivenciados em diferentes momentos, tais como: Galeria Presidente, Praça da República, o restaurante Biyou'z, o salão de beleza de Apoliana. São múltiplos territórios onde as interlocutoras circulam, trabalham e vivenciam suas atividades cotidianas, que foram intensamente vivenciados durante os percursos etnográficos.

A Galeria Presidente (Fotos 11 e 12) e a Praça da República (Fotos 13 e 14), conforme já foram explicitadas anteriormente, são espaços de extrema importância no cenário não somente das interlocutoras, mas também de outras mulheres africanas e da comunidade imigrante em geral na cidade de São Paulo. A dimensão arquitetônica, geográfica e social desses espaços também foram elementos de reflexão e análise, no contexto da antropologia urbana de Magnani (2002).

O restaurante de Melanito (Fotos 15 e 16) e o salão de beleza de Apoliana (Fotos 17 a 20) foram lugares demarcados de trabalho das interlocutoras e vivenciados ativamente no

exercício etnográfico. Locais onde prioritariamente estabelecem-se as atividades econômicas, mas também onde dão-se os encontros, reuniões informais, acionamento de redes de suporte e apoio e tantas outras atividades cotidianas que compõem as trajetórias de cada uma das interlocutoras. Assim, a Galeria, o restaurante e o salão foram espaços que assumiram papel importante na construção e experimentação do trabalho de campo.

Assim, os cenários, situações e vivências em imagens ganham visualidade e tornam a experiência do campo mais enriquecedora, complementando-se à escrita na medida em que facilitaram o resgate da memória desses encontros e dos registros do campo em momentos diversos. São imagens que ganham sentidos múltiplos na interlocução com a leitura das narrativas e experiências descritas anteriormente.



Fotos 11 e 12 — Galeria Presidente

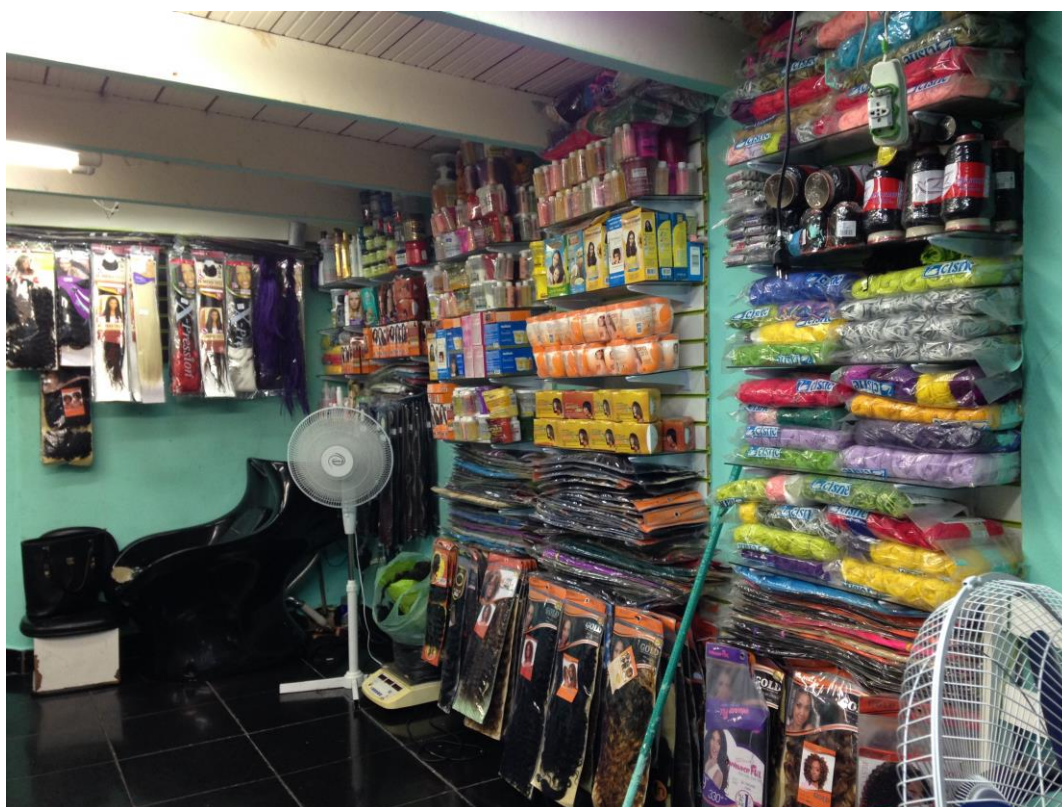


Fotos 13 e 14 — Praça da República

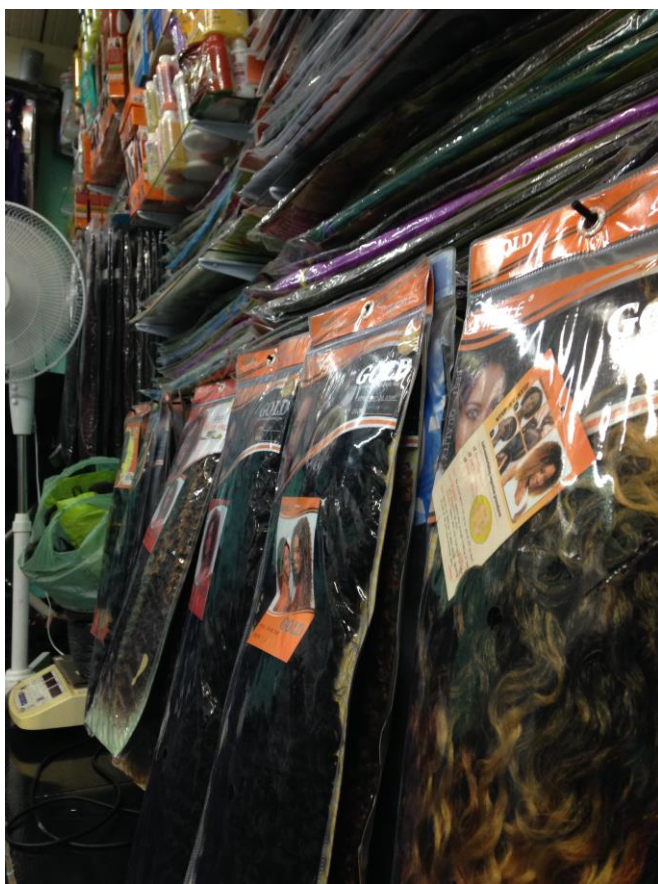




Fotos 15 e 16— Restaurante Biyou'z



Fotos 17 e 18 — Salão de beleza



Fotos 19 e 20 — Salão de beleza



ANEXO A — Matérias sobre o restaurante Biyou'z

Blog - Comes e Bebes — Marcelo Katsuki

01/07/2010 — Yes, nós temos peixe com bananas!

Estou maravilhado! Tá, sou meio deslumbrado, liga não. É que quando como algo que surpreende meu paladar sem assustar meu bolso, fico odara. Deixa eu contar...

Há tempos passo na frente de um restaurante africano aqui na rua da **Folha**, mas nunca entro. Paro, olho, mas vazoo, assustado com a muvuca. Hoje fui lá com meu amigo **Gilberto Kyono**, que já tá virando *habitué* e me surpreendi. Primeiro, pela simpatia da dona, a falante **Melaniz**, que recebe com um sorriso maior que ela, descreve todos os pratos do dia (lá não tem cardápio) e ainda arrasa no inglês e no francês.

Segundo, porque a comida é boa! E muito barata: uma opção de carne, frango ou peixe (fritos ou refogados) com um acompanhamento generoso sai **por R\$ 10**. E se você quiser incluir outro acompanhamento, por gula, custa mais R\$ 2,50. E as opções são curiosas e tentadoras.

Pedi o prato campeão da casa: Peixe frito com molho de cebolas e banana-da-terra frita. Uau! Era uma corvina, sequinha, com um tempero simples para receber o molho acebolado, encorpado, gostoso. E o que dizer das bananas? Crocantes nas pontas queimadas e cremosas e adocicadas no interior. Com um toque de sal, ainda coçam a minha memória.

O Gilberto pediu Frango frito com feijão branco, couve refogada e uma polenta enorme, cozida em pano amarrado e totalmente sem sal. Para minha surpresa, ela deixa um sabor de arroz japonês na boca (posso falar que essa polenta tem retrogosto de 'gohan', Ailin? Rsr). A couve é deliciosamente inusitada: leva amendoim e camarão seco moído, como um caruru (que aparece no menu sazonalmente) e fica ainda mais desafiadora com a densa pimenta da casa.

Além dos pratos fixos, que incluem ainda molho de tomate, molho verde e uma berinjela levemente condimentada, vez ou outra a Melaniz prepara o arroz tanzanês, o arroz senegalês, o nigeriano... Ela conta que cada país prepara seu arroz de uma maneira diferente. Claro que fiquei curioso para provar todos. Mas na próxima visita, vou querer o Frango refogado com molho verde acompanhado da polenta rústica. Simples, como a boa comida deve ser.

O **Biyou-Z** abre todos os dias para almoço e jantar. O ambiente é simples e o povo fala alto mesmo num dialeto que não dá para entender nada. Mas não se assuste. Como diz a Melaniz, “é tudo gente boa!”

http://marcelokatsuki.folha.blog.uol.com.br/arch2010-07-01_2010-07-31.html

Blog Ao Ponto — José Orenstein

14/10/2015 - Biyou'z: uma porta para a África

Veja o restaurante que explora uma culinária pouco conhecida

Comida étnica, restaurante étnico, culinária étnica: que isso quer dizer mesmo? Toda comida é, de alguma forma, étnica, todo restaurante também. Comida é parte da cultura de um povo, determinante na formação de etnicidades. O problema é que, macaqueando os americanos, chegados numa “ethnic food”, usamos aqui essa forma preconceituosa de se referir a determinadas culturas, de imigrantes mais recentes e, geralmente, mais pobres.

O Biyou'z encaixa facilmente no grupo dos restaurantes-étnicos-do-centro-de-São Paulo. Um balaio onde o pessoal joga do Rinconcito Peruano ao libanês Vovô Ali. Os três são muito bons, mas não têm nada a ver um com o outro. Injusto. Como sugeri um artigo no Washington Post (boa leitura, aqui), vamos para de usar a palavra “étnico” para esconder os preconceitos com imigrantes?

Pois bem, o Biyou'z (diz-se biúz) é um restaurante camaronês do centro de São Paulo. Vale a visita. É a porta para um repertório culinário pouco conhecido aqui — o parentesco que consigo enxergar é com a comida do Recôncavo Baiano. O forte cheiro de dendê no pequenito salão é indício da relação.

O ambiente é bem simples, tem bossa: paredes vermelhas e verdes, tecidos e peças de artesanato africano na parede — onde também figura foto da chef Melanito Biyouah com o artilheiro Samuel Eto'o (ano passado, durante a Copa, ela cozinhou para a seleção de seu país aqui no Brasil). Do salão, vê-se a muvuca da Barão de Limeira.

O serviço é simpático e trilingue: português, francês e inglês são falados fluentemente (sem contar dialetos). O Biyou'z serve a comunidade de imigrantes camaroneses e de outros países africanos, mas é também aberto aos neófitos. O cardápio é traduzido para o inglês e tem fotos.

Mas de volta ao que interessa, a comida. A maioria dos pratos é tradicional do Camarões, mas tem também receitas nigerianas, senegalesas, congolesas. É tudo muito farto. Carne, peixe, frango vêm, em geral, embanhados como se fossem guisados, e alternam os acompanhamentos banana-da-terra, mandioca e fufu (polenta que pode ser de milho ou arroz, meio insossa, mas que ajuda a rebater os potentes temperos).

Também é recorrente no cardápio uma pasta de amendoim, base de alguns molhos, como o que vai no delicioso Ndole, que recomendo. Para os mais destemidos, vale encarar o Issingui, rico mocotó com um concentrado molho de berinjela e mandioca cozida.

A cada visita ao Biyou'z fui desbastando minha ignorância do que seja a comida camaronesa e a de outros países africanos. Até prova em contrário, só se vive uma

vez: tratemos de não comer mal — e de aplastar ignorâncias. Ir ao Biyou'z ajuda na missão.

O MELHOR E O PIOR

Prove

O Ndole, saborosa carne em pedaços com um surpreendente molho de pasta de amendoim e folhas de boldo. Dos pratos que provei, o melhor.

O DG. É o prato mais acessível do cardápio, para se iniciar na cozinha camaronesa: um cozidão de frango, verduras e banana da terra frita, saboroso e de “sustança”.

O molho de pimenta. Picante na medida, é feito com pimenta amarela africana, cebola, alho — vai muito bem nos pratos da casa.

Evite

O doce de mandioca.. Doce demais, textura de papinha.

A caipirinha. É simpático o nome: Djindja, de gengibre e laranja, mas estava com gosto de suco de caixinha.

BIYOU'Z

Estilo de cozinha: camaronesa, com pratos também de outras nações africanas, cheios de sabor.

Vou voltar? Vou, sim, para explorar o resto do cardápio.

Alameda Barão de Limeira, 19-A, Campos Elíseos

<http://paladar.estadao.com.br/noticias/restaurante-e-bares,biyouz-uma-porta-para-a-africa,10000007519>

ANEXO B — Matérias sobre Lenna

MOÇAMBIQUE

LENNA BAHULE: A NÔMADE MENSAGEIRA ENTRE ÁFRICA E BRASIL

por Kauê Vieira e Rosa Couto

Moçambique é um país localizado no sudeste africano, banhado pelo Oceano Índico e conhecido pela abundância de recursos naturais e também pela forte veia cultural. São de lá nomes importantes para a literatura, caso do premiado escritor Mia Couto e de Noémia Souza, jornalista e poetisa conhecida por um estilo engajado e que sempre questionou estruturas sociais. A música é outro ponto forte do país, de lá vem a marrabenta, estilo criado ainda nos anos 1930, mas que alcançou o auge na década de 1950 e retornou com força ao topo das listas nos anos 1980. O país também é terra de Lenna Bahule, jovem nascida na capital Maputo. Lançando o primeiro disco solo da carreira, *Nômade*, que reflete bem sua maneira de pensar, Lenna conversou com o **Afreaka** sobre música, ser negra no Brasil e a relação entre o continente africano e um dos últimos países a abolirem a escravidão no mundo.

“Eu acho que primeiro é preciso entender o que aconteceu, como essa África veio parar aqui. Isso precisa ficar muito claro, pois eu acho que não está. Vira e mexe eu encontro pessoas que querem ir muito para o continente africano, mas não têm muito claro o que vão fazer. O que é essa África.” É com esta afirmação que a jovem, parte de uma geração que sente cada vez mais a necessidade de expressar e expandir horizontes descreve suas primeiras sensações da vida no Brasil, especialmente em São Paulo, uma de suas cidades mais complexas.

Fã confessa de Hermeto Pascoal, Naná Vasconelos, Barbatuques, Coco e Maracatu, Lenna desembarcou por aqui seguindo sua intuição, foi uma vinda acidental e com data marcada para ir embora. A ideia era ter ido para os Estados Unidos onde entraria na universidade, contudo a vontade de confirmar a viagem o mais cedo possível falou mais alto e a audição foi feita na terra brasilis.

“O plano inicial era ter ido para os EUA, eu ganhei uma bolsa parcial e precisava fazer uma nova audição. Eu podia escolher ficar em Moçambique, fazer a audição de novo e aumentar a bolsa ou vir para o Brasil que tinha a audição um pouquinho mais cedo que Moçambique e depois ir para os EUA. Eu estava num momento interno tão forte que não podia mais ficar lá, então surgiu uma oportunidade por meio de um amigo querido e admirador de meu trabalho que se ofereceu em pagar minha passagem para o Brasil.”

Lenna ainda ressalta que o Brasil foi uma consequência de algo que germinou em seu interior. Não tinha como escapar.

“Quando eu estava lá não tinha uma relação próxima com as culturas populares. Eu sabia que tinha, mas não achava que era dali. Era pra ser uma passagem, porque eu vim para ficar seis meses, vim para fazer a audição, que antecipou e eu perdi. Transferiu para a Colômbia, mas eu não tinha grana pra ir. Quando eu vi estava sem dinheiro e não tinha como voltar pra casa. Eu sinto que isso foi um chamado. O

Brasil é um lugar muito fértil criativamente. Meu, tirando a coisa ruim da escravidão os europeus foram inteligentes pra caramba, pois eles pegaram pessoas de vários lugares do mundo e criaram um combo cultural fantástico. Aqui vibra arte. Especialmente São Paulo, que eu acho que de todos os lugares do Brasil é o que mais perdeu sua raiz, seu eixo. Tudo que existe em São Paulo não é daqui, é de fora. Então isso torna SP um lugar especial. Você tem uma pluralidade, uma multiplicidade enorme. ”

A moçambicana desembarcou em São Paulo no ano de 2012 e com o passar do tempo foi lidando com as delícias e contradições da vida brasileira em sua maior cidade. Logo uma questão fundamental veio à tona: como é ser negra fora da África e no país que mais recebeu negros africanos escravizados? Números dão conta de que no total as caravelas com bandeiras de Portugal e do Brasil chegaram a transportar cerca de 5,8 milhões de homens, mulheres e crianças.

“O Brasil é um lugar que tem uma história muito sustentada por uma privação de existência. Concretamente com o índio e com o negro. O primeiro movimento que fiz foi comparar com a história de onde eu venho, do meu país. Eu venho de um lugar onde todo mundo é negro, então você não precisa ser negro. Este é o primeiro ponto. O que aconteceu com o Brasil é que foi tudo banido do que era e trouxeram um novo para este lugar. Os negros africanos eram uma coisa em um lugar e ao serem trazidos para cá eles tiveram que ser outra. Eles tiveram que ser para sobreviver, ” pontua.

Com mais de 50% da população declarada negra talvez o Brasil seja o país que mais seguiu (de maneira proposital ou não) os costumes africanos. A língua é um dos grandes exemplos desta presença, isso em função dos bantos ou bantus, grupo etnolinguístico que habita principalmente as regiões da África Subsaariana, onde se localizam países como Angola, Moçambique, Camarões e Quênia e falam diferentes línguas como o quimbundo, quicondo e umbundo. Ao atravessarem o Atlântico para a trabalhar como escravos na lavoura acabaram contribuindo para a formação do português falado nos dias de hoje. Muitas são as palavras ourindas destes povos, fubá, macaco, quitanda, dengo, moleque e por aí vai. A África é um verdadeiro alicerce formador do brasileiro. Isso sem falar no jeito de ser, de pensar e nos hábitos religiosos.

Mesmo com toda esta influência ainda é comum se deparar com uma visão romântica ou uma ideia completamente estereotipada de África. Muitos são os brasileiros que na ânsia de compreender a vida africana buscam se sentir como tal, o que não é possível, afinal de contas o país formou sua própria identidade. Existem também os que imaginam uma África rural e pouco desenvolvida. Para Lenna isso se dá pela falta de entendimento com o que se passou durante os tempos de colônia.

“Para mim o mais óbvio é entender essa multiplicidade de África. As pessoas têm que entender como esta África funciona, como são as mulheres e os homens de lá. O lugar do estereótipo é muito perigoso, pois se cria uma expectativa. Eu sofri isso

na pele. Em nenhum momento fui hostilizada, mas houve uma grande expectativa por eu ser negra.

Por exemplo, um amigo meu veio pra cá bem no Dia da Consciência Negra e achou estranho não ter o dia da consciência branca e eu não soube responder. Ele não tem ideia, é outro lugar, outra relação, as pessoas têm que entender isso. Você não vai chamar um africano para participar do Dia da Consciência Negra e esperar que ele levante bandeira, ele não sabe o que é isso, ” encerra.

Música, voz e percussão

Com formação em música clássica e inspirada pela cultura popular do Brasil, Bobby McFerrin e o gospel dos Estados Unidos e Moçambique, Lenna Bahule tem em *Nômade*, seu primeiro trabalho solo e recheado de canções vocalizadas, instrumentais e percussivas, um trampolim para novos horizontes e sensações. Tudo isso em compasso com as origens moçambicanas.

“Eu sempre fui muito ruim de letra e concluí isso ao ver que tinha muitas ideias, mas não sabia como escrever. Daí fui ouvir Bobby McFerrin e mais um monte de gente e fui inventando. Acho que isso se concretizou aqui no Brasil, quando fui fazer parte dos grupos de expressão cultural. A vontade veio bastante de lá (Moçambique), mas foi aqui que se solidificou. Canto popular no Brasil é poeira do dia a dia. As palavras do *Nômade* saíram pelo som, ” diz.

Mesmo com a forte presença tupiniquim, *Nômade* faz questão de exaltar a África que corre em suas veias, mas sem deixar de dialogar com a globalização oferecida por uma metrópole como São Paulo. “Acontece que eu vivo em uma cidade global e preciso me comunicar com o mundo. Exatamente por ter crescido em um lugar duplo, tenho a tarefa de traduzir isso pra lá e de lá pra cá. Fico bem no meio. Então é um processo muito forte de entender o global e o mundo africano e conseguir passar esta informação para os dois lados. Não acho que nenhum lado seja mais privilegiado que o outro. Pelo contrário, tenho a obrigação de fazer essa ponte, ” reflete.

Aos 26 anos e há três anos radicada no Brasil, Lenna Bahule usa a música como catalisador de sua inquietude e ainda tenta entender as várias maneiras de pensar do brasileiro ao mesmo tempo em que ensina um pouco mais sobre as diferentes realidades de África. Plural, este é o verbo que melhor define esta jovem artista que faz questão de seguir sonhando.

“Eu tenho tanta coisa pra dizer e preciso arranjar um jeito de colocar no papel. É muito difícil isso de colocar emoções no papel. Eu sinto essa fome de poder falar mais para todos, para a África em si. Quero muito contar a minha história, é a forma mais próxima que posso dialogar não só com o continente africano, mas com o mundo. Acho que *Nômade* é um bom caminho”

<http://www.afreaka.com.br/notas/lenna-bahule-nomade-mensageira-entre-africa-e-brasil/>

ANEXO C — Matéria sobre Mama Nossa Cultura

A viagem por grafismos e estampas africanas Por Danila Moura, 11 de Dezembro de 2015.

Freak Market conversou com especialistas para saber como são feitos e as simbologias dos tecidos do continente

Figuras geométricas de ares lisérgicos dividem espaço com reproduções de costumes tribais, numa gama de cores hipnotizante. Em instantes, o leque de tons desperta a sensação dos olhos brisando em meio a tanta informação estimulante. Contemplar os tecidos de origem africana é um irresistível convite visual para enveredar o continente por meio da cultura milenar da estamparia. E se a vontade é de causar no look neste verão de jeitinho sorrateiro já batendo na porta, nada mais cool do que apostar nessa malharia rica em desenhos que roubam a cena de qualquer acessório. O lacre é certo.

Mama Nossa Cultura

A primeira incursão foi pelos lados da Praça da República, próximo à rua 7 de Abril, no centro de São Paulo, tradicional reduto de imigrantes africanos. Barraquinhas multicoloridas estão carregadas de artesanato e roupas típicas. No meio desse mercado popular, quem rouba a cena é Soda Diop, dona da marca Mama Nossa Cultura. Praticamente uma celebridade local, ela é mais conhecida pelo apelido Mama. A cada minuto, a estilista é abordada por amigos, admiradores e clientela diversificada. Costuma retribuir com abraços. Sua barraca é a mais generosa no quesito variedade de estampas de tecido, além de ter casaquinhos, vestidos e outras peças cheias de personalidade.

Há quase uma década no Brasil, Soda se tornou um dos nomes queridinhos nos desfiles dedicados à roupa afro, graças ao convite para participar do Moda Sem Preconceito no ano passado.

“O ator Maycon Clinton veio aqui fotografar minhas roupas com uma jornalista. Na hora, ele me chamou para fazer parte do desfile. Pela primeira vez eu ouvi falar que eu arrasava, nunca tinha ouvido essa expressão, ‘arrasar’“, brinca a senegalesa de 60 anos. Suas estamparias já deram pinta na FeAfro (Feira Internacional Afro-Étnica de Negócios e Cultura), Festival Pé na África, Brasília African Night, African Fashion Day, Feira Preta e outros.

Soda relata ao **Freak Market** peculiaridades das estampas. Alguns tecidos de origem angolana têm desenhos geométricos menores e alinhados. Outro, intitulado “Nelson Mandela”, remete aos grafismos utilizados pelo líder africano.

Adentrar pelo caminho da moda foi a saída que Soda teve quando pisou no Brasil vinda de Dakar, capital do Senegal. Após trabalhar alguns meses como faxineira em uma escola, ela se viu desempregada e correu atrás. “Resolvi abrir uma barraca e vender artesanato de madeira. Com o decorrer do tempo, optei pelos tecidos e quando dei por mim, já estava com uma costureira e fazendo meus próprios modelos”, conta. No começo, ela estranhava a reação dos brasileiros quando a viam trajando roupas típicas de sua terra natal. “Todo mundo me olhava e me chamava

de ‘macumbeira’. Depois eu entendi o que é ‘macumbeira’ (risos). Mas nunca deixei de usar vestidos e turbantes. Eu tenho muito orgulho da minha origem”.

Se você quer saber mais sobre os tecidos do Senegal, vale a pena bater perna pelo centrão de São Paulo e fazer uma visitinha a barraca de Soda. “A Mama cativa a todos desde a primeira abordagem. Atenciosa, ela faz questão de explicar a história por trás de cada item que ela vende. Esse é o diferencial dela, a vontade de querer contar as origens de seu povo. Uma verdadeira propagadora da cultura africana”, conta Ricardo Don, cliente fiel parceiro de Soda e um dos organizadores da festa Venga, Venga — conhecida pelo uso de roupas étnicas e pesquisa sonora de ritmos musicais de povos do mundo todo.

<http://www.freakmarket.com.br/blog/moda/viagem-por-grafismos-e-estampas-africanas>

ANEXO D — Matéria sobre a cena gastronômica e cultural trazida pelos imigrantes

Imigrantes trazem novidades gastronômicas e culturais a São Paulo

Gabriela Terenzi — Colaboração para A São Paulo

06/11/2016

O aroma de banana frita (“fritay”) e arroz national (com feijão e pimenta) se espalhava pelo galpão da Vila Itororó, no Bixiga. Era o Festival da Cultura do Haiti, organizado pela Usih (União Social dos Imigrantes Haitianos) no final de agosto.

Os brasileiros faziam fila para experimentar os sabores do país caribenho, enquanto, perto do palco, o som do rabòday -estilo que é estigmatizado no Haiti como o funk no Brasil, “mas quando toca ninguém fica parado”- agitava os haitianos entre uma apresentação musical e outra. O som do ritmo caribenho compas da Satellite Musique fechou a noite.

Entre 2010 e 2015, o número de concessões de refúgio no Brasil cresceu 127%, e as solicitações multiplicaram-se por 30, segundo dados da Polícia Federal. São migrantes de países que passaram por crises geradas por desastres naturais, caso do Haiti, ou guerras, como a Síria.

Agora, parte dessa população que se estabeleceu em São Paulo está ajudando a renovar a já multicultural cena paulistana, trazendo novidades artísticas e gastronômicas para a metrópole.

“Eventos culturais são importantes para a integração dos migrantes. Não queremos viver no gueto dos refugiados”, afirma o congolês Pitchou Luambo, 35. Ele inaugurou uma tenda de comida no foodpark Quintal de Casa, no Itaim Bibi, no início de agosto.

Além de listar pratos como o ngombe (nhoque de banana da terra ao molho de shimeji), o cardápio do restaurante conta um pouco da história da República Democrática do Congo, no centro do continente africano.

“Apresento minha comida e minha história. Ninguém aqui sabe o que é o Congo, e a discriminação vem desse desconhecimento”, diz Luambo sobre o país, antes conhecido como Zaire.

Desde 2014, ele compõe o Grupo de Refugiados e Imigrantes Sem Teto (Grist). Por meio dele e junto a outros coletivos, promove eventos culturais para dar visibilidade e integrar refugiados, como o Festival do Dia do Refugiado, que ocorreu em junho.

“A ideia é compartilhar nossa cultura, não só se vitimizar”, afirma.

Outro polo da integração entre os brasileiros e imigrantes em São Paulo é o Al Jannah, no centro. O bar, aberto por refugiados e militantes da causa palestina, virou palco de discussão política -e não apenas sobre a situação do Oriente Médio.

No dia em que a casa sediou um debate sobre a situação política de Angola, numa sexta-feira à noite, a calçada estava apinhada de gente, e teve até quem se sentasse no chão do pequeno imóvel.

A conversa era regada a shawarmas e Palestina Libre, o drink da casa, que mistura arak (destilado árabe), cachaça, limão, pimenta vermelha e zaatar verde. O canudo preto completa a paleta de cores da bandeira palestina.

“Nosso objetivo aqui é mostrar que existem questões políticas para o refúgio, sem vitimização dos refugiados. E que cada país tem sua realidade específica”, explica Hasan Zarif, um dos sócios do Al Janiah, ecoando parte do discurso de Luambo.

Os empreendimentos dos novos imigrantes são viabilizados de formas diversas, mas sempre com muita força de vontade.

Quem trabalha com comida geralmente começa vendendo quitutes por encomenda e em eventos até juntar dinheiro para o próprio negócio, a exemplo do imigrante congolês.

Já a União Social dos Imigrantes Haitianos (Usih) tenta reformar sua sede, um sobrado bastante velho no Glicério, por meio de uma vaquinha virtual.

A ideia é que, além de organizar shows e debates, a sede sirva como novo ponto de referência para a comunidade haitiana na cidade, com orientação jurídica para os recém-chegados, aulas de português e de preparação para o Enem.

O maior “case de sucesso” imigrante em termos financeiros foi o restaurante Talal Culinária Síria, do sírio Talal al-Tinawi, que abriu as portas em abril após uma campanha bem-sucedida de financiamento coletivo -sua meta inicial era R\$ 60 mil, e ele arrecadou R\$ 14 mil adicionais.

“Dizem que o brasileiro não gosta de ajudar, mas não foi o que vivi. Mais de 800 pessoas contribuíram, a maioria desconhecida”, diz Talal.

Feiras e bazares são oportunidades para outros, como Renee Ross-Londja, 44, da Guiana Francesa. Quando não ocorrem, ela leva seu artesanato com tecidos africanos -comprados de imigrantes que montam barracas ao lado da estação República do metrô- à avenida Paulista, aos domingos.

“Não é fácil. Meu marido é congolês e tem diploma, mas, pela dificuldade em revalidar aqui, tivemos que empreender. Ainda assim aqui é bom, posso simplesmente ir à rua e vender o que faço”, afirma.

A música é outro ponto de contato entre as culturas imigrantes em São Paulo. Foi por meio dela que o trio de rap haitiano Surprise69 fez parcerias com artistas brasileiros para a gravação de seu primeiro álbum “Ayisyen Kila (Os Haitianos Estão Aqui)”, disponibilizado no Spotify em agosto.

As letras do grupo tratam de temas como o racismo e a desigualdade social, em letras que misturam o creóle, francês, inglês, espanhol e português.

Os Escolhidos, diferentemente do Surprise69, juntaram-se já em São Paulo. Os oito músicos, da Angola e República Democrática do Congo, frequentavam a mesma igreja na zona leste da cidade, a KCC. Eles planejam gravar um single com suas composições de rumba congoleza ainda neste ano.

Para quem se interessou em conhecer estes e outros negócios criados por imigrantes na cidade, a **sãopaulo** criou um guia, que pode ser conferido a seguir.

ÁFRICA

Congo

Congolinária

Da cozinha de Luambo Pitchou saem quitutes como o sambusa, um salgado que pode ser recheado com berinjela, cogumelos, abobrinha ou tomate, e o fufu, espécie de polenta. De sobremesa, há o omomba, um doce de biomassa de banana da terra e pasta de amendoim. Notou a ausência de carne? Todos os pratos do restaurante são veganos, como é comum na culinária de alguns países africanos. Para

arrematar, peça um Tangawasi, que pode vir como suco ou como drinque e, segundo Luambo, tem propriedades afrodisíacas.

Food park O Quintal de Casa. Rua Dr. Renato Paes de Barros, 484, Itaim Bibi. [facebook.com/congolinaria](https://www.facebook.com/congolinaria).

Congo Renabes

A imigrante Renee Ross-Londja nasceu e cresceu na Guiana Francesa, mas, como descendente de congolezes e casada com um, sempre teve uma identificação muito forte com essa cultura. O principal produto de seu artesanato é a abayomi, bonecas negras cujas roupinhas são feitas com retalhos de tecidos africanos —em SP, vendidos próximo à estação República. Quando não está em algum evento de artesanato, Renee vende seus produtos —falando pouco português, mas com um largo sorriso— na av. Paulista, ao lado da estação Trianon-Masp, aos domingos. [facebook.com/renabega](https://www.facebook.com/renabega)

Congo Os Escolhidos

A banda tem oito músicos e toca ritmos africanos como aguaya e a rumba congoleza. Os integrantes se conheceram na igreja KCC, em Arthur Alvim, na zona leste, o que se reflete nas letras de temas religiosos. As canções são escritas em inglês, francês e dialetos africanos. A banda planeja lançar um álbum com suas composições ainda neste ano.

Congo Lfcab

No quintal de sua casa, na Vila Matilde, o refugiado Omana Petench dá aulas de francês, inglês e das línguas africanas suaíli, lingala e fon. Também ensina sobre a culinária, cultura e geopolítica africana. Ex-professor universitário e ativista de direitos humanos em seu país, passou a ser perseguido, fugiu para o Brasil e ficou três anos e meio longe da mulher e filhos, que só chegaram a São Paulo neste ano. Agora, tenta viabilizar um centro cultural para crianças refugiadas por meio de financiamento coletivo e eventos. No dia 12, promove um almoço típico congolês com palestra, cujas verbas serão revertidas para o projeto. Rua Gregório Souza, 128, Vila Dalila. site: lfcab.org.

Tarde gastronômica e palestra “África, suas riquezas e problemas”. Sáb. (12): 11h30 às 15h. R. General Jardim, 660, Vila Buarque. Preço: R\$ 100. tel. 95893-3278

Marrocos Basma

A marroquina Basma El Halabi prepara quitutes do Marrocos, seu país natal, e também misturas com a culinária síria —aprendida com o marido, que conheceu no Brasil. Cuscuz marroquino, tajine e tabule são algumas das opções do cardápio. Food park O Quintal de Casa, r. Dr. Renato Paes de Barros, 484, Itaim Bibi. [Bibi.facebook.com/basmacozinhaoriental](https://www.facebook.com/basmacozinhaoriental)

Galeria Presidente

Não é à primeira vista que se percebe que o prédio atrás da Galeria do Rock virou um ponto de encontro de imigrantes de diversos países africanos. O térreo, primeiro andar e subsolo seguem com comércios brasileiros, especialmente ligados à cultura black e ao reggae, além da sede de torcida do São Paulo.

A partir do segundo andar, porém, a impressão é de se ter mudado de país. As placas são escritas em inglês, as conversas acontecem em idiomas africanos e as vitrines têm produtos como carne de cabra, farinha para fufu e clareadores de pele —cosmético difundido em países africanos. Há restaurantes nas pontas dos corredores, onde os imigrantes comem com as mãos, como é o costume.

Rua 24 de Maio, 116, República, tel. 3337-4168

ORIENTE MÉDIO

Síria

Talal Culinária Síria

O engenheiro Talal al-Tinawi e sua família chegaram a São Paulo em 2013, fugindo dos conflitos políticos e armados na Síria. Três anos depois, abriram o próprio restaurante a partir de uma campanha de financiamento coletivo. Mais de 800 pessoas contribuíram para a meta de R\$ 60 mil, que acabou sendo batida em R\$ 14 mil. “E só dez cobraram as recompensas!”, afirma Talal. Hoje, a casa emprega cinco funcionários de diferentes nacionalidades (Síria, Brasil, Congo, Togo e Angola). De segunda a sábado, o esquema é self-service a quilo, das 12h às 16h. No domingo, há cordeiro, churrasco sírio e o buffet tem valor fixo (de R\$ 32 a R\$ 42).

R. das Margaridas, 59, Jardim das Acácias, tel. 3360-2595. talalculinariasiria.com

Síria

Ogarett

Financiada pelo sírio Tarek Masarami, comerciante estabelecido no Brás há algumas décadas, a lanchonete emprega refugiados que ele conheceu na Mesquita do Pari. Serve shawarmas e esfirras.

R. Dr. Ornelas, 150, Canindé, tel. 94399-7734.

Síria

Damascus Doce Árabe

Com uma modesta porta na Cônego Eugênio Leite, um grupo de refugiados sírios serve quitutes árabes salgados e doces. Os donos ainda falam pouco português, mas compensam em simpatia e nas delícias.

R. Cônego Eugênio Leite, 764, Pinheiros. tel. 98310-5607. facebook.com/Damascus-Doce-Arabe

Palestina

Al Janiah

Foi na ocupação Leila Khaled que os cinco refugiados palestinos (um nascido no Brasil e outros quatro que viviam na Síria) se conheceram e se juntaram para abrir o bar. As referências políticas estão nas atividades culturais e até na carta de drinks - Palestina Livre, Retorno a Haifa e Jaffa Sunrise. Há também porções para dividir e

sanduíches, como os de falafel e kafta. Aberta em janeiro, a casa costuma lotar nos fins de semana.

R. Álvaro de Carvalho, 190, Centro, tel. 98392-9246. facebook.com/Al-Janiah-183073728713846

AMÉRICA CENTRAL

Haiti

União Social dos Imigrantes Haitianos

A Usih conseguiu, em janeiro, um acordo para alugar um antigo sobrado no Glicério, em troca da reforma do local. Para arcar com as obras, Fedo Bacourt, um dos coordenadores da união, iniciou uma vaquinha virtual, mas a meta de R\$ 30 mil está longe de ser batida. A ideia é que, com um imóvel em condições, o grupo possa dar apoio a refugiados haitianos que chegam a São Paulo, com aulas de português e preparação para o Enem. Enquanto isso, promovem e participam de eventos. usihaitianos.org. Financiamento coletivo: bit.ly/2cetGHn

Haiti Satellite Musique

O grupo de dez membros toca versões de músicas de compas, um ritmo haitiano com bastante percussão e riffs de guitarra caribenhos. Os integrantes se conheceram na Missão Paz, igreja no Glicério que é o principal ponto de apoio aos refugiados haitianos.

Haiti

Surprise69

Junto ao compas e ao rabòday, o rap é um dos ritmos mais disseminados no país caribenho. O trio estabelecido em São Paulo é formado por Negroflow, Mário Love e Realblack. Lançou neste ano o CD “Ayisyen Kila (Os Haitianos Estão Aqui)” e o videoclipe da música “Jistis”, com cenas gravadas na avenida Paulista.

<http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2016/11/1829396-imigrantes-trazem-novidades-gastronomicas-e-culturais-a-sao-paulo-veja-guia.shtml>